

CAV 50 ANOS



CENTRO DE CIÊNCIAS
AGROVETERINÁRIAS
UNIVERSIDADE DO ESTADO
DE SANTA CATARINA (UDESC)

Alex Morais

CAV 50 ANOS

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC

Reitor

Dilmar Baretta

Vice-Reitor

Luiz Antonio Ferreira Coelho

Pró-Reitora de Administração

Mariana Fidelis Vieira da Rosa

Pró-Reitor de Planejamento

Alex Onacli Moreira Fabrin

Pró-Reitora de Ensino

Sandra Makovieky

Pró-Reitor de Extensão, Cultura e

Comunidade

Alfredo Balduino Santos

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Letícia Sequinatto

CONSELHO EDITORIAL DA UDESC

Marcia Silveira Kroeff (Presidente)

Marcelo Gomes Cardoso (Secretário)

CEAD

Carmen Maria Cipriani Pandini (Titular) e

Tania Regina Da Rocha Unglaub (Suplente)

CEFID

Caroline Ruschel (Titular) e Carla Garcia

Hostalacio Barros (Suplente)

CERES

Danielle Rocha Benicio (Titular) e Carolina Stolf

Silveira (Suplente)

CEAVI

Dayane Dornelles (Titular) e Iraci Leitzke

(Suplente)

CEPLAN

Delcio Pereira (Titular) e Fernanda Hansch

Beuren (Suplente)

CEO

Denise Antunes De Azambuja Zocche (Titular) e

Rosana Amora Ascari (Suplente)

FAED

Fernando Coelho (Titular) e Luciana Rossato

(Suplente)

CCT

Gilmario Barbosa Dos Santos (Titular) e Regina

Helena Munhoz (Suplente)

CEART

Giselle Schmidt Alves Diaz Merino (Titular) e

Milton De Andrade Leal Junior (Suplente)

ESAG

Leonardo Secchi (Titular) e Fabiano Maury

Raupp (Suplente)

CESFI

Luiz Filipe Goldfeder Reinecke e Alexandre

Magno De Paula Dias (Suplente)

CAV

Veraldo Liesenberg (Titular) e Roseli Lopes Da

Costa Bortoluzzi (Suplente)

EDITORA UDESC

Fone: (48) 3664-8100

E-mail: editora@udesc.br

www.udesc.br/editorauniversitaria

CAV 50 ANOS
CENTRO DE CIÊNCIAS AGROVETERINÁRIAS
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA (UDESC)



FICHA TÉCNICA

Organização:

Alex Rodrigues de Moraes

Entrevistas:

Aline Andres e Alex Rodrigues de Moraes

Jornalista Responsável:

Aline Andres – JP 00747

Arte de Capa:

Marcelo Brito e Nativa Comunicação Integrada Ltda.

Projeto Gráfico:

Nativa Comunicação Integrada Ltda.

Suporte Técnico:

Aline Carraro Brito

Revisão Linguística:

Giovana Patrícia Bizinela

Agradecimentos:

Adair Walter Antunes, Ademar Tadeu Wolf, Ademir José Mondadori, Adil Knackfuss Vaz, Antônio Pereira de Souza, Aury Nunes de Moraes, Celso José Santos, Cleimon Eduardo do Amaral Dias, Clóvis Eliseu Gewehr, Décio Luiz Poli, Fernando Canella, João Fert Neto, Luiz Stolf, Nelson Sell Duarte, Paulo César Cassol, Sérgio João Dalagnol, Viviane Trevisan e Walter Hoeschl Neto.

Coordenação:

Adil Knackfuss Vaz, Peter Johann Bürger, Valter Becegato, Walter Hoeschl Neto, João Fert Neto, Décio Luiz Poli, Sérgio João Dalagnol e Tatiane Rosa Machado da Silva.

Supervisão:

Adil Knackfuss Vaz

Realização:

Direção Geral do Centro de Ciências Agroveterinárias (CAV) –
Udesc/Lages, SC

Florianópolis, SC - 2023

Esta é uma obra de cunho documental e apresenta fatos históricos da constituição à celebração do 50º aniversário do Centro de Ciências Agroveterinárias (CAV) (Udesc/Lages, SC)

Créditos Tipografia

Tipografia de capa do título: Tangerine – Copyright (c) 2010, Toshi Omagari

Tipografia de capa do autor: Caveat – Copyright (c) por Pablo Impallari

Tipografia do conteúdo: Georgia – Copyright (c) por Matthew Carter

ISBN-e: 978-65-88565-70-4

Selo editorial: Udesc

C568 CAV 50 anos: Centro de Ciências Agroveterinárias: Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) / Organização Alex Rodrigues de Moraes. - Florianópolis: Ed. UDESC, 2023.
130 p. : il.

ISBN: 978-65-88565-72-8

ISBN-e: 978-65-88565-70-4

1. Universidades e faculdades – Santa Catarina. 2. Universidades e faculdades – História. 3. Ensino superior. I. Moraes, Alex Rodrigues de. II. Universidade do Estado de Santa Catarina. Centro de Ciências Agroveterinárias (CAV).

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Leticia Lazzari CRB 14/1371
Biblioteca Central da UDESC

Março 2023

Este livro é dedicado à sociedade catarinense,
objetivo maior da existência do Centro de
Ciências Agroveterinárias.

PREFÁCIO

Um livro só é pouco para o CAV! Uma história riquíssima, cheia de recordações e feitos, com tantos protagonistas relevantes, torna difícil a seleção, que forçosamente tem que ser feita por motivos de espaço. Foi muito instrutivo para mim ter participado da edição deste trabalho. Aprendi muito, coisas anteriores a minha chegada ao CAV em 1986, mas também posteriores das quais eu não tinha conhecimento. É interessante, ao longo do texto, observar as diferentes opiniões, às vezes sobre os mesmos acontecimentos. Mas justamente essa pluralidade, que procuramos preservar, é que é uma das raízes do sucesso do CAV, pois ao abrigar pontos de vista diferentes, cumpre sua missão de ser verdadeiramente uma universidade – pois o termo universidade vem de universo, que compreende todas as coisas, mesmo as discrepantes.

Esperamos que ao apresentar este livro ao público, ele seja de leitura agradável, e que os nossos ex-alunos, professores e técnicos tenham suas memórias estimuladas pelas histórias aqui mostradas. Os entrevistados, que forneceram o espinhaço do texto, estavam inspirados! E muitas excelentes recordações foram capturadas nessas entrevistas; o que só nos deixa tristes é não termos como entrevistar mais participantes da nossa história, pois temos a certeza que muitos teriam coisas a acrescentar aos relatos.

Por isso, agradecemos a todos que contribuíram com suas experiências e recordações, e aos que não pudemos entrevistar, tenham a certeza de que pensamos em vocês também como parte da vida do CAV nestes 50 anos.

Dentre os entrevistados, queremos destacar dois, pelo número de fotos e documentos com que contribuíram: os professores Walter Hoeschl e Ademir Mondadori. Embora todos tenham contribuído grandemente, o volume de fotos e documentos desses dois se destacou.

Mais dois agradecimentos se impõem: à jornalista Tatiane Rosa da Silva e à equipe da Nativa Comunicação, e nesta, em especial às pessoas de Alex Rodrigues de Moraes e Aline Andres. Ambos não mediram esforços para que este trabalho fosse finalizado.

Ainda queremos lembrar o professor Clóvis Gewehr, em cuja gestão se iniciou o planejamento do livro, e o professor André Thaler Neto, que apoiou a sua conclusão. Ambos tiveram parcelas igualmente importantes nesse trabalho, e aqui deixamos nosso muito obrigado.

E, assim, que se perpetue a memória do Centro de Ciências Agroveterinárias da Udesc, e que por muitos anos continue a exercer sua missão na sociedade de Santa Catarina!

Professor Adil Knackfuss Vaz
Presidente da Comissão Organizadora do Livro CAV 50 Anos

CAV: ORGULHO DE SER A MINHA SEGUNDA CASA

Recebi com muita alegria e satisfação, como Reitor da Udesc (gestão 2020-2024), o convite para escrever algumas linhas sobre o nosso Centro de Ciências Agroveterinárias, o CAV, em Lages, SC, que completou a importante marca dos 50 anos. Mas, confesso que nada será suficiente para expressar tamanha relevância desse Centro de ensino na minha vida acadêmica e profissional, assim como o que representa a toda a nossa Universidade dos catarinenses.

Posso dizer tranquilamente que o CAV é a minha segunda casa. E por dois nobres motivos: a história começou lá em 1997, quando iniciei e, depois, em 2001, quando concluí o curso de Graduação em Agronomia nesse Centro de ensino. Muitas portas foram abertas durante o Curso e após a formatura. Um Curso que sempre foi referência em Santa Catarina e no Brasil, com professores excelentes. O segundo motivo foi ter realizado no CAV, nos anos seguintes, o Mestrado em Ciências do Solo, outro curso de excelência no Brasil. Depois, ainda mantive forte ligação com o Centro, como docente permanente do Mestrado e Doutorado em Ciências do Solo.

A verdade é que o CAV sempre nos enche de orgulho! É um dos Centros de ensino com uma das melhores estruturas da Universidade: biblioteca, laboratórios, fazenda experimental, hospital veterinário, além de disponibilidade de equipamentos que proporcionam aos alunos total imersão em seus cursos – o que, na prática, reflete na sociedade como um todo, na formação de profissionais qualificados ao mercado.

Foram cinco décadas, certamente, bem vividos para o CAV. Podemos afirmar que, quando falamos em Agronomia, em Engenharia Florestal, em Engenharia Ambiental e Sanitária e em Medicina Veterinária, o CAV é referência absoluta em Santa Catarina, no Brasil e internacionalmente. Não podemos deixar de ressaltar a excelência dos cursos de Mestrado em Ciências Ambientais, Mestrado em Engenharia Florestal, Mestrado e Doutorado em Ciências Animal, Mestrado e Doutorado em Ciências do Solo e Mestrado e Doutorado em Produção Vegetal. Além disso, recentemente, aprovamos internamente novos Doutorados que aguardam a recomendação da Capes.

Ao longo dessa história, esse Centro cravado no coração do Estado mostrou o seu valor com um ensino de excelência, uma pesquisa forte e uma extensão atuante. Construiu uma forte identidade com a Serra Catarinense. São inúmeras ações de ensino, pesquisa e extensão que podemos destacar nesse Centro, desde o desenvolvimento inédito de cultivares de morango até a criação de um teste rápido para detecção da Covid-19. Temos um laboratório de DNA, o pioneiro no formato público no Brasil! Mas seria injusto seguir citando nominalmente as iniciativas, tamanha a relevância de cada uma delas.

Na prática, a produção agropecuária é forte no Brasil muito por conta do papel das universidades, e podemos colocar, certamente, a Udesc e o CAV nessa lista. O avanço tecnológico no agronegócio e o avanço das pesquisas na área são frutos de estudos iniciados por nossos alunos e docentes, com o suporte dos nossos técnicos universitários.

Portanto, quero deixar meu muito obrigado ao CAV, a tudo o que esse Centro representou e representa para minha história e, ao mesmo tempo, parabenizar a comunidade caviana pelo legado deixado por esse Centro para a sociedade catarinense e para o Brasil. Tenho certeza que haverá ainda muita história e conquistas pela frente.

Professor Dilmar Baretta
Reitor da Universidade do Estado de Santa Catarina - Udesc

PALAVRA DO DIRETOR-GERAL DO CAV

A rica história relatada nas páginas deste livro demonstra que o CAV/Udesc já produziu muitos frutos, contribuindo fortemente para o desenvolvimento de Santa Catarina nas suas diversas áreas de atuação, seja na produção agropecuária e florestal, na saúde animal e humana, seja no meio ambiente e na educação. Ao longo desses 50 anos, diversos profissionais ajudaram a construir essa história, permitindo que o CAV disponha de uma destacada infraestrutura, possibilitando que profissionais competentes e de elevada formação possam exercer atividades de excelência no Ensino de Graduação e de Pós-graduação, na Pesquisa, na Extensão e na Inovação.

Dentre os frutos dessa história destacamos que, no momento em que o CAV completa seus 50 anos, já foram formados aproximadamente 5.980 profissionais entre Engenheiros Agrônomos, Engenheiros Ambientais e Sanitaristas, Engenheiros Florestais e Médicos-Veterinários. Mais de 1.500 teses e dissertações foram defendidas em nossos seis Programas de Pós-graduação (Ciências do Solo, Produção Vegetal, Ciência Animal, Engenharia Florestal, Ciências Ambientais e Bioquímica e Biologia Molecular).

Os egressos do CAV/Udesc atuam em todo o País e no exterior, carregando consigo o nome e a história da Universidade. Somos uma equipe de mais de 1.700 cavianos atuando no Campus, incluindo professores, técnicos administrativos, estudantes de Graduação e de Pós-graduação (mestrandos, doutorandos e residentes em Medicina Veterinária) e Pós-doutorandos. A Graduação e a Pós-graduação de excelência estão intensamente relacionadas com a pesquisa de qualidade, realizada em mais de 300 projetos em 98 laboratórios e com a interação com a sociedade, em mais de 100 ações e Programas de Extensão, nas mais diferentes áreas de atuação.

As condições materiais e humanas, assim como a excelência com a qual o CAV e a Udesc exercem suas atividades, permitem vislumbrar um futuro glorioso, ampliando sua contribuição para o desenvolvimento de Santa Catarina e de suas pessoas. Entretanto, diversos desafios se impõem em um futuro próximo. De um lado temos o rápido avanço tecnológico, inclusive na educação, exigindo de todos um elevado potencial de mudança e adaptação aos novos métodos de ensino e aprendizagem. Igualmente, a inovação e a internacionalização do CAV deverão ser as molas propulsoras para que possamos estar na vanguarda do conhecimento e da geração de ciência e tecnologia. De outro lado, a inclusão da Extensão Universitária nos currículos de todos os níveis de ensino permitirá uma aproximação ainda maior com a sociedade, porém exigirá um esforço muito grande de todos os entes da Universidade para um novo modelo de aprendizado em contado direto com a sociedade. Entretanto, para que todos os catarinenses usufruam dos benefícios disponíveis da Universidade pública, gratuita e de qualidade, muitos esforços serão necessários para que as pessoas com maior vulnerabilidade social e econômica possam acessar e se manter na Universidade, democratizando-a para toda a sociedade.

Esta Obra presta um tributo aos idealizadores e construtores da história do CAV, ao mesmo tempo que pode servir de inspiração para que o futuro se alicerce no legado já existente, buscando a interação entre presente, passado e futuro a fim de prosseguir, firmando a marca CAV/Udesc em cada pessoa que por aqui passou, como é o caso deste orgulhoso egresso do CAV.

Professor André Thaler Neto
Diretor-geral do CAV/Udesc

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CIÊNCIAS AGROVETERINÁRIAS: CRONOLOGIA DO ENSINO SUPERIOR

No Brasil	17
No Estado de Santa Catarina	20

CAPÍTULO I

ESCOLA SUPERIOR DE MEDICINA VETERINÁRIA (ESMEVE)

Pioneirismo	21
Memória: dos Laboratórios ao Hospital Veterinário	33

CAPÍTULO II

CENTRO DE CIÊNCIAS AGROVETERINÁRIAS (CAV)

Uma História Escrita com Muitas Mãos	39
--------------------------------------------	----

CAPÍTULO III

DESAFIOS, EXPANSÃO E CONSOLIDAÇÃO	51
Pesquisa, Novos Cursos e o Programa de Pós-graduação	61
Pandemia da Covid-19	84
Qualidade de Ensino na Pandemia	85

CAPÍTULO IV

CAV 50 ANOS: FATOS E RELATOS

Comunicação	87
Núcleo de Tecnologia de Alimentos (Nuta)	91
Medicina Veterinária Noturna, Odontologia e Zootecnia no CAV	94
Esporte e Cultura	99
Festa da Nona Fase	106
Personalidades	107
Lages e o CAV	110
50 Anos e o Futuro	112

HISTÓRICO	117
-----------------	-----

REFERÊNCIAS	125
-------------------	-----

INTRODUÇÃO

CIÊNCIAS AGROVETERINÁRIAS: CRONOLOGIA DO ENSINO SUPERIOR

No Brasil

Historicamente, as primeiras faculdades, designadas como Escolas de Ensino Superior, foram implantadas isoladamente no Brasil, a partir da transferência da Corte, de Portugal ao continente sul-americano no ano de 1808. Já as Universidades – instituições que englobam várias áreas do Ensino Superior dedicadas à pesquisa científica e formação profissional – foram instaladas no Brasil tardiamente, no século XX, enquanto no continente europeu, existiam desde o século XVI.

De forma cronológica, destacam-se as seguintes instalações no Brasil.

- Colégio dos Jesuítas – instituição de ensino do Brasil Colônia, instalada em Salvador, BA, entre os anos de 1553 e 1759, oferecendo curso de Teologia e Ciências Sagradas, voltadas à formação de sacerdotes.
- Em 17 de dezembro de 1792, na então capital, cidade do Rio de Janeiro, é fundada a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho. É considerada a precursora na formação de Engenheiros em toda a América Latina e destinava-se à formação de Oficiais do Exército Português, em cursos com duração de três anos, para Infantaria e Cavalaria, cinco anos para Artilharia e seis anos para Engenharia Militar.
- Com a chegada da Família Real liderada por Dom João VI, em 1808, até 1810 já haviam sido fundadas no Brasil: a Real Academia Naval e a Real Academia Militar. São do mesmo período, a criação da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro e dos Cursos Superiores de Medicina, sendo em Salvador a Faculdade de Medicina da Bahia na Universidade Federal da Bahia e, no Rio de Janeiro, a Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Já proclamada a Independência do Brasil de Portugal, em 1822, a partir de 1827 são instalados os Cursos Superiores de Direito, sendo Faculdade de Direito de Recife da Universidade Federal de Pernambuco, com sede em Olinda, e Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

Importante ressaltar que a população brasileira era basicamente formada por analfabetos em um país que passava por processos do fim do regime escravagista, da independência de Portugal e, mais tarde, da proclamação da República. O País encerra o século XIX com 24 instituições denominadas Faculdades de Ensino Superior, sendo somente no século XX realizada a criação da primeira Universidade no Brasil, a Universidade do Rio

de Janeiro, em 1920. Nesse momento histórico, já haviam 78 instituições similares nos Estados Unidos da América e, aproximadamente, vinte na América Latina, como a de San Domingo, fundada em 1538, e do Peru, de 1551. Apenas em 1930, com apoio do Governo estadual, é criada a Universidade de São Paulo (USP).

Especificamente sobre o ensino de Medicina Veterinária e Ciências Agrárias, destaca-se a verdadeira paixão de Dom Pedro II pela pesquisa científica, sendo este amigo pessoal e patrocinador dos estudos de Louis Pasteur, tendo inclusive o convidado para que residisse e trabalhasse no Brasil, fato que não veio a se concretizar. O Imperador também tinha amizade com personalidades do mundo artístico e científico, como Nietzsche, Emerson, Victor Hugo, Camille Flammarion e Julio Verne.

No ano de 1875, em visita à Faculdade de Medicina Veterinária de Alfort em Paris, França, Dom Pedro II motivou-se a realizar a implantação do referido curso no Brasil, o que não se concretizou durante sua vida.

Seu desejo tornou-se realidade apenas no período republicano, com a instituição da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária do Rio de Janeiro, criada pelo Decreto n. 8.919, de 20 de outubro de 1910.

Na sequência, no ano de 1913, é criada a Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, e em 1914, é inaugurada a Escola Veterinária do Exército, ambas no Rio de Janeiro. Também nesse ano, iniciavam-se as aulas da Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia.

No campo das Ciências Agrárias, o estudo é oficializado no ano de 1700 na Europa e o termo Agronomia ganha repercussão com a fundação do Instituto Nacional Agrônomo de Versailles, na França, embora haja relatos de que a expressão “agrônomo” já era ouvida nos tempos finais da Revolução Francesa. No ano de 1848 existiam 70 fazendas-escolas somente na França.

No Brasil, a importância do estudo agrário ganha força com o fim do trabalho escravo e a queda na produção agrícola, principalmente nas regiões Nordeste e Sul do País, com o deslocamento do poder econômico cada vez mais para a região Sudeste. A demanda crescente pela formação de profissionais e a reestruturação da produção agrícola no Brasil propiciam a criação de instituições de ensino, as quais destacamos de forma cronológica a seguir:

- 1875 – primeira Escola de Agronomia do Brasil, na cidade de São Bento de Lages, interior da Bahia.
- 1887 – Instituto Agrônomo de Campinas (IAC).
- 1894 – Escola Politécnica de Agronomia de São Paulo.
- 1900 – Escola Agrícola Prática São João da Montanha, Piracicaba, SP.
- 1901 – Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz, atual ESALQ.
- 1908 – Escola Superior de Agricultura de Lavras, atual ESAL.

Em 1915, a primeira mulher gradua-se como Engenheira Agrônoma, na Escola Superior de Pelotas, RS. No ano de 1940, a Escola de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais transforma-se em Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, atualmente, Universidade Federal de Viçosa, MG. Em 1973,

ocorre a criação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), a qual foi criada no mesmo ano da Escola Superior de Medicina Veterinária (ESMEVE), atual CAV, em Lages, SC.

Por sua vez, a história do ensino e formação da Engenharia Florestal remonta a José Bonifácio de Andrade e Silva, que no início do século XIX, com conhecimento em Biologia e interesse pela natureza, manifestou defesa às florestas brasileiras e combate ao desmatamento, sempre em crescimento acentuado desde a chegada dos portugueses ao Continente em 1500. No entanto, aqui, novamente, é Dom Pedro II quem proporciona o primeiro grande ato de conscientização, promovendo o reflorestamento da Floresta da Tijuca, no Rio de Janeiro, já devastada pela produção de café. Em 1940, a criação do Parque Nacional da Tijuca é símbolo do nascimento da consciência ambiental como profissão.

Merecem destaque:

- 1898 – a criação do Serviço Florestal de São Paulo.
- 1926 – a criação do Serviço Florestal do Ministério da Agricultura.
- 1941 – a criação do Instituto Nacional do Pinho.
- Primeiras décadas do século XX, o Engenheiro Agrônomo Edmundo Navarro de Andrade, da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, fortaleceu as primeiras análises e fomentos públicos para estudos do gênero *Eucalyptus*.

O ensino florestal acadêmico teve origem na Alemanha, na Academia Florestal de Tharandt, em 1911. No Brasil, o ensino florestal teve início ainda dentro das Faculdades de Engenharia Agrônoma. Entre 13 e 19 de setembro de 1953 foi realizado em Curitiba o I Congresso Florestal Brasileiro, com discussão sobre a profissionalização do setor e a necessidade da criação da Escola Nacional de Florestas. Em uma história controversa e de longa duração sobre onde deveria ser instalada a primeira faculdade, a primeira turma inscrita para aulas no Brasil dividiu-se entre as cidades de Viçosa, em Minas Gerais, e Curitiba, no Paraná, sendo que a primeira formatura aconteceu na capital paranaense, em 8 de dezembro de 1964, graduando-se, assim, os primeiros Engenheiros Florestais do Brasil.

O estudo da Engenharia Ambiental e Sanitária é bem mais recente, reportando diretamente aos problemas ambientais causados pela expansão da população mundial e a sua cultura do descarte, com avanço de tecnologias para sobrevivência ou conforto. Os primeiros passos como profissão ocorreram após a realização da I Conferência Mundial do Meio Ambiente, em Estocolmo, Suécia. A data de abertura do Evento, 5 de junho, foi adotada como Dia Mundial do Meio Ambiente. No Brasil, a grande motivação para abertura de cursos de formação de Engenheiros Ambientais deu-se a partir da II Conferência Mundial do Meio Ambiente, realizada no Rio de Janeiro, em 1992, intitulada ECO 92.

Embora um dos primeiros pedidos de criação do Curso de Engenharia Ambiental tenha partido da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), no Rio

Grande do Sul, a abertura do primeiro curso superior aconteceu na Fundação Universidade de Tocantins (Unitins), em Palmas, no ano de 1992.

O Ministério da Educação e Cultura (MEC) reconheceu o curso em 1994 e, no ano de 1996, mediante formatura da primeira turma, efetivou o reconhecimento. A data de formatura da primeira turma da Unitins foi também determinada como Dia Nacional do Engenheiro Ambiental (31 de janeiro).

No Estado de Santa Catarina

No início do século XX, o Estado de Santa Catarina não contava com oferta de cursos superiores ou mesmo profissionais graduados no campo das Ciências Agroveterinárias, embora, desde a primeira década, ações para o desenvolvimento desse setor da economia já estivessem sendo realizadas.

Um estudo organizado pelos Médicos-Veterinários Haupt e Rehaag em 1908, após detecção, por parte do Médico-Veterinário Doutor Carini, de casos de raiva em bovinos na região de Biguaçu, SC, iniciou o processo para o desenvolvimento de técnicas em prol de evitar a contaminação dessa doença em rebanhos locais. Na década de 1930 eram instaladas as primeiras Estações Experimentais no Estado. Em 1940, com a expansão da produção de suínos e a expansão das primeiras agroindústrias, surge o primeiro grande desafio em larga escala a ser resolvido por profissionais da Medicina Veterinária: a peste suína clássica, ocasionada por técnicas de criação livre e em razão de os animais ficarem expostos a diversos fatores naturais.

Em 17 de julho de 1961 é constituída a Sociedade Catarinense de Medicina Veterinária (SOMEVEESC). No ano de 1968, por meio da Lei n. 5.517, assinada pelo Presidente da República Costa e Silva, foi constituído o Conselho Regional de Medicina Veterinária de Santa Catarina (CRMV/SC).

Destaca-se, ao longo de todo esse período, a dedicação e o profissionalismo dos envolvidos no combate à febre aftosa, garantindo ao Estado de Santa Catarina, o pioneirismo no Brasil em receber o selo nacional e, posteriormente, internacional como Estado Livre da Febre Aftosa, antes mesmo que os países vizinhos da América do Sul. A primeira certificação foi conquistada em 1993 com o selo Estado Livre da Febre Aftosa e, no ano de 2007, por meio da Organização Mundial da Saúde Animal (OIE), com o selo Estado Livre da Febre Aftosa sem Necessidade de Vacinação.

CAPÍTULO I

ESCOLA SUPERIOR DE MEDICINA VETERINÁRIA (ESMEVE)

Pioneirismo

Com potencial em produção agrícola e criação de grandes animais, a cidade de Lages, no Planalto catarinense, recebeu em 1912 a instalação do primeiro Posto Zootécnico do interior de Santa Catarina, operacionalizado pelo Doutor Vincent e equipe europeia, com objetivo de ensinar os pecuaristas locais a desenvolverem novas técnicas de criação e produção em suas propriedades.

O êxito dos trabalhos proporcionou a realização das primeiras feiras agropecuárias na referida cidade a partir do ano de 1920. A percepção da necessidade de ampliação do conhecimento no setor agrícola ou pecuarista fez com que profissionais, moradores de Lages, buscassem formação em estados que já ofereciam cursos superiores nessa área. Foram estes os primeiros lageanos a se retornarem graduados para sua cidade natal: Lauro Ramos César, Marcos Baptista Ribeiro, Júlio Ribeiro Ramos, Armando Castro, Lourenço Waltrick e Edmundo Costa Campus.

A partir da década de 1930, são instaladas as primeiras Estações Experimentais, promovendo pesquisa e expansão da transferência de conhecimento ao produtor rural. Nesse momento, em Lages, além da transformação do Posto Zootécnico em base de pesquisa, também é fundada a Estação Fitotécnica, destinada ao tratamento de plantas nas lavouras. A Estação teve Lourenço Waltrick como primeiro diretor.

O êxodo rural por parte da juventude, que buscava as novidades e facilidades do trabalho e ganho garantido nos centros urbanos, já era uma realidade na década de 1940, e a preocupação com o futuro da produção no campo e administração das propriedades culmina na criação das primeiras Escolas Práticas de Agricultura de Santa Catarina, sendo instaladas nas cidades de Lages e de Canoinhas, no Planalto Norte.

Em Lages, é fundada a Escola Agrícola Caetano Costa, na data de 24 de junho de 1940, com missão de servir de base para o Ensino Técnico de 3º grau. Seu primeiro diretor foi Clóvis da Costa Ribeiro, que previa, desde então, que futuramente a Escola Técnica evoluiria para Ensino Superior. No ano de 1971, ela é transformada em Escola Agrotécnica de 2º grau.

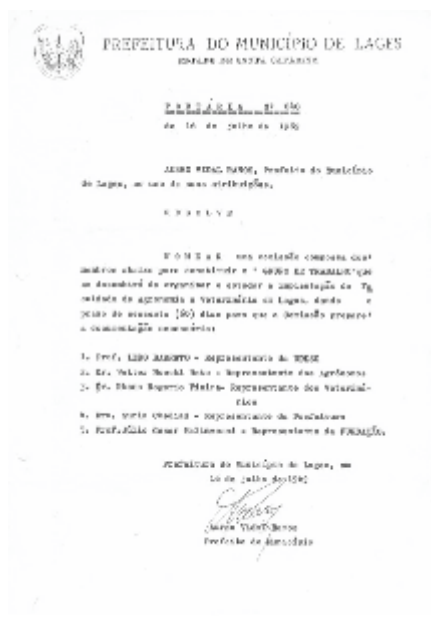
Foi no ano de 1963 que se iniciou o processo de implantação das primeiras Unidades de Ensino Superior no Estado de Santa Catarina. No ano de 1964 é criada a Faculdade de Educação (FAED), em Florianópolis, visando qualificação de profissionais para o Magistério. No ano seguinte, 1965, inicia o funcionamento da Escola Superior de Administração e Gerência (ESAG). No mesmo ano, é instalada a Faculdade de Engenharia de Joinville (FEJ).

Finalmente, em 2 de maio de 1965, pelo Decreto n. 2.802, é criada a Universidade, agregando os cursos superiores que existiam e funcionavam de forma isolada. Nesse mesmo ano, com base no artigo 79 da Lei n. 7.049/61, é

criado o estatuto da então intitulada Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina (Udesc), com sede na capital catarinense, Florianópolis, e unidade em Joinville.

Em Lages, desde o ano de 1963, almejava-se a criação da Faculdade de Agronomia, incluindo o manifesto do então Governador, senhor Celso Ramos, ao Presidente do Conselho Estadual de Educação, que indicou criação de grupo, coordenado por Clóvis da Costa Ribeiro, para estudo de viabilidade. A implantação do Curso Superior de Agronomia contava com o apoio dos engenheiros agrônomos já em atividade em Santa Catarina. No entanto, um relatório entregue em 1966 apontava inviabilidade da abertura da Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária em Lages, com estrutura adequada de laboratórios e corpo docente, em curto período de tempo. Apenas dois anos mais tarde, em 1968, um novo estudo solicitado pelo Escritório Técnico de Planejamento, da Fundação Educacional de Lages, acenava agora de forma positiva para a instalação da referida instituição.

O ano de 1969 mostra-se fundamental para o processo de abertura de um curso de Ensino Superior em Lages, após parceria firmada entre o Prefeito municipal, senhor Áureo Vidal Ramos, o Reitor da Udesc, Doutor Celestino Sachet, e o Governador do Estado, senhor Ivo Silveira. A Portaria n. 040, de 16 de julho de 1969 nomeava comissão para visita técnica em universidades de Agronomia e Medicina Veterinária já em atividade em outras regiões do Brasil, para conhecimento das necessidades de uma instalação de qualidade. Fizeram parte dessa comissão, os professores: Ledo Barreto, Walter Hoeschl Neto, Rheno Rogério Vieira, Júlio Malinverni e Suria Chedid.



*Nomeação para estudo da implantação da
Agronomia e Medicina Veterinária em Lages*

Finalmente, na data de 12 de dezembro de 1972, o Conselho Estadual de Educação, a pedido da Udesc, analisa o pedido de autorização assinado pelos professores Ledo Bareto e Suria Chedid, avalizando, naquele primeiro momento, somente a abertura da Faculdade de Medicina Veterinária, em Lages, já que o Curso Superior de Agronomia também era pleiteado pela já existente Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O ensino de Medicina Veterinária em Lages é confirmado pelo Decreto Federal n. 71.811, de 6 de fevereiro de 1973, publicado no Diário Oficial da União em 7 de fevereiro do mesmo ano.



Estrutura física no início das atividades da ESMEVE

Tendo como primeiro diretor o Professor Paulo Londero Sperb, como primeiro secretário o Professor Júlio César Malinverni e sendo denominada Escola Superior de Medicina Veterinária (ESMEVE), em 10 de abril de 1973, iniciam as aulas de Medicina Veterinária, primeira turma em território catarinense, dividindo as mesmas dependências da Escola Agrícola Caetano Costa, com novo bloco para salas de aula, construídas com apoio da Prefeitura Municipal de Lages. O curso superior oferecido foi reconhecido pelo Decreto Estadual n. 79.851, de 23 de junho de 1977.



Diretor Paulo Londero Sperb



Alunos da 1ª Turma de Medicina Veterinária da ESMEVE

Decreto nº 79851 de 29/06/1977 / MF - Ministério da Fazenda
(D.O.U. 30/06/1977)

CONCEDE RECONHECIMENTO AO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA,
DA ESCOLA SUPERIOR DE MEDICINA VETERINÁRIA, COM SEDE NA
CIDADE DE LAGES, ESTADO DE SANTA CATARINA.

DECRETO Nº 79.851, DE 23 DE JUNHO DE 1977.

Concede reconhecimento ao curso de Medicina Veterinária, da Escola Superior de Medicina Veterinária, com sede na cidade de Lages, Estado de Santa Catarina.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando das atribuições que lhe confere o artigo 81, item III, da Constituição, de acordo com o artigo 47 da Lei número 5.540, de 28 de novembro de 1968, alterado pelo Decreto-lei número 842, de 9 de setembro de 1969, e tendo em vista o Parecer do Conselho Federal de Educação nº 1.208-77, conforme consta dos Processos números 4.378-76 - CFE e 224.982-77 do Ministério da Educação e Cultura,

DECRETA:

Art 1º É concedido reconhecimento ao curso de Medicina Veterinária, da Escola Superior de Medicina Veterinária, com sede na cidade de Lages, Estado de Santa Catarina, mantida pela Fundação Educacional de Santa Catarina.

Art 2º Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 23 de junho de 1977; 156º da Independência e 89º da República.

ERNESTO GEISEL
Ney Braga

Desse período, relembra o Técnico Administrativo Adair Walter Antunes:

“Minha vida e de minha família está ligada a essa história. Um tio era professor na Escola Agrícola, outro tio era chefe de disciplina e meu pai, Aires Antunes, funcionário da mesma Escola e que, com a constituição da ESMEVE, passou a trabalhar pela Udesc no setor do almoxarifado. Eu vivenciei e conheci aquela estrutura com apenas oito anos de idade; mais tarde estudei lá e me formei como Técnico Agrícola. Em 1 de junho de 1976, entrei para a ESMEVE como datilógrafo, mais tarde assumindo a função de técnico administrativo. Minha mãe trabalhou aqui também no ano de 1983, após falecimento do meu pai. No ano de 1981 assumi a Secretaria Acadêmica, cargo onde fiquei até 15 de junho de 2010, quando continuei na Udesc, mas desde então na cidade de Balneário Camboriú. Como eu disse anteriormente, minha vida toda e da minha família está ligada à história do CAV.”

E acrescenta: *“Recordo com clareza da primeira turma de alunos da Medicina Veterinária, eram adultos, pessoas maduras entre 25 e 30 anos de idade, trabalhadores do campo em sua maioria, bem como os professores, todos com conhecimento prático da profissão.”*



*Momento de descontração da 1ª Turma de
Medicina Veterinária da ESMEVE*

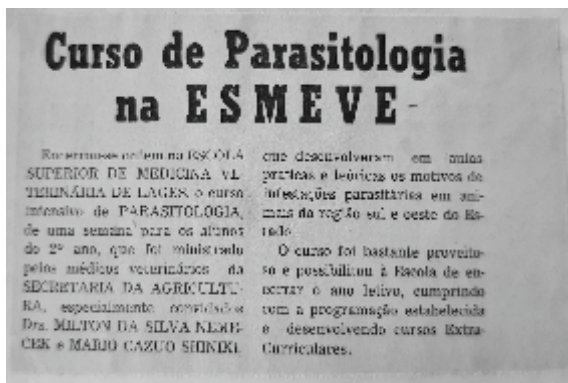


*Professor Celso José Santos com a 1ª Turma de
Medicina Veterinária*

O Professor Walter Hoeschl Neto destaca:

“Participei dos movimentos pela implantação do Ensino Superior em Lages e recordo momentos importantes, como a vinda do Governador Colombo Salles aqui na cidade. Nos reunimos junto ao Prefeito, Áureo Vidal Ramos, e o Presidente do Sindicato Rural, Benjamin Farias, e solicitamos audiência para falarmos sobre a instalação do Curso de Agronomia. Ao saber da pauta, o Governador disse imediatamente que tal realização era inviável. Contamos a ele, então, haver um estudo de viabilidade realizado a pedido da prefeitura de Lages, pelos seus próprios secretários, que apontavam positivamente para o projeto. Colombo Salles então questionou sobre a veracidade da informação, que lhe foi confirmada. Aproximadamente em 1972, em visita a uma exposição agropecuária na cidade, o assunto foi retomado, agora com o Governador acenando de forma positiva a uma possível instalação do Curso de Agronomia em Lages. Por fim, não aconteceu como previsto. O Curso de Engenharia Agrônoma seria levado para a capital, Florianópolis, sendo autorizada para Lages, naquele momento, a Escola Superior de Medicina Veterinária.”

Hoeschl continua: *“Sou lageano. Me graduei em Agronomia na Universidade de Pelotas, RS, retornei à Lages logo após formado e me matriculei no Curso de Ciências Econômicas na então FACESC, que funcionava no mesmo prédio do Colégio Estadual de Lages (CEL). Fui convidado a lecionar na disciplina de Matemática, e, mais tarde, assumi a grade de Trigonometria como professor substituto. Em pouco mais de um mês, assumi também a disciplina de Estatística, iniciando ali minha experiência na docência já na segunda fase da primeira turma, onde tive a honra de ser professor, entre eles, dos então alunos: Sérgio João Dalagnol e Ademir José Mondadori, que viriam a ter importante participação nessa história. Pouco tempo depois, assumi também a função de professor na disciplina de Melhoramento Animal. Então, das reuniões em prol da abertura do curso, quando percebi, estava em sala de aula, contribuindo com a efetivação daquele grande projeto”, finaliza Hoeschl.*



Cursos da ESMEVE começam a ganhar destaque na imprensa

Vindo para a cidade de Lages para lecionar na ESMEVE, o Professor Antônio Pereira de Souza recorda:

“Me formei na Universidade de Santa Maria, RS, no ano de 1973, mesmo ano do início das atividades do CAV, ESMEVE naquele momento. No ano seguinte cheguei a Lages para lecionar, sob direção na época do professor Paulo Londero Sperb. Minha primeira disciplina foi Simbiologia. Mais tarde fui convidado a lecionar Parasitologia e acabei por trocar de disciplina e me firmar nessa última. Recordo com clareza que eu já estava acostumado com uma boa estrutura universitária, vindo de Santa Maria, que já era reconhecida por sua qualidade. Chegando em Lages, encontrei uma estrutura precária, inclusive com professores trabalhando em dupla função para compensar o salário. Apenas o Professor Luiz Heitor Vasconcelos da Silva, que chegou até aqui através de uma instituição do Governo e acabou por lecionar Anatomia a meu convite, tinha carga horária suficiente para se dedicar integralmente à docência. Havia deficiência de equipamentos nos laboratórios, no entanto compensava pela experiência dos professores, todos acostumados com o trabalho no campo e que, desde o início das atividades do CAV, mantiveram aulas práticas, levando os alunos para dentro das agroindústrias ou propriedades rurais para acompanharem as jornadas de trabalho. O ensino prático aliado à teoria sempre foi nossa característica.”

Também relatou recordações daqueles primeiros anos de atividade, o Professor Luiz Stolf, aluno da primeira turma de Medicina Veterinária da ESMEVE:

“Minha história com o CAV, na época Escola Superior de Medicina Veterinária, começa em 1973 quando ingressei como acadêmico na primeira turma, e, quando percebi, haviam passado 32 anos na instituição seguindo carreira como docente. Logo após minha formatura em 1976, iniciei um curso interno de Magistério e fui selecionado para assumir a disciplina de Clínica Médica. Fomos eu e mais quatro colegas que saímos do banco acadêmico direto para a docência: Dorlete da Silva Nascimento Bispo, Waldomiro Belatto, Ari Cola, que ficou na docência por um curto período, Ademar Wolf e eu.”



*Professora Dorlete da Silva
Nascimento Bispo*



Professor Waldomiro Belatto

Stolf continua: “Eu morava e trabalhava em Clínica Veterinária em Curitiba, sem ligação alguma com a cidade de Lages. Já havia completado o curso de Técnico Agrícola e, ao saber do vestibular da ESMEVE, me inscrevi e vim para cursar Medicina Veterinária. Na época, parte das instalações do Colégio Agrícola serviam de estrutura para o curso superior que iniciava. Os professores eram profissionais locais ou recém-chegados na cidade. Destaco aqui os professores: Celso José Santos, Roberto Assis de Bem, Narciso Guilherme da Silva, Luiz Heitor, Ernani Borges, este da segunda turma, Sebastião Ivone Vieira, que era Bioquímico, Braz Francisco de Assis Moreira, Maria Helena da Genética e a Professora Suria Chedid, que lecionava Estudo dos Problemas Brasileiros, em pleno período de Regime Militar no Brasil. Alguns destes não recorro o nome completo, mas lembro de cada aula que tivemos com eles. Todas eram disciplinas obrigatórias. Optativas não havia naquele primeiro momento.”



Guia de Trabalhos Práticos da ESMEVE, 1973

“Um fato que destaco, particularmente muito especial, é que fui o primeiro residente do Hospital Veterinário, inclusive morando nas dependências do Hospital junto com o meu colega Feliciano Macieski. A Residência Acadêmica em regime de internato se desenvolveu durante muitos anos e proporcionava uma experiência prática muito importante para o aprendizado da profissão. A cada troca de turmas, era dado preferência a alunos que manifestassem interesse nesse formato de residência, e como éramos, até então, a única turma de Medicina Veterinária em Santa Catarina, isso dava muita visibilidade. Houve um período que as empresas do setor, em São Paulo, davam ampla preferência para profissionais que haviam sido alunos na ESMEVE, depois CAV, pois tinham conhecimento que as aulas práticas eram o grande diferencial”, finaliza.

O Professor Sérgio João Dalagnol complementa:

“Minha história no CAV é de muito carinho e orgulho, pois iniciei como aluno em 1974 e cheguei a assumir função de Coordenador do Curso de Medicina Veterinária entre os anos de 1986 e 1988 e, posteriormente, de Diretor Geral entre os anos de 1988 e 1992. Destacando ainda que fui funcionário de forma paralela ao estudo, de 1974 a 1983, e, como professor, lecionei até o ano de 2015.

Toda essa trajetória teve início quando meus pais vieram do Rio Grande do Sul para Lages, e eu tinha apenas 10 meses de idade. Quando adolescente, fui aluno da Escola Agrícola Caetano Costa, em regime de internato, entre 1965 e 1968. Fiz vestibular para Engenharia Química no Estado do Paraná, mas não obtive sucesso, permanecendo em Curitiba para fazer cursinho pré-vestibular. Ao saber da abertura do Curso de Medicina Veterinária em Lages, retornei, prestei vestibular e ingressei na segunda turma, ano de 1974, e, hoje, olhando para trás, digo que faria tudo de novo.”

Dalagnol continua: *“Lages já era referência na pecuária, o que garantia que os primeiros professores tivessem muita experiência no campo. Recordo que houve rejeição dos profissionais referente à abertura do curso superior, por questões de reserva de mercado, concorrência e outros motivos até políticos de diferentes regiões. Mas o curso inaugurou e, desde os primeiros momentos, mesmo diante de tanta dificuldade, foi um sucesso. Tive a oportunidade de ser aluno e funcionário no mesmo período de tempo. O professor Paulo Stern, então Diretor da Escola Agrícola, precisava de um funcionário, e ele me conhecia, pois havia sido aluno interno anteriormente à ESMEVE, assim, em uma época em que não havia concursos públicos, fui convidado a trabalhar no Departamento Financeiro. Executava minha função durante o dia, nos intervalos das aulas, à noite e finais de semana, quando necessário. O importante era dar conta das duas funções: estudante e profissional.*

Recordo que o entrosamento entre professores, equipe de trabalho e acadêmicos era muito grande. Mesmo em turmas de 40 alunos, havia muita amizade e companheirismo, sabíamos os nomes de cada integrante da então ESMEVE e dividíamos itens para o estudo, que, naquele momento, eram escassos. Na fase inicial, o Curso de Medicina Veterinária era realizado em apenas um pavilhão e acontecia em paralelo às aulas da Escola Agrícola e, o

que hoje soa como estranho, em um mesmo laboratório, havia o estudo de Microbiologia com bactérias, junto com Parasitologia, que trabalhava com excrementos de animais. Mas, naquele momento, necessitava que fosse dessa forma, pois havia muito pouca estrutura. O que comprova essa dificuldade inicial são fatos como a falta de recursos para compra de reagentes para uso em laboratório e compra de microscópios, que precisaram ser devolvidos por falta de pagamento. No entanto, a qualidade do ensino sempre foi referência, pois havia um desejo, por parte de todos os envolvidos, para que aquele projeto fosse um sucesso. Destaco nomes como do Professor Roberto Assis de Bem, que havia feito Mestrado na França, e Professor Aloísio Marcondes César; eles tinham muito conhecimento, classifico até como uma experiência absurda, e todo esse conteúdo era repassado integralmente a nós, alunos.” Conclui o Professor Sérgio João Dalagnol.



Acadêmicos com o Professor Roberto Assis de Bem



Aula prática com o Professor Roberto Assis de Bem

O Professor Ademir Mondadori contribui:

“Sou natural do município de Ipê, no Rio Grande do Sul, mas vim morar em Lages com meus pais em 1960. Trazia comigo o desejo de cursar Medicina Veterinária, mas o curso não existia em Santa Catarina. Chegada a hora de escolher um curso superior, optei por Ciências Sociais. Ao iniciar o curso na ESMEVE em 1973, soube que professores eram experientes, ou do mercado de trabalho, ou da vida acadêmica, principalmente de Porto Alegre e Curitiba. Em 1974, prestei vestibular e integrei a terceira turma, me formando em 1978. Com experiência anterior na docência, inclusive no Mobral nas disciplinas de História e Geografia, em 1980, apenas dois anos após formado, tive a oportunidade de iniciar uma trajetória como docente no CAV, na disciplina de Patologia Animal. Assim, dei continuidade em um trabalho que foi para toda a minha vida, pois, além da docência, fui Diretor-geral entre 1994 e 1998 e reeleito de 1998 a 2002.”

Continua Ademir: *“Desde os primeiros anos de atividade, o CAV obteve sucesso na abertura de novas turmas; eram duas por ano, 40 alunos por turma, em uma demanda que variava entre 300 e 400 candidatos, normalmente alcançando uma procura de 15 por 1. Esses números também representavam um impacto na sociedade lageana, porque, ao menos durante os primeiros dez anos, 80% das matrículas eram de alunos de outras cidades e de outros estados, e muitos destes mantiveram família ou negócios na cidade após suas graduações. Na época da Escola Agrícola Caetano Costa e primeiros anos da ESMEVE, toda a área ao redor era de terrenos sem edificações, que foram se moldando conforme o CAV expandia. Recordo com clareza que, dos 40 alunos da primeira turma, apenas cinco eram lageanos. Vale ressaltar um fato importante para o crescimento da ESMEVE e futura transformação em Centro de Ciências Agroveterinárias (CAV), que foi no ano de 1978, a transferência da Escola Agrícola Caetano Costa para o município de São José do Cerrito, ficando toda a estrutura local, então, para uso da Udesc/CAV.”* Conclui Mondadori.

O Professor Adelmar Tadeu Wolf complementa: *“Meu primeiro contato com o CAV aconteceu já no vestibular de 1973, concorrendo a uma vaga na primeira turma. Meu desejo sempre foi estar em um curso da área de Biomédicas, e, ao abrir a Medicina Veterinária em Lages, procurei imediatamente e tive a honra de pertencer à primeira turma. Nós, pioneiros, pegamos uma estrutura precária. O único prédio era compartilhado com as dependências do Colégio Caetano Costa, até que a ala da Medicina Veterinária estivesse pronta. Mas recordo sermos alunos muito participativos. Fato curioso é que, na época, ao encontrarmos animais mortos, já com a ossada em exposição, trazíamos para estudo nas aulas de Anatomia, que, como eu disse, tinha estrutura precária.”*

Wolf continua: *“Tivemos a felicidade de termos professores que atuavam há tempos no campo ou no mercado de trabalho. Talvez não fossem didaticamente perfeitos, mas tinham muita experiência prática, muito conhecimento e transmitiram isso para sala de aula. Então, logo que a primeira turma estava graduada, houve um concurso público para a Secretaria de Agricultura em que, das sete vagas disponíveis, cinco foram*

ocupadas por egressos do CAV, o que já mostrava a qualidade do ensino. Como na abertura do curso superior houve algumas contestações em Lages, com acusações de que seriam formados sub-profissionais, nossa dedicação era ainda maior para reverter essa imagem, o que deu certo. Desses cinco ex-alunos aprovados no concurso estavam: eu, Adelmar, Juarez Stradiotto Neto, Luiz Marcos Cruz, Carlos Abel Piccinin Schmidt e Terezinha Ramos, todos selecionados para trabalho técnico na área de Sanidade Animal, com ações voltadas à campanha de vacinação contra a Febre Aftosa.”

E conclui: “Embora aprovado na Secretaria de Agricultura, após me formar em 1976, no mês de março seguinte, fiz também concurso público para professor de Fisiologia para o CAV, fui aprovado, e, a partir daí, com apenas 15 dias na Secretaria, iniciei minha história de 32 anos com o Centro de Ciências Agroveterinárias de Lages.”

Memória: Dos Laboratórios ao Hospital Veterinário

O Professor Antônio Pereira de Souza destaca:

“Quando cheguei ao CAV o único laboratório com alguma estrutura para funcionamento era o de Bioquímica. Eu assumi o Laboratório de Parasitologia, que não tinha absolutamente nada. Uma enorme sala com um microscópio sobre uma mesa. Fui até o almoxarifado e questionei o que seriam todas aquelas caixas fechadas e qual meu espanto ao saber que se tratavam de microscópios, os quais solicitei imediatamente serem levados para a sala do laboratório, juntamente com uma estufa que estava obsoleta junto à Bioquímica. Posso dizer que aquele empréstimo nunca mais teve devolução. Quando foi inaugurado o Curso de Medicina Veterinária, foi construído um prédio novo para comportar salas de aula e o restante do espaço ainda era o antigo prédio da Escola Agrícola. Então, o refeitório dos alunos internos da Escola foi adaptado para se transformar na primeira versão do Hospital Veterinário, que desde a sua abertura, já atendia à comunidade local tanto para pequenos quanto para grandes animais.”

Conforme o Professor Luiz Stolf:

“Nosso único laboratório bem montado, que podemos chamar de completo, era o do Professor Sebastião na disciplina de Bioquímica. Os demais laboratórios foram montados aos poucos, e, em um comparativo de como realmente era, não havia sequer esqueletos para serem estudados durante as aulas de Anatomia. O Hospital Veterinário, inaugurado em 1975, foi o grande ponto de aprendizado, porque, ao atender a toda a comunidade, de forma interna e também no campo, se adquiria muita experiência, especialmente no meu caso, como destaquei, sendo o primeiro aluno residente de sua história.

O início foi de extremo pioneirismo. Nos finais de semana, na casa de meus pais, comíamos carne de galinha, e eu separava ossos de sobrecoxas para levar na segunda-feira e utilizá-los nas aulas de Anatomia, pois não havia esqueletos no laboratório.” Complementa.



ESMEVE nos meios de comunicação

Adair Walter Antunes, relembra:

“Onde atualmente está o Hospital Veterinário era o campo de futebol da Escola Agrícola, sendo que a primeira estrutura do Hospital foi construída no que seria o refeitório da Escola. Por sua vez, o prédio para receber a Medicina Veterinária foi edificado sobre a então horta dos alunos internos da Caetano Costa, ou seja, tudo foi se adaptando para receber o novo curso. Foram obras precursoras que iniciaram o processo de expansão. Naquele tempo, todo o terreno do campus pertencia à Fundação Educacional de Santa Catarina (FESC), mesma proprietária do terreno em São José do Cerrito, para onde a Escola foi transferida mais tarde.”

Personagem presente nas primeiras páginas dessa história, o Professor Celso José Santos relata:

“Esta é uma história que eu jamais vou esquecer, o momento inicial, o começo do começo... Me graduei em Curitiba em Medicina Veterinária, e soube que iria abrir uma Escola Superior na minha área na cidade de Lages, Santa Catarina. Me mudei então para essa cidade sem ao menos saber como iria sobreviver aqui. Cheguei em março de 1973, dois meses antes das aulas iniciarem efetivamente. Consegui vaga como professor em dois cursinhos pré-vestibular, o que me manteve financeiramente por esse período. Em Lages, conversei com o Professor Paulo Sperb, pessoa discreta, inteligente e aberto a boas conversas, com quem assumi juntamente a responsabilidade de dar início às aulas da então ESMEVE. Fui designado como um representante do curso junto ao então reitor da Udesc, senhor Celestino Sachet. Após todo o processo burocrático de aprovações e autorizações, vimos que faltava tudo para dar início às aulas, e o que vinha da antiga Escola Técnica precisava ser descartado. Não havia um equipamento, uma mesa sequer.

A partir daí, começamos a discutir a estrutura curricular, a carga horária por semestre, as disciplinas, que na época previam até mesmo a Educação Física, além de matérias obrigatórias por estarmos sob Regime Militar, como a disciplina Estudo dos Problemas Brasileiros. Naquele momento, assumi a cadeira de Histologia e Embriologia. Recordo que o Professor Narciso Guilherme da Silva, o qual assumiu Anatomia 1 e 2, compareceu apenas uma vez e nunca mais retornou. Tínhamos Roberto Assis de Bem como professor assistente, e, no segundo semestre de 1973, assumi também a disciplina de Citologia. Hoje me dirijo àquele período como Marco Zero do CAV.”



Sala de aula com o Professor Celso José Santos

Celso José Santos continua: *“Um momento marcante foi o convite que fizemos ao Doutor Mozer Pereira Soares, professor de Anatomia em Porto Alegre, autor de vários livros, membro da Academia de Letras de Porto Alegre e autor da tese Concepções Anatômicas Segundo Aristóteles (1950), para nos auxiliar naqueles primeiros passos da Escola Superior em Lages. Ele aproveitou a visita à cidade e organizou um evento para apresentação de seu trabalho intitulado Sobreviventes dos Andes, referente ao caso famoso do acidente aéreo com canibalismo, fato que impactou a comunidade com toda aquela bagagem filosófica e foi como um cartão de visitas do novo curso de Medicina Veterinária que ali se instalava. Foi Doutor Mozer que realizou o primeiro sacrifício animal, nascendo ali o estudo de Anatomia. Era o primeiro bovino, imerso no primeiro tanque, diante dos alunos da primeira turma.”*

Santos continua: *“Conseguimos as primeiras cadeiras para os alunos e um microscópio de terceira linha, para o qual não tínhamos lâminas para o corte e estudo dos tecidos. Aproveitei minha rede de contatos em Curitiba, viajei de carro próprio até a capital do Paraná e busquei ajuda diante de minha colega, Professora Edinei, que lecionava Citologia na Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde eu havia sido aluno de seu marido. Ela ouviu pacientemente o meu relato com todos os problemas estruturais e então me presenteou com 30 caixas de lâminas novas. Uma conquista! Voltei para Lages com equipamentos que permitiam dar sequência aos estudos. O pioneirismo era tanto que, na falta de um retroprojeto, arrancávamos páginas de livros de Anatomia Animal e colocávamos no Episcópio, projetando as imagens na parede. Nosso mantra naquele momento era: A Necessidade Faz a Prática.*

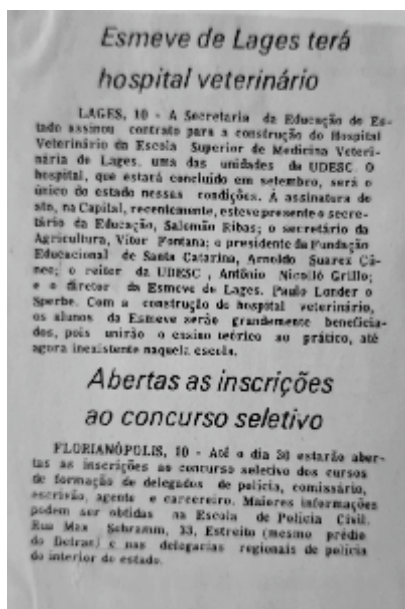
Alguns nomes importantes: Professor Heitor Vasconcelos veio do Rio Grande do Sul e assumiu minhas disciplinas para que eu me dedicasse à Clínica Cirúrgica. Roberto Assis de Bem se destacava após seus estudos de embriões em raças nobres, disciplina de Fisiologia de Reprodução, na França. Vindo da Dinamarca em busca de uma cidade igualmente fria no Brasil, chegou o Professor Luiz Carboni, autor de tese sobre Microscopia Eletrônica. Também o Professor Antônio Êneo dos Santos, popular Antônio Feio, trabalhava com Anestesiologia no hospital local de Lages, entrou para a ESMEVE e passou a trabalhar com o Professor Assis de Bem em transplantes de embriões. Foi o primeiro momento de parceria entre Medicina Veterinária e Humana. Antônio Feio, então, assumiu a disciplina de Farmacologia. Cada galpão da Escola Agrícola era aproveitado, cada espaço virava uma sala de aula.”

Sobre o Hospital Universitário, o Professor Celso José Santos contribui:

“As adaptações para constituir a primeira versão do Hospital Veterinário estavam prontas já durante as aulas da primeira turma, mas era tudo muito precário, com uso de anestésicos primitivos, que nós mesmos dizíamos: 'Coitados dos animais'. Embora precisássemos de tudo, mesa cirúrgica, mesa auxiliar, conseguimos tudo, inclusive o uso de anestésico humano permitido para uso na Medicina Veterinária. Fui convidado para

assumir a função de Diretor do Hospital Veterinário, mas recusei e votei no recém-chegado de Porto Alegre, Professor Aldo Paez Martins, que assumiu o cargo. Construímos alas grandes com anexos menores, onde era possível atender tanto grandes quanto pequenos animais.”

E conclui: “Algumas recordações que permanecem até hoje é que fui professor de Luiz Stolf, que viria a se tornar nome importante no então CAV. Também das primeiras reuniões que fiz com a Comissão responsável pela implantação do curso em Lages, que contava com nomes como Bruno Barreto, Walter Hoeschl, Rogério Viana... Certa vez me reuni com Júlio César Malinverni para discutir problemas relacionados ao início dos processos, e ele ficou desconfiado de minhas intenções, porque eu era de fora, Curitiba, e estava ali interessado em ingressar em um projeto que eles estavam tratando desde o primeiro momento. Sem dúvida não esqueço que fui Patrono da I Turma de Medicina Veterinária da ESMEVE. Finalmente, em 1990, por motivos particulares, rompi minha carreira acadêmica, assumi função de Diretor da Associação de Criadores de Bovino e trabalhei com compra e venda de gado em toda a América do Sul e do Norte e, desde aquele ano, infelizmente, nunca mais retornei em visita ao CAV, o que é um sentimento triste que trago comigo até os dias de hoje.”



Construção de Hospital Veterinário ganha destaque nos meios de comunicação

O Professor Adelmar Tadeu Wolf contribui:

“Nós iniciamos os estudos no ano de 1973, e a estrutura do Colégio Agrícola Caetano Costa foi transferida para um terreno pertencente à Fundação Educacional de Santa Catarina (FESC), no ano de 1975. Foi então que passamos a utilizar a estrutura física completa da ESMEVE, e iniciou o processo de adaptar o antigo refeitório da Escola para a primeira versão do Hospital Universitário. A primeira modalidade de trabalho no Hospital foi em regime de internato, e os dois alunos pioneiros foram Luiz Stolf, que hoje tem clínica bem-sucedida em Lages, e Feliciano Macieski, que hoje tem clínica em Joinville. Quando era recebido um caso mais complexo, eles buscavam auxílio com os professores, que, por sua vez, chamavam os alunos para acompanharem e aprenderem com os processos. Recordo que o Hospital Veterinária sempre esteve aberto para a comunidade local, o que era muito bom para o público e excelente para os alunos.”

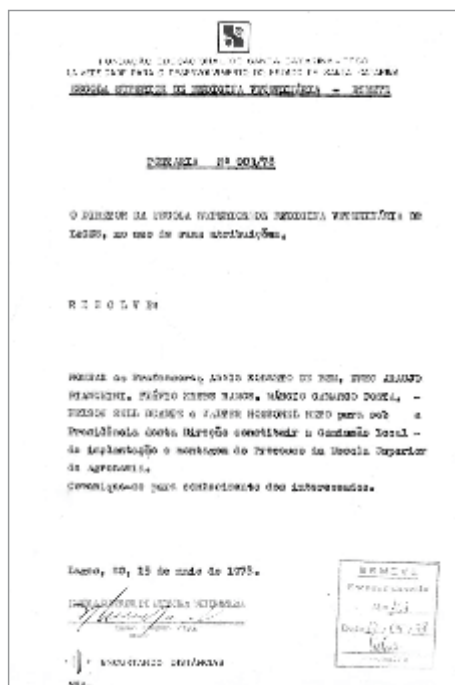
Continua Adelmar: *“Quanto aos laboratórios, uso o termo 'pioneirismo', porque realmente todo mundo abraçou a causa para reverter aquele início precário. Foram fechadas parcerias entre a Udesc e o prefeito da época, Áureo Vidal Ramos, em uma linha de: 'A prefeitura entra com estrutura física e a Udesc, com equipamentos'. A Udesc havia sido pioneira em cursos de Administração, mas na área de Biomédicas não havia sequer noção do que era necessário para compor um laboratório, como de Bioquímica, por exemplo: vidraria, reagentes... ou na Citologia: corante, lâmina, microscópio. Mas podemos dizer que aquele pioneirismo resultou em algo muito grande e completo, como a história mostrou nesses 50 anos.”*

O ano de 1978 é também marcado pela retomada do processo em prol da instalação do Curso de Engenharia Agrônoma nas dependências da ESMEVE, que, denominada como Escola Superior de Medicina Veterinária, precisaria de uma nova nomenclatura.

CAPÍTULO II

CENTRO DE CIÊNCIAS AGROVETERINÁRIAS (CAV): UMA HISTÓRIA ESCRITA À MUITAS MÃOS

Em paralelo às formaturas das primeiras turmas de Medicina Veterinária, no ano de 1977, os diretores do Núcleo de Engenheiros Agrônomos de Lages, Raul Zucatto e Ildegardis Bertol, mesmo diante de reações contrárias de profissionais do Estado de Santa Catarina, manifestaram-se favoráveis à criação do Curso de Agronomia, desde que fosse implantado na cidade de Lages. No ano seguinte, precisamente no dia 3 de julho de 1978, o então Diretor-geral da ESMEVE, Professor Rheno Rogério Vieira, nomeou comissão para elaboração de carta consulta e demais providências para instalação do Curso. Integraram essa comissão, os professores: Flávio Krebs Ramos, Walter Hoeschl Neto, Êneo Araújo Bianchini, Assis Roberto de Bem, Nelson Sell Duarte e Márcio Camargo Costa. O projeto encontrou apoio do Reitor da Udesc, Doutor João Nicolau Carvalho.

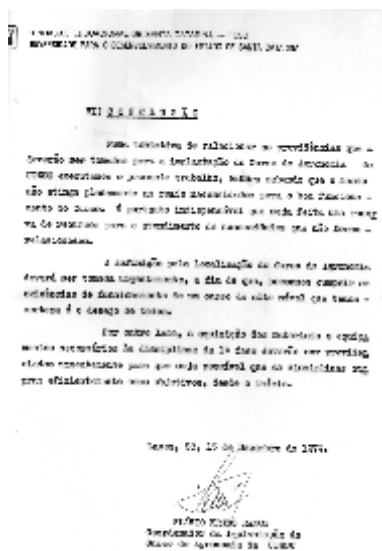


*Portaria prevendo processo de abertura
do Curso de Agronomia, 1978*

Os desafios concentravam-se em barreiras impostas pelos próprios Engenheiros Agrônomos em atividade no Estado de Santa Catarina, com alegação referente ao excesso de profissionais graduados e desempregados, com previsão de aumento desse número com a abertura de um novo curso superior, professores do Curso de Medicina Veterinária temendo a concorrência interna entre turmas da ESMEVE e forças políticas de outras regiões catarinenses que, por sua vez, desejavam a instalação do Curso em suas cidades de atuação.

Reuniões de conscientização foram organizadas por Flávio Krebs Ramos com os profissionais da área. A partir da troca da Reitoria da Udesc, naquele momento, assumindo o Professor Lauro Ribas Zimmer, houve o compromisso de continuidade do processo e implantação do Curso na Udesc e na cidade de Lages. A própria Associação Comercial e Industrial de Lages (ACIL), por meio de seu presidente, o jornalista José Paschoal Bagio, realizou encontro com comerciantes e empresários locais, convidando o diretor Flávio Krebs Ramos para apresentar defesa da importância desse Curso no desenvolvimento profissional e econômico de toda a região.

As manifestações de apoio ganharam força e chegaram à Presidência da República, Ministros de Estados, Governador, Secretários de Estado, Assembleia Legislativa e Prefeituras Municipais do Planalto catarinense. Com a aprovação da Carta Consulta, coube aos Professores Flávio Krebs Ramos, Walter Hoeschl Neto e Êneo Araújo Bianchini, a responsabilidade para elaboração do plano de curso e sua aprovação no Ministério da Educação e Cultura (MEC). Cumpridas todas as etapas, em 27 de setembro de 1979, mediante o Decreto de Lei n. 84.034, era autorizado o funcionamento do Curso de Agronomia na Udesc, a ser implantado na cidade de Lages.



*Documento relativo à abertura
do Curso de Agronomia, 1979*

Assim, em janeiro de 1980, era realizado o primeiro vestibular, com funcionamento do Curso a partir de 3 de março do mesmo ano, tendo o Diretor-geral da ESMEVE, Rheno Rogério Vieira, nomeado o Professor Flávio Krebs Ramos como primeiro coordenador. Na precariedade do momento com relação à estrutura física, as turmas de Medicina Veterinária e a primeira turma de Agronomia dividiam espaço físico, cabendo a responsabilidade de coordenação da construção de área física específica para o novo Curso ao Professor Antônio Rogério de Macedo.

Fato marcante ficou registrado na data de 17 de abril de 1980, quando, por meio de Portaria n. 262, da Reitoria da Udesc, a denominação Escola Superior de Medicina Veterinária (ESMEVE) deixa de existir, passando a ser denominado Centro de Ciências Agroveterinárias (CAV). Antes mesmo da formatura da primeira turma, em 10 de dezembro de 1984, mediante Portaria Ministerial n. 520/84, com contribuição do Governador Jorge Bornhausen, o Curso de Engenharia Agrônoma era reconhecido pelo Ministério da Educação e Cultura.

A implantação do Curso de Agronomia marcava uma nova fase no CAV, pois traz, naquele momento, um corpo docente experiente, de professores pós-graduados nos principais centros universitários do Brasil e no exterior, ao contrário da Medicina Veterinária que, em 1973, necessitou recorrer aos profissionais locais para formação da primeira estrutura docente. A pesquisa passou a ter incentivo, fazendo com que o CAV evoluísse rapidamente para o status de um polo de referência na pesquisa agrícola de Santa Catarina.



Ato de inauguração do bloco de Agronomia

Um ano após o reconhecimento do Curso, no dia 11 de novembro de 1985, por meio de Portaria Ministerial n. 893, a Udesc é reconhecida, com publicação no Diário Oficial da União, em 26 de novembro do mesmo ano. Cinco anos mais tarde, em data de 2 de outubro de 1990, mediante a Lei n. 8.902, o Governo de Santa Catarina transforma a então Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina em Fundação Universidade de Santa Catarina, mantendo a mesma sigla, Udesc, que nesse momento também é desvinculada da Fundação Educacional de Santa Catarina (FESC), assumindo o princípio constitucional de autonomia universitária.

Dessa fase histórica, relembra o Professor Cleimon Eduardo do Amaral Dias:

“Nasci em Belo Horizonte, me criei em São Paulo e me formei como Engenheiro Agrônomo na USP, unidade de Piracicaba, graduando no ano de 1980, ano da abertura do Curso de Agronomia no CAV, com quem minha história iria se cruzar muito em breve. Na época eu optei pela Agronomia por ser morador de uma grande capital como São Paulo, mas desejar uma vida no interior. Ao visitar um irmão que morava em Florianópolis, busquei informações sobre contratação de Agrônomos aqui no Estado, sendo-me indicado, na época, visitar a Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina (ACARESC), que, de forma resumida, visitei, prestei concurso, passei e fui encaminhado para trabalhar em Lages.

Antes mesmo de chegar até meu posto de trabalho no Planalto catarinense, já soube da existência do Curso de Agronomia na cidade. Cheguei em Lages em 1981. Em 1982 um colega da ACARESC me indicou que havia processo seletivo para professor no CAV. Após uma conversa com o então diretor Flávio Krebs Ramos, prestei concurso, sendo aprovado e entrando para o corpo docente do CAV em 1983, assumindo as disciplinas de Sociologia Rural e Extensão Rural, ainda na primeira turma, que não havia se formado. Como eu havia estudado Economia, mais tarde assumi a disciplina de Cooperativismo e Planejamento Agrícola. No ano de 1985, eu assumia a Coordenação do Curso de Agronomia, permanecendo na docência até 2013 quando da minha aposentaria. Uma história de dedicação de uma vida inteira.”

O Professor Cleimon continua: *“Como eu vinha de uma cidade grande e havia vivido um sistema da história da educação brasileira, com reformas universitárias, percebia que aqui a estrutura era um pouco arcaica, mas com uma proximidade entre alunos e professores, algo que não existia na USP. Um clima de companheirismo muito grande a ponto de que, hoje, muitos dos meus grandes amigos são meus ex-alunos do CAV. Recordo que, até o ano anterior a minha entrada, não havia concursos públicos, os professores eram diretamente convidados para assumirem as disciplinas. Exatamente na minha chegada, foi quando iniciaram os processos seletivos, e isso foi positivo, pois trouxe um corpo docente de Mestres e Doutores para o Curso de Agronomia. É claro que houve muitas dificuldades iniciais. Eu mesmo tentei implantar um Laboratório de Extensão Rural, com veículo, equipamento de mídia e outros e não consegui. Isso me frustrou um pouco, no entanto o clima,*

o relacionamento e a qualidade de ensino sempre foram fatores de motivação.

Quando iniciou o Curso de Agronomia no CAV, a Medicina Veterinária já estava com sete anos de atividades e era reconhecida em todo o Estado e além, formando profissionais de excelente qualidade. A Agronomia iniciou com muita força graças, também, ao corpo docente e mesmo alunos da primeira turma conquistaram grandes postos no mercado de trabalho. Estávamos construindo juntos a cultura universitária, trabalhando para melhorias na qualificação acadêmica e dando início aos cursos de Pós-graduação, o que viria a ser um dos grandes diferenciais do CAV. No ano de 1985, quando assumi a coordenação, aumentei minha inserção na sociedade lageana, interagindo com a Associação de Agrônomos e promovendo intercâmbio de informações junto ao CAV.”

Adair Walter Antunes recorda: “No ano de 1980, com a abertura do Curso de Agronomia e a transformação da ESMEVE no então CAV, houve processo de construção do novo prédio para receber os alunos. Estávamos com dois novos edifícios em relação à antiga Escola Agrícola e novos laboratórios, com destaque para Parasitologia e Microbiologia. O CAV trabalhou para consolidar a Medicina Veterinária e a Agronomia, ficando muitos anos sem abrir novos cursos. No entanto, uma recordação triste da época da abertura da Engenharia Agrônoma diz respeito a um acidente de trânsito envolvendo quatro alunos e que vieram a falecer. Eram todos de outras cidades, vindos residir em Lages para cursar Agronomia. O acidente envolveu carro e ônibus e foi de grande comoção. Impossível não lembrar de um episódio tão marcante que causou grande tristeza logo no início do curso.”

Para o Professor Ademir José Mondadori, o ano de 1980 é lembrado como de muita importância:

“O ano de início da Agronomia coincide com minha entrada para a docência, o que foi muito marcante para minha carreira profissional. Eu destaco que, naqueles primeiros anos, entre 1980 e 1990 aproximadamente, existia a chamada Lei do Boi, que garantia cotas para alunos vindos do interior, filhos de agricultores sindicalizados ou cooperados rurais e ainda que os estudos não eram gratuitos como viriam a ser mais tarde. Havia o pagamento de créditos, embora fossem valores simbólicos. Eu paguei esses créditos durante a minha graduação. Mas não era negada a nenhum aluno a possibilidade de estudos, pois, desde aquela época, já se ofereciam bolsas de estudos através de uma entrevista que avaliava a condição financeira da família do estudante, algo que viria a se transformar no que representa o Financiamento Estudantil (Fies) de hoje. A partir de 1980, com abertura do novo Curso e ingresso de 40 alunos por semestre tanto na Medicina Veterinária quanto na Engenharia Agrônoma, quando percebemos, já haviam 800 alunos nas nossas dependências. Desse crescimento, resalto a importância dos estágios, nos quais tive a oportunidade de atuar como Coordenador Geral (havia a Coordenação-geral e a Subcoordenação para Medicina Veterinária e para Agronomia). Sempre prezamos por esse

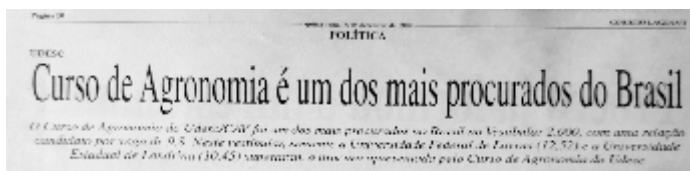
programa durante o processo de aprendizado, e nossa média era de 500 novas solicitações de estágios por semestre. Um número muito expressivo para o começo da década de 1980.”

Mondadori continua: “A chegada da Agronomia trouxe uma espécie de disputa interna entre os cursos. Havia uma política universitária forte, inclusive ideológica. Mas esses embates trouxeram o novo, trouxeram o fortalecimento dos dois cursos e abriram frentes para a chegada das especializações, o que viria a ser o grande diferencial do CAV e a garantia do reconhecimento que ele teria em toda a Santa Catarina e no Brasil. Por muitos anos, até a década de 2000, o foco não foi abrir novos cursos, embora tenha havido diversas discussões pelo caminho, como a tentativa frustrada da Odontologia e ainda a história da Medicina Veterinária noturna. O foco estava na oferta de Mestrado e, posteriormente, do Doutorado. No ano de 1994, assumi a Direção-geral do CAV, gestão 1994 a 1998, simultânea à gestão da Reitoria da Udesc do Professor Raimundo Zumblick, que apoiou diversas ações para Lages quanto à infraestrutura, ainda precária aos projetos de pesquisa. Em 1997, inauguramos o Mestrado em Ciências do Solo, através de uma comissão de estudos organizada pelos professores: Jaime Antônio de Almeida, Paulo Robert Ernani e Aparecida Rodolfo Figueiredo. Chegamos ao ano 2000 com quase 80 projetos de pesquisa e mais de 40 projetos de extensão.”

Sobre o período, o Professor Antônio Pereira de Souza contribui:

“A inserção do Curso de Agronomia era um antigo sonho não apenas da ESMEVE, mas da cidade de Lages e, claro, da própria Udesc. Nessa época, havia uma política de regionalização das vocações locais; assim, Florianópolis oferecia os cursos nas áreas de Sociais e Humanas, Joinville no campo das Engenharias, definindo sua vocação através das indústrias de metalurgia. Por sua vez, Lages voltou-se às Ciências Agroveterinárias. Considero Flávio Krebs Ramos como um verdadeiro mentor para o início do Curso de Agronomia, um marco definitivo para o crescimento do CAV, pois, a partir desse momento, houve também a chegada dos professores de outras regiões do Brasil, Mestres e Doutores, para trabalho em tempo integral. Obviamente esse crescimento humano resultou em crescimento físico com novas obras para acolhimento dos alunos e corpo docente que chegavam.”

Continua: “A década de 1980 foi importante por diversos motivos, os quais destaco, individualmente: a licença durante minha gestão como Coordenador de Medicina Veterinária para realizar o Doutorado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e, na sequência, o Pós-doutorado em Lion na Espanha, entre aos anos de 1987 e 1990, o que, no retorno ao CAV, me rendeu convite para assumir a função de Pró-Reitor de Pesquisa da Udesc. E, coletivamente, algumas greves realizadas, inclusive com apoio dos alunos e suas famílias. A Udesc sempre manteve uma política de bom relacionamento, mas essas greves contribuíram para a melhoria de ambientes e salários. No ano de 1989, com a nova Constituinte, houve mudança na forma de contratação de professores, e, assim, a entrada para a década de 1990 pode ser considerada como de grande transformação para o CAV, bem como para todo o Ensino Superior.”



Curso de Agronomia do CAV ganha notoriedade nacional



CAV com tradição na organização de eventos



Pesquisa acadêmica: desde o início, um diferencial do CAV

O Professor Aury Nunes de Moraes relata:

“Sou de origem gaúcha, mas morador de Lages desde os 12 anos de idade. Fiz cursinho pré-vestibular em Curitiba e fui aprovado na então ESMEVE, em Lages, entrando na quarta turma de Medicina Veterinária. Logo após minha formatura, fui convidado para lecionar na disciplina de Parasitologia. Esses convites para alunos destaque irem direto para a docência eram comuns na época. Estava entrando naquele momento para o meu primeiro e único emprego, completando então 43 anos de atuação no CAV. Confesso que o curso de Graduação não era muito bom, tanto que os laboratórios foram constituídos juntamente com a formação das primeiras turmas. Meu único professor com Doutorado naquele momento foi Assis de Bem, recém-chegado dos estudos na França, mas desde cedo havia um conceito que dizia: não é a escola que faz o aluno, mas o aluno que faz o curso. Assim foram dados os primeiros passos rumo ao crescimento.”

Continua: *“Foi durante a minha graduação que iniciaram os atendimentos ao público no Hospital, sendo o Professor Luiz Stolf o primeiro*

a prestar esses atendimentos em tempo integral, auxiliado pelo Professor Aldo Martins. Com a ida da minha família para outra cidade, eu fui morar dentro do CAV. Me formei, assumi cargo na docência e continuava morando lá. Chamávamos o local de 'mofo', porque era um mofo mesmo. Assim, morei quatro anos nas dependências do CAV, sendo os últimos dois do período de estudante e os primeiros dois anos como professor. Uma experiência marcante, pois trabalhava em tempo integral, incluindo finais de semana, por isso foi um período de muito aprendizado. No início da década de 1981, licenciiei da Instituição para meu projeto de Mestrado. Retornei em 1984 portando Mestrado em Cirurgia e encontrei o Curso de Agronomia no CAV já consolidado, apesar de que, prestes a sua constituição, houvesse pessoas que o designavam como um 'câncer maligno' dentro da Instituição. Foi uma década de crescimento, desde aquela precariedade inicial. Foi em 1989 que iniciei processo para uma nova licença em prol de cursar o Doutorado, que acabei por realizar Doutorado e Residência em Anestesiologia Animal no Ontario Veterinary College na University of Guelph, no Canadá, retornando ao CAV quando concluído."

O Professor Luiz Stolf resume:

"Todo novo curso tem problemas iniciais, mas, no comparativo entre os dois primeiros cursos, percebo que a Medicina Veterinária teve desafios maiores e se estruturou com o passar do tempo. Paralelamente, foi se desenvolvendo o estudo da suinocultura, bovinocultura, patologias... Tudo fez parte de um processo evolutivo. Já para a introdução da Agronomia no CAV, em 1980, Flávio Krebs Ramos a planejou muito bem, e o Curso começou de forma bem mais estruturada, trazendo professores de grandes centros e realizando viagens técnicas, como a Santa Maria e Porto Alegre, em busca de informações. É muito importante ressaltar uma grande transformação no perfil de público que ocorreu gradualmente da metade da década de 1980 e início de 1990: os alunos que buscavam na Medicina Veterinária sua inserção no mercado pet. Se, no início da ESMEVE, a média era de sete mulheres em turmas de 40 alunos, em sua maioria do meio rural e o foco eram grandes animais, a partir desse período, começou a transição que culminou na realidade atual, com número superior de mulheres por turma, em sua maioria de área urbana e com o crescimento exponencial do mercado/clínica, de pequenos animais. Mas posso afirmar que 'tiramos água de pedra', sendo verdadeiros pioneiros no ensino das Ciências Agroveterinárias em Santa Catarina."

Integrados ao CAV naquele momento de expansão, os Professores Doutores, Paulo César Cassol e Adil Knackfuss Vaz, contribuem com relatos pessoais. Conforme Cassol:

"Passei a integrar o corpo docente do CAV em um dos primeiros concursos públicos da época, assumindo função de professor no Curso de Agronomia, no ano de 1986. Naquele momento estava concluindo Mestrado em Porto Alegre e atuando como professor substituto em Florianópolis. Posso dizer que troquei a carreira simultânea em duas capitais para me dedicar ao CAV em Lages. Na década de 1980 a estrutura física ainda era muito carente em relação aos dias atuais. Ainda assim me motivei muito a

permanecer aqui após conhecer aquele grupo de professores engajados, participativos, membros de uma estrutura física pequena, mas que permitia uma convivência muito maior e melhor do que nos grandes centros. Vim para Lages já casado, tive filhos aqui e, assim, digo que virei lageano.”

Continua: “Passamos a viver um momento de crescimento progressivo, de desenvolvimento natural, especialmente em estruturas voltadas à pesquisa acadêmica, com aquisição de equipamentos que permitiam a evolução das aulas práticas. Quanto a essas pesquisas, posso afirmar que foi um aspecto que sempre obteve destaque no CAV. Também aumentamos nossa relação com o mercado de trabalho, expandindo as visitas técnicas e com novas empresas abrindo suas portas para os programas de estágios. Tive a oportunidade de estar como Diretor-geral em duas gestões, de 1992 a 1993, e mais tarde entre 2002 e 2006. Sobre o início da década de 1990, a realidade da estrutura física era do prédio da Agronomia parcialmente concluído e da Medicina Veterinária ainda em instalações adaptadas, com o Hospital funcionando no antigo refeitório da Escola Agrícola. Foi então que iniciamos um processo de reestruturação, com elaboração de um plano de urbanização, e, em parceria com a Prefeitura Municipal, trouxemos o primeiro asfalto para as vias internas do Campus e, nessa parceria do CAV com o Poder Público, iniciamos parceria na realização da Festa do Pinhão, cedendo espaço e organizando estacionamento para o público, um convênio que trouxe benefícios para servidores e alunos.”

O Professor Adil Knackfuss Vaz relata:

“O CAV sempre foi uma Instituição de caráter familiar. Houve pais que trabalharam lá, depois os filhos se tornaram estudantes. Mesmo nos dias de hoje, eu tenho ex-alunos que estão com seus netos estudando no CAV.”
Continua: “Me formei em Medicina Veterinária no ano de 1972 pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e, após, trabalhei na Secretaria de Agricultura do Estado durante cinco anos, quatro deles na cidade de Santana do Livramento e um deles no PVDF, então em Guaíba. Depois trabalhei oito anos na Urcamp, em Bagé, minha terra natal. Já na década de 1980, fui avisado sobre o processo de concurso público a ser realizado em Lages, o qual prestei, fui aprovado e iniciei atividade como professor em 15 de março de 1986, quando da existência de dois cursos no CAV: Medicina Veterinária (minha área) e Agronomia. Naquele momento, o Diretor de Ensino era o Professor Flávio Krebs Ramos, e fui contratado para as disciplinas de Imunologia e Bioquímica.

Importante ressaltar que a falta de infraestrutura não era algo relacionado apenas às dependências da Universidade. Aqueles eram tempos pré-BR-282, e uma viagem de Lages à capital, onde estava a Reitoria da Udesc, fazia-se via Rio do Sul e Balneário Camboriú, ou então por estrada de terra, fato que tornava a relação com Florianópolis mais via telefone do que presencial. Isso, claro, reduzia a possibilidade de participação em todas as ações realizadas pela Universidade. Sempre gostei de trabalhar em prol da profissão, o que me fez integrar a Associação de Professores, assumindo o cargo de tesoureiro; também fui membro da Associação dos Servidores do

CAV e da Associação dos Servidores da Udesc, todos trabalhos que me fizeram conhecer profundamente a realidade da profissão.”

Continua: “A virada da década de 1980 para 1990 foi marcada por grandes transformações no perfil dos alunos, que eram basicamente do setor rural, homens e em busca de conhecimento para o mercado de grandes animais na década de 1970, para o perfil urbano de 1990, tendo 50% da sala de aula completada por alunas, com grande interesse no mercado de pequenos animais, conhecido como mercado pet. Aliás, sobre isso, há mais de duas décadas, em um Congresso Mundial realizado em Nice na França, especialistas já discutiam a futura falta de profissionais para trabalhar em fazendas. Quando cheguei em Lages, acredite, as empresas do setor de agronegócios não contratavam mulheres para cargos importantes. Hoje há dificuldade para contratação de qualquer profissional, tendo em vista que o mercado pet vem oferecendo maiores remunerações, demandas e possibilidade de atendimento/dia. Na questão de tecnologia, eu destaco que quando retornei do meu Doutorado na Inglaterra, já tinha experiência com a internet, com utilização de e-mails e pesquisas, ainda uma novidade raríssima no Brasil. No CAV, além da docência na Medicina Veterinária, junto aos técnicos da Udesc, fui professor de informática para os profissionais de vários setores de Lages, repassando conhecimentos que trazia da Europa. Com a chegada da internet, ressalto que a primeira transmissão de sinal para o Oeste de Santa Catarina partiu de uma sala do CAV, via FAPESC, isso, aproximadamente, em 1995. Por isso afirmo que a importância do CAV para o desenvolvimento do ensino no Estado foi, e é, muito além da sala de aula.”

Sobre fatos importantes daquele momento de consolidação dos dois cursos existentes e da Instituição em nível estadual, destaca o Professor Sérgio João Dalagnol:

“Além da sala de aula, havia as questões políticas e administrativas. Desde a implantação da Medicina Veterinária em Lages até a Constituição de 1988, a Udesc era subordinada à Fundação Educacional de Santa Catarina (FESC). A gestão educacional era responsabilidade da Udesc, a gestão financeira e administrativa, responsabilidade da FESC. Era um período de muitos atritos, e somente após desvinculação é que a Udesc pôde se beneficiar de repasses e usos de recursos próprios. Em certo momento dos conflitos políticos, o então Governador Pedro Ivo Campos, que havia nomeado seu primo como diretor da FESC, tinha divergência com o Reitor Lauro Ribas Zimmer e chegou a afirmar que não tinha interesse no desenvolvimento do Ensino Superior e, se necessário fosse, fecharia a Universidade. Esse atrito era lá em cima, mas respingava em nós aqui embaixo.

Nós criamos o chamado Grupo da Resistência, não um grupo de direito, mas, sim, de fato, em prol do não fechamento dos cursos. Até então, éramos o único curso de Medicina Veterinária em Santa Catarina, somente mais tarde abrindo turmas em Canoinhas e bem mais à frente em Curitiba através da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Após o falecimento de Pedro Ivo Campos, o novo governador foi Cassildo

Maldaner, um pouco melhor nos seus pensamentos quanto ao Ensino Superior, mas sem grandes mudanças no quadro. Seu sucessor, Governador Vilson Kleinubing promoveu mudanças no Estado com relação à universidade, cancelando a figura da agregação, criada no governo de Espiridião Amin, que, em sua análise como gestor das Centrais Elétricas de Santa Catarina (Celesc), teria quebrado o Estado. Foram quatro anos de mudanças, mas que foram se consolidar realmente com a independência da Udesc da FESC e sua garantia de repasses para investimentos conforme seu próprio planejamento. Assim, inclusive o CAV passaria a ter recursos garantidos.

Naquele momento, viajávamos de carro próprio, o que hoje nem é mesmo permitido. Então o CAV passou a ter um Opala preto, que foi trocado posteriormente por uma camionete S-10. Mais tarde evoluímos para um micro-ônibus. Passamos por período de extrema dificuldade financeira, recursos escassos, mas nunca perdemos a qualidade do ensino. No final da década de 1970 e início de 1980, alunos que tinham carro próprio deveriam estar em grupos de trabalho diferentes, para poderem levar os colegas para as aulas práticas. Eu mesmo usava a Veraneio de meu pai para levar meus colegas de classe para o campo. Mas os alunos não reclamavam disso; na verdade eles queriam estar ali, sabiam que o mercado de trabalho exigia aquele esforço inicial. Havia uma preocupação em como seria o nosso conhecimento após a Universidade. Então, apesar das festas da vida acadêmica, havia um desejo de estar na sala de aula e buscar a melhor formação. Foi assim para mim como aluno, assim como eu percebia neles o mesmo desejo, quando estava como professor.

Quando da implantação do Curso de Agronomia, a rivalidade foi criada pelos próprios profissionais que vieram de outros centros para lecionar aos alunos das novas turmas. Na realidade não havia motivo para não gostar de alunos e alunas de Agronomia ou de Medicina Veterinária. Eles estudavam juntos, moravam juntos, namoravam e casavam entre si. Houve, sim, discussões até agressivas sobre a implantação do novo Curso, com as lendárias rivalidades vindas da Universidade de Santa Maria, mas os alunos locais não tinham essa percepção. O pensamento era: se é meu concorrente, tenho que melhorar o meu currículo. Na minha família somos em três irmãos formados no CAV, eu, em 1976, meu irmão, em 1978, e meu outro irmão formado em Agronomia na turma inicial de 1980.” E conclui: “Importante considerar que quando me graduei em Medicina Veterinária no CAV, havia 27 cursos similares no Brasil. Hoje temos aproximadamente o mesmo número somente em Santa Catarina.”

O Professor Walter Hoeschl Neto comenta:

“A abertura do Curso de Agronomia foi uma grande conquista para a Universidade, para a cidade de Lages, mas também pessoal para quem participou de todas as etapas para inclusão dos cursos superiores no Planalto catarinense. Um fato curioso para mim é que, logo após o início das aulas no Curso de Engenharia Agrônoma, os alunos solicitaram que eu deixasse de lecionar na disciplina de Estatística para, então, aderir a Bovinos de Leite, fato que se realizou. Eu tinha envolvimento com esse setor

desde menino, meu pai era produtor, e eu tinha experiência de fazenda, que levei para sala de aula. Minha família foi fundadora da empresa Lactoplasa, em Lages, o que me possibilitava levar os alunos para dentro da indústria para conhecer os processos. Esse fato é tão marcante, que meu filho, Médico-Veterinário, quando prestava trabalhos para uma grande agroindústria catarinense, ouviu de seu diretor, meu ex-aluno, que recordava sempre das aulas práticas que eu realizava dentro da empresa ou no campo. Também recordo com carinho o fato de ter sido o primeiro Coordenador do Curso de Agronomia quando de sua implantação.

Eu considero que o processo de implantação da Agronomia no CAV foi mais fácil do que havia sido com a Medicina Veterinária. O Professor Rheno, cedido pela Secretaria de Agricultura de Lages para ser Diretor do Centro Veterinário, foi inteligente ao colocar alguns Médicos-Veterinários na Comissão de Implantação do Curso de Agronomia, o que facilitou decisões e apoios. Após implantado, seguimos por muitos anos sendo o primeiro e único curso de Medicina Veterinária e o segundo de Agronomia no Estado; isso resultava também no progresso para a própria cidade, afinal, alunos de outras regiões de Santa Catarina e do Brasil vinham estudar em Lages, gerando movimento econômico através de moradia, alimentação, mercado, comércio, além de, após graduados, muitos constituírem família e negócios na cidade ou região. Hoje temos ex-alunos em diversas regiões do Brasil e do mundo, líderes ou pesquisadores de grandes empresas e instituições.”

Continua: “Embora dificuldades da época, desde o início Lages assumiu papel de referência no campo, recebendo, ainda na década de 1970, visita do cônsul da Nova Zelândia e em propriedade da minha família, de técnico norte-americano da New Holand, que estendeu permanência na cidade para conhecer e fotografar nossas estruturas de produção, a fim de usar como referência em outras partes do país e no exterior. Assim, também foi no CAV, com crescimento gradual, até 1999 quando me aposentei antes mesmo da abertura dos dois cursos mais atuais: Engenharia Florestal e Engenharia Ambiental e Sanitária. Desde então, mesmo acompanhando a distância, eu percebo que seu crescimento é constante.”

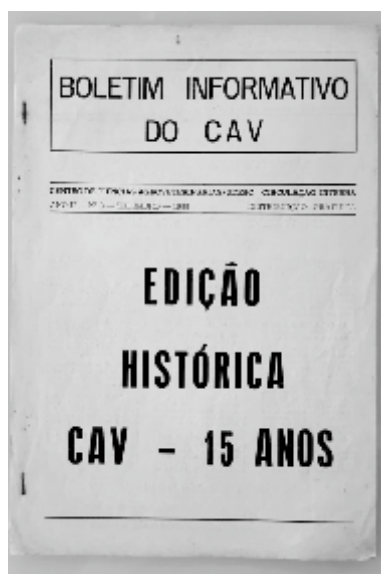
Da abertura do Programa de Pós-graduação aos novos cursos de Ensino Superior oferecidos, dos desafios da política estadual e nacional que recaíam sobre o Centro às interações com a comunidade lageana e regional; dos projetos que não saíram do papel ao crescimento exponencial e reconhecimento como referência em pesquisa... Muitos fatos, curiosidades, desafios e conquistas são parte dessa história na virada do século XX para XXI à atualidade.

CAPÍTULO III

DESAFIOS, EXPANSÃO E CONSOLIDAÇÃO

Estando consolidado entre as universidades presentes no Estado Santa Catarina e no Brasil e oferecendo dois cursos de reconhecimento em todo o meio acadêmico, o CAV seguia seu plano de expansão, mas sem deixar de enfrentar desafios de todas as ordens, que ao longo do tempo são percebidos como etapas importantes para a constituição de seu perfil atual.

A última década do século XX e primeira do século XXI são tidas como de grandes transformações, marcando desde a autonomia conquistada por meio da nova Constituinte e a possibilidade de investimentos nos anos de 1990, bem como a abertura de novas ofertas de cursos, que também consolidaria a Engenharia Florestal e a Engenharia Ambiental e Sanitária, complementando as características de um Centro de Ciências Agroveterinárias.



Edição Especial, CAV 15 Anos, publicada em 1988

O representante do corpo administrativo do CAV, Décio Luiz Poli, relata:

“Em 1 de agosto de 1983 integrei o corpo de servidores no setor de Finanças e Contabilidade, sendo cedido pelo Colégio Industrial de Lages, parte também da Fundação Educacional de Santa Catarina (FESC), para

exercer atividades administrativas na Universidade, setor com uma carência na época. Sou natural do Alto Vale do Itajaí e, após minha formação básica, vim para o Planalto Serrano trabalhar em empresa da região no setor administrativo (atual Klabin S/A). Posteriormente, com formação superior em Administração e com Mestrado na mesma área, passei a exercer a função de docente no Curso de Administração da Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac) por muitos anos, dividindo meu tempo para as duas Instituições, durante o dia na Udesc e à noite na Uniplac. As experiências profissionais anteriores me levaram ao CAV, que, naquele momento, completava mais de dez anos de atividades.

Anteriormente à Carta Magna, a estrutura de trabalho era bastante simples, com equipe bem limitada, em que pouco se observava se o trabalho realizado estava em desvio de função. Era comum profissionais acumularem atividades paralelas em prol de que o trabalho gerasse resultados. Por exemplo, não havia motoristas suficientes no quadro de servidores do CAV; no caso de uma viagem à capital, muitas vezes, nós mesmos dirigíamos quando em deslocamento para cumprir atividades na Udesc. O veículo, ou era uma 'BMW' – Brasília Muito Velha – ou uma Kombi. Relembro um momento especialmente difícil para todos nós, quando do acidente em viagem de trabalho, com uma equipe de professores e técnicos do CAV na região de São Leonardo, município de Alfredo Wagner, que feriu gravemente, além outros integrantes, o Professor Sérgio Dalagnol, então Diretor do CAV.”

Continua: “O lema era vestir a camisa e enfrentar desafios. A Udesc, ainda vinculada à FESC, que já sofria com dificuldades de recursos e com mudanças de governo, com divergências entre a presidência da Fundação Educacional (nomeada pelo Governo do Estado) e a Reitoria da Universidade, ainda se tornava mais crítica. Havia uma carência em vários setores do Centro, entre eles o Hospital de Clínica-Veterinária, que, desde o primeiro momento, atendia à demanda da comunidade, e, para contornar a necessidade de materiais essenciais às atividades de ensino e extensão, saíamos em busca de crédito no comércio local. Essa falta de recursos em que vivíamos, obviamente, chegava até a sala de aula, gerando dificuldades para execução de aulas práticas.

No entanto, uma característica daquele corpo técnico e docente era jamais perder a qualidade do ensino. Outra alternativa que possibilitou a aquisição de recursos para o CAV foi a criação da Fundação Instituto de Ensino, Pesquisa e Extensão do CAV-FIEPE/CAV, entidade civil criada por professores e funcionários que, com seus projetos, possibilitou angariar recursos para atender, embora parcialmente, às necessidades de alguns setores do Centro. Com a autonomia da Udesc e uma dotação orçamentária específica para cada Centro, vislumbrava-se um novo cenário a construir. Na vigência da Lei n. 8666/93, que obrigava a administração pública a sua observância, o processo licitatório era instrumento para consolidação das aquisições das diversas necessidades da Universidade.

A nova Carta Magna definiu autonomia às universidades e garantiu, assim, que o Governo estadual reformasse as suas instituições e

possibilitasse o repasse orçamentário também à Udesc, na época o equivalente ao orçamento de 1,2% da receita líquida do Estado, atualmente 2,49%. Nesse momento, a Fundação Educacional de Santa Catarina (FESC) ficaria responsável apenas pelos Colégios Estaduais, anteriormente a ela vinculados, mas acabaria por ser extinta pouco depois. O CAV, Centro da Udesc, passava então a usufruir de repasse financeiro a exemplo dos demais centros: Florianópolis, Joinville, posteriormente Chapecó e outros. Começa, então, a sensível mudança estrutural da Universidade e, conseqüentemente, da Unidade de Lages. Com a autonomia da Udesc, inicia-se um estudo e análise de necessidades de cargos conforme realidade de cada Centro, para a criação do quadro de pessoal permanente e o plano de cargos e salários dos servidores da Udesc. Assim, consolidado o referido plano, o servidor começa a exercer as funções de cada cargo. Mesmo diante de períodos eleitorais internos e demais desafios, o foco coletivo dos servidores era em sanar problemas de importância para o Centro. Nesse processo de organização dos setores, estive lotado, ao longo dos anos, nas funções administrativas do setor de compras e licitações, vindo a me aposentar em final de 2021. Das empresas ou instituições em que trabalhei, a Udesc foi o melhor local de trabalho de minha vida.

Importante ressaltar sobre esse período de recursos escassos, as manifestações de reivindicação realizadas pelos servidores nos anos de 1980, tanto para recursos orçamentários quanto de natureza salarial, as quais tinham o interesse maior de trazer mais qualidade de ensino e melhoria das condições de trabalho. Lembro que, em alguns momentos, aproveitávamos o período de paralização reunindo os colegas de trabalho para construirmos juntos, com as próprias mãos, a sede da Associação dos Servidores do CAV-ASCAV. Tínhamos em mente que a inércia não nos levaria a nada. Também destaco, naquela época, que as prestações de contas eram analisadas pelo Tribunal de Contas no próprio CAV.”

E conclui: “Os técnicos do Tribunal vinham 'in loco' realizar fiscalizações e nunca na história encontraram erros significativos que pudessem comprometer a gestão do Centro, exceto alguns acertos burocráticos para dar maior clareza a lançamentos e afins. Estive sempre convicto de que é muito difícil gerir uma instituição pública com funcionários cedidos de outros órgãos ou secretarias, ou dependendo de recurso sem dotação orçamentária. Por isso, a grande conquista para a organização visando à otimização dos resultados foi no momento em que a Udesc garantiu a sua autonomia, tendo um quadro de pessoal permanente, um plano de cargos e salários dos servidores e uma dotação orçamentária, podendo, assim, suprir suas necessidades a caminho de uma trajetória que não terá mais retorno.”

Adair Walter Antunes destaca: “Desde minha chegada ao CAV, e o tempo que estive aqui, foram notórias as mudanças estruturais e mesmo de perfil de público, como a partir da década de 1990 com a expansão do mercado pet e a entrada de mulheres em número superior em sala de aula, alterando algumas características do mercado de trabalho na Medicina Veterinária e, é claro, na Agronomia também. Eu mesmo sempre prezei por

deixar a Secretaria Acadêmica em evidência, com projeto de móveis e aproveitamento de espaços nas paredes. Há cerca de 15 anos finalizamos o projeto que está sendo utilizado até os dias de hoje, o que me deixa feliz ao retornar e ter a certeza de que o trabalho foi bem feito.

A história do CAV sempre foi marcada pelo bom relacionamento entre diretores, coordenadores, professores, equipe técnica e acadêmicos. Obviamente havia conflito de ideias, divergências, discussões acaloradas, principalmente em períodos eleitorais internos. Desde o novo estatuto, as eleições para Diretor de Centro sempre foram independentes da Reitoria da Udesc, dependendo, exclusivamente, da campanha do candidato e da aceitação por parte dos votantes, fossem professores ou alunos. Chegada a eleição de 2022, eu posso afirmar que 'vivi para ver uma eleição harmoniosa'. Na virada do século, década de 2000, a procura pelos dois cursos tinha excelentes resultados, sempre muito superior ao número de vagas oferecidas a cada vestibular, e o número de pedidos de transferências era baixo ou praticamente inexistente. Após algumas tentativas frustradas, o CAV já se preparava para processos de abertura de novas ofertas de cursos superiores; a Engenharia Florestal e, posteriormente, a Engenharia Ambiental e Sanitária seriam os escolhidos.”



Concretagem da primeira laje do prédio da Engenharia Florestal

O Professor Ademir José Mondadori complementa:

“Usando uma expressão popular, podemos dizer que, a partir dos anos 1990, as portas se abriram para as Ciências Agroveterinárias. Hávamos realizado o primeiro sinal de internet para o Oeste de Santa Catarina e inaugurado nosso primeiro ambiente virtual, com aproximadamente 12 computadores, iniciando as primeiras sessões de videoconferência de toda a

região, e sendo a Udesc pioneira na Educação a Distância, que viria a se popularizar, no futuro, sob a nomenclatura EaD. O projeto firmou parceria com prefeituras de diversos municípios e capacitou mais de 80 mil professores que haviam cursado apenas até o Magistério. Nos anos 2000 acontece a grande abertura do mercado pet, que promoveu a mudança de perfil de público na Universidade, mas, em paralelo, houve a expansão da avicultura e da suinocultura em solo catarinense, um crescimento de proporção global, com mais e mais abertura de campo de trabalho, inclusive na pesquisa, o mesmo para o agronegócio.

O CAV destacava-se em programas de estágios, tanto curriculares obrigatórios quanto profissionais, em parcerias com empresas em sua maioria cooperativas e agroindústrias, que finalizavam por registrar o aluno como colaborador efetivo após o período de aprendizado interno. Iniciava também a oferta dos cursos de especializações, a citar as Ciências Morfofisiológicas, envolvendo Anatomia, Bioquímica, realizado nos finais de semana e que levou para as salas de aula do CAV profissionais locais da Odontologia, Fisioterapia e outros, sendo estes já graduados que, após ativos no mercado de trabalho, não haviam mais saído para cursar uma especialização. Já era chegado o momento de dar um passo a mais, que seria a criação do Programa de Pós-graduação.

Se ordenarmos de forma cronológica, após a oferta de Medicina Veterinária, Agronomia e os cursos de especializações, tivemos a criação do Mestrado em Ciências do Solo, no ano de 1997, através de uma comissão de estudos formada pelos professores Jaime Antônio de Almeida, Paulo Roberto Ernani e Olívia Aparecida Rodolfo Figueiredo. Em 2002 era criado o Mestrado em Produção Vegetal, que recebeu apoio da Agência de Avaliação e Fomento de Pós-graduação no Brasil. Ambos os Mestrados foram aprovados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), conquistando conceito 4. Toda esta trajetória abriu portas para a chegada dos outros dois cursos oferecidos pelo CAV, nas Engenharias; Florestal e Ambiental.”

E complementa: “Nos anos 2000 havia dois órgãos ranqueadores de cursos de Medicina Veterinária e Agronomia, um deles, muito famoso, chamado Guia do Estudante da Abril Cultura. Nossos cursos sempre pontuaram duas ou três estrelas no comparativo nacional, e o ranking seguidamente se constituía como melhores cursos: 1º USP, 2º UFMG e 3º CAV, comprovando que todo aquele esforço inicial havia sido recompensado. Ex-alunos do Centro de Lages tinham portas abertas no mercado de trabalho em todo o País e também no exterior.” Conclui Mondadori.

Para o Professor Ademar Tadeu Wolf:

“A vinda da Agronomia para Lages passa por uma disputa política também, onde até mesmo um lageano conceituado na área, mas residente em Florianópolis, lutava pela abertura do Curso na capital. Nos anos de 1965 e 1966 o Governador Celso Ramos já pensava na Universidade do Estado em formato multicampi; todo esse processo resultou nas Ciências Agroveterinárias aqui no Planalto catarinense. O Curso de Agronomia também iniciou de forma precária, em uma sala abaixo da escada do bloco, mas teve desde o início participação do Governo do Estado, o que significa apoio importante, tanto que, ao fim dos estudos da primeira turma, já estavam alocados em edifício próprio e novo. Um marco da abertura do novo Curso no

CAV foi a chegada de professores vindos de outros centros universitários. Como já citado, se no início eram professores com experiência de campo, mas apenas com graduação, sem especializações, a Agronomia traz então os primeiros Mestres e Doutores para dentro do CAV. Isso deu à Agronomia mais destaque na pesquisa, o que contribuiu muito para a consolidação do Curso.”

E destaca: “Ao iniciarmos a Agronomia no CAV vieram normativas da capital, entre elas sobre a criação do Diretório Acadêmico, do qual tive a honra de ser o primeiro presidente. Posteriormente, fui Chefe de Departamento de Morfofisiologia, que abrangia os setores de Anatomia, Fisiologia e Histologia. Tive a experiência em estar como Coordenador do Curso de Medicina Veterinária por dois anos; foi minha grande experiência administrativa, mas minha dedicação sempre foi preferencialmente para a sala de aula. Particularmente, tive uma participação expressiva na área de ensino. Sempre dei muitas aulas. Muitos professores saíam para cursar o Mestrado ou Doutorado, e eu assumia as disciplinas. Quando abriu o Mestrado aqui no CAV, então chegou a minha vez de cursar. Estudei Comportamento Animal, em projeto de ovinocultura coordenado pelo Professor Jorge Ramella, e aproveitei aquela oportunidade para também desenvolver pesquisas junto aos projetos do Professor.”



Cursos do CAV conquistam reconhecimento em todo o Brasil

Seguindo a linha cronológica do Programa de Pós-graduação citada pelo Professor Ademir José Mondadori, após a criação dos Mestrados em 1997 e 2002, elencamos os principais destaques desse processo evolutivo:

- 2002 – ainda no primeiro triênio de atividade do Mestrado em Produção Vegetal, o Curso recebeu conceito 4 da Capes e, mediante a Resolução n. 72/2002 do Conselho Universitário (Consuni), passa a ser denominado Pós-graduação *Strictu Sensu* Mestrado em Produção Vegetal.

- 2005 – é enviado para avaliação da Capes o que viria a ser não apenas o primeiro curso de Doutorado do CAV, mas de toda a Udesc.
- Na data de 9 de novembro de 2005, por meio do Decreto Estadual n. 3.674, é publicado, no Diário Oficial do Estado de Santa Catarina, o Curso de Pós-graduação em Medicina Veterinária, inicialmente abrangendo cinco linhas de pesquisa, sendo: Epidemiologia, Diagnóstico e Controle de Parasitos; Patologia Veterinária; Alimentação, Produção e Comportamento Animal; Melhoramento e Reprodução Animal e Estudo de Doenças Bacterianas e Virais dos Animais. Tendo como coordenador o Professor Antônio Pereira de Souza e a denominação alterada para Mestrado em Ciência Animal por meio da Resolução do Consuni n. 096/2007.
- Na data de 10 de abril de 2006, mediante a Resolução n. 046/2006 do Consuni, é aprovado o Doutorado em Ciências do Solo e Produção Vegetal.
- Na data de 8 de março de 2007, por meio da Resolução n. 013/2007 do Consuni, o projeto passa a ser denominado Curso de Pós-graduação *Strictu Sensu* Doutorado em Manejo do Solo e abrange também o curso de Mestrado na mesma área, passando a funcionar no ano seguinte, 2008.
- Na data de 23 de outubro de 2008, por meio da Resolução n. 40/2008 do Consuni, é criado o curso de Doutorado em Produção Vegetal.
- 2011 – a partir de iniciativa dos professores do Departamento de Engenharia Florestal, aprovado pela Capes no mesmo ano de 2011 e tendo como primeiro Coordenador o Professor Pedro Huguchi, é criado o Mestrado em Engenharia Florestal, com início das aulas em março de 2012, tendo 15 alunos na primeira turma e com duas linhas de pesquisa, sendo: Produção Florestal e Tecnologia da Madeira e Ecologia das Espécies Florestais e Ecossistemas Associados.
- Na data de 11 de maio de 2011, por meio da Resolução n. 024/2011 do Consuni, é criado o curso de Doutorado em Ciência Animal.
- Na data de 16 de outubro de 2014, por meio da Resolução n. 088/2014 do Consuni, é criado o curso de Mestrado em Ciências Ambientais.
- Na data de 6 de julho de 2022, por meio da Resolução n. 039/2022, é criado o curso de Doutorado em Ciências Ambientais.
- Curso de Mestrado em Engenharia Florestal, criado no primeiro semestre de 2012, que alcançou até presente data, 193 defesas de Mestrado.
- Curso de Doutorado em Engenharia Florestal do PPGEF, aprovado em 2022 na UDESC. No ato de publicação deste documento, estava sendo preparada para envio e aprovação junto à CAPES.
- O Programa de Pós Graduação em Engenharia Florestal da UDESC é o único gratuito na área no Estado de Santa Catarina, sendo o estado um dos principais responsáveis pelo PIB do setor florestal do Brasil.

Mestrado em Ciência do Solo está entre os melhores do Brasil

A avaliação realizada pelo MEC e divulgada nos resultados da pesquisa realizada pelo CAV, colocou o curso de Mestrado em Ciência do Solo entre os melhores do Brasil.

O MEC, através do Conselho Nacional de Educação, realizou a avaliação dos cursos de Mestrado em Ciência do Solo em 1997. O resultado da avaliação foi divulgado em 1998. O curso de Mestrado em Ciência do Solo do CAV foi classificado em primeiro lugar entre os cursos avaliados.



Prof. Dr. João Carlos de Oliveira, coordenador do curso de Mestrado em Ciência do Solo do CAV.

O curso de Mestrado em Ciência do Solo do CAV é considerado o melhor do Brasil. O curso é oferecido pelo Departamento de Solos, Faculdade de Engenharia, Universidade Federal de Lavras (UFLA).

Programa de Pós-graduação do CAV impulsiona a qualidade de ensino



Com a criação do curso de Pós-graduação em Engenharia de Alimentos, o CAV impulsiona a qualidade de ensino.

CAV traz doutorado da Espanha para Lages

Abertura de Mestrado e Doutorado inicia nova fase do CAV

O sucesso dos resultados dos cursos oferecidos levou ao mercado projetos desenvolvidos para geração de tecnologias agroveterinárias que merecem destaque nas áreas de: nutrição de plantas, manejo integrado de doenças e pragas, fisiologia e manejo de plantas, biotecnologia e melhoramento vegetal, sistemas agroecológicos de produção e biologia e tecnologia de pós-colheita e relações solo/planta.

Entre as datas consideradas históricas ao CAV que merecem citação estão:

- 1980 – O CAV realiza o primeiro implante não cirúrgico do Brasil, em propriedade do Professor Walter Hoeschl Neto, Granja Canaã, sob coordenação do Professor Roberto Assis de Bem.
- 1989 – Início das construções das novas (e atual) instalações do Hospital de Clínica Veterinária.
- Na data de 15 de março de 1993, inauguração do Núcleo de Informática do CAV.
- No mês de setembro de 2003 tem início um projeto de cunho social a ser destacado denominado Amigo Carroceiro.
- Na data de 4 de novembro de 2004, sob coordenação do Professor Aloísio Marcondes César, é realizado o I Simpósio de Doenças Infectocontagiosas do Centro da Udesc em Lages.
- 2007 – O Professor Pedro Castilho registra em fotografia o momento de sua chegada ao topo do Pico da Neblina (3.015 m), levando uma bandeira do CAV, momento repetido em 2009 no Monte Roraima (2.750 m) e em 2011 no Monte Kilimanjaro na África (5.995 m), simbolicamente ilustrando que o Centro de Ciências Agroveterinárias estava no topo de sua história.
- 2011 – Inicia no CAV a Residência em Medicina Veterinária.

Ainda, em sintonia com a história do mundo, em 4 de fevereiro de 1945, tempos da Escola Agrícola Caetano Costa, é plantada a mesma araucária que hoje se encontra ao lado do prédio administrativo. Era o dia da assinatura do tratado de paz que colocava fim à Segunda Guerra Mundial. E, em 9 de novembro de 2009, nas comemorações de 20 anos da queda do Muro de Berlim, inicia a construção do muro que cerca as dependências do CAV. O Centro da Udesc em Lages sai, então, de seus 350 m² iniciais para 30 mil m², ou de 80 hectares iniciais para 200 hectares, somadas as dependências da Fazenda Experimental, a ser destacada.



Início da construção do muro que circunda o CAV

Como marco definitivo da sua estruturação, duas datas apresentam-se como fundamentais nessa trajetória:

- Na data de 25 de março de 2004, mediante a Resolução n. 006/2004 do Consuni, é criado o Curso de Engenharia Florestal, tendo suas aulas iniciadas no mês de agosto do mesmo ano. A inauguração do Curso foi fruto de ampla pesquisa realizada pelo Conselho do Centro do CAV nos anos 2002 e 2003.
- Na data de 13 de setembro de 2007, por meio da Resolução n. 851/2007 do Consuni, é então criado o Curso de Engenharia Ambiental e Sanitária, com início das aulas no ano de 2008.



Pesquisas do CAV em destaque na imprensa



Primeiro Seminário sobre Melhoramento de Campos Naturais

Pesquisa, Novos Cursos e Programa de Pós-graduação

Contribui com relatos sobre esse período histórico, o Professor Adil Knackfuss Vaz:

“No período dos movimentos grevistas da década de 2000, eu e o Professor Paulo Cassol éramos da Comissão de Greve, e recordo claramente quando, no fim do Governo de Vilson Kleinubing, durante a gestão do Reitor da Udesc, Professor Rogério Braz da Silva, foi aprovada a lei destinando porcentagem da arrecadação para a Udesc, que até então 'pedia de pires' ao Governo do Estado. Foi o momento da conquista da verdadeira autonomia. Diretamente, o CAV passa a ser beneficiado também, e consideramos esta a primeira grande virada de página. A segunda, sem dúvida, foi a criação do Programa de Pós-graduação e a entrada definitiva para o mundo das pesquisas acadêmicas. Esses programas trouxeram para o CAV professores de todas as regiões do Brasil, Mestres e Doutores, sendo em média 15 candidatos inscritos por vaga para a docência.”



Pioneirismo: CAV tem um dos primeiros pontos de internet do interior de Santa Catarina

“Nesse momento, já estávamos fora do 'período jurássico' pré-internet, afinal, em qualquer lugar do mundo, o que dava conceito às Universidades era a sua biblioteca, até então, única fonte de pesquisa. Com a internet, o acesso à literatura mundial ampliou essa possibilidade e, juntamente, o conhecimento dos professores. O CAV passa a ter destaque nacional em pesquisa, destaque este que se mantém até os dias de hoje. Entre os anos de 2006 e 2010, logo após a gestão do Professor Paulo Cassol, assumo função como Diretor-geral e dou muita ênfase ao contato com a sociedade, participando de reuniões com a Associação Comercial e Industrial de Lages (ACIL), Prefeituras Municipais de várias cidades da

região e demais entidades, em um trabalho de aproximação da Universidade com a comunidade. Sobre meu mandato, fui candidato único e deixo claro que não sou a favor de candidatos únicos; sempre fui a favor do debate de ideias para o crescimento coletivo, mas naquele momento específico me pareceu importante, pois havia ruídos a serem apaziguados. Mesmo em uma eleição sem disputa, busquei ser conciliador, convidando pessoas de diferentes pensamentos para compor minha diretoria.”

O Professor Adil Vaz continua: “A grande virtude de uma Universidade é o pensamento diferente que promove a discussão saudável. Parafraseando George Bernard Shaw: ‘São os radicais que trazem ideias novas, sem o radicalismo estaríamos sempre vivendo da mesma maneira’. Assim, nasceram os novos cursos do CAV. Foi na minha gestão que iniciamos o planejamento para criação e a edificação do prédio para o Curso de Engenharia Ambiental e Sanitária.” Destaca. “Fato marcante dessa fase, no ano de 2009, adquirimos o que vinha a ser um desejo antigo do CAV: a sua Fazenda Experimental, com espaço adequado para experimentos. Surgiu uma oportunidade via Udesc para compra, e eu juntamente com o Professor Olívio Cipranti ficamos como responsáveis pelas visitas e escolha do melhor terreno. O escolhido, após uma seleção criteriosa, está localizado a 21 quilômetros partindo de Lages sentido a Florianópolis, à beira do asfalto, com boa área de floresta nativa e excelente espaço para agricultura e pecuária. Após a aquisição, tivemos um período ocioso devido à burocracia para contratação de mão de obra. Após isso resolvido, passou a fazer parte da rotina de estudos dos acadêmicos e professores.”



Inauguração da Sede da Fazenda Experimental

“Acho pertinente destacar que o Centro de Lages sempre foi beneficiado com uma equipe qualificada como poucos. Eu percebi isso com visão dos dois lados: como professor e como administrador. À medida que fomos nos profissionalizando em termos de gestão pública, compras, contratos, editais, o trabalho foi se qualificando, e demos um salto quântico

em termos de administração. Havia alunos para os quais mesmo uma Universidade gratuita era cara, devido à necessidade de manutenção na cidade. Então, sempre trabalhamos com bolsas de manutenção. Eu tinha uma aluna vinda de família humilde, que, durante suas férias, permaneceu como minha secretária, se formou, fez Mestrado, Doutorado e hoje é professora do CAV. Então, o que todo aquele esforço significou para a vida dela e da família? Era comum que muitos alunos formados no Centro fossem os primeiros membros da família a chegarem ao estudo superior, eu diria mais de 70% dos casos. Isto é a Universidade: fazer esse papel social de transformação.”



Universidade pública em pauta

Conforme o Professor Antônio Pereira de Souza:

“Eu estava no CAV desde o final da década de 1970, quando troquei a docência na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde fui convidado a lecionar durante meu Mestrado, aproveitando que minha família já estava residindo em Lages e consegui um salário melhor do que em Porto Alegre. Saí do Mestrado recém-casado e com muito desejo de permanecer na Udesc, onde poderia crescer profissionalmente e mostrar meu conhecimento técnico. E assim foi. Permaneci até minha

aposentadoria, fazendo toda a minha carreira profissional no CAV. Descobri, então, que havia uma bolsa de pesquisa da Capes destinada a professores aposentados ou em processo de aposentadoria. Assim, assumi a função de Pró-Reitor de Pesquisa da Udesc, atuando a partir de então na cidade de Araquari.”



Pesquisa e Extensão sempre foram grandes diferenciais do CAV

“Nos anos de 1990, eram raríssimos os professores com título de Mestrado ou Doutorado em Santa Catarina. Certa vez, em uma reunião em Florianópolis, fui questionado quantos doutores atuavam no Estado? Respondi que 25% deles estavam representados naquela sala, pois eram apenas quatro. Com o tempo esse quadro teve uma grande mudança. Considero que uma das maiores mudanças ocorridas no CAV se deu durante a gestão do Professor Ademir Mondadori como Diretor-geral, na qual eu participei como Diretor de Pesquisa. Foi um período de muito investimento no Centro até mesmo por haver um raro alinhamento da direção do Centro com a Reitoria.

Foram dois mandatos em sequência, oito anos, de 1994 a 2002. Pelo meu perfil, eu me encaixava naquela função, pois tinha muito interesse pela pesquisa. Foi nessa gestão que defendemos a criação do Mestrado em Ciências do Solo. Com os Professores Peter Johann Burger e Valdomiro Belatto, criamos o projeto de Mestrado para a Medicina Veterinária e aprovamos na Capes. Na sequência, vieram os Doutorados: Ciência do Solo e Ciência Animal. Esses Programas de Pós-graduação alavancaram a

pesquisa e o desenvolvimento regional no setor. Trago comigo esse orgulho, em ter atuado como professor, como pesquisador e como um dos mentores da Pós-graduação. Quando passei a integrar a Reitoria, tive a felicidade de conseguir trazer aportes financeiros significativos para investimentos nos laboratórios.”

O Professor Aury Nunes de Moraes acrescenta:

“Quando voltei de meu Doutorado e Residência no Ontario em Anestesiologia Animal no Ontario Veterinary College na University of Guelph, no Canadá, em 1995, retornei ao CAV por manter meus vínculos com a Udesc. Eu era bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), que financiava o Programa de Pós-graduação no Exterior com compromisso do aluno em retornar. Havia, em algumas situações de encontros de Mestres e Doutores no seu retorno, uma leitura de quanto cada um deles havia custado ao Programa e a cobrança de que se pagasse isso com a transferência de conhecimento. Aqui encontrei o novo Hospital Veterinário em construção, sob coordenação do Professor Luiz Stolf. Em 2001, retorno ao Canadá na University of Guelph para cursar Pós-Doutorado, e, um ano e meio depois, volto ao CAV como professor de Pós-graduação, trabalhando em disciplinas alinhadas aos Animais Silvestres, Anestesiologia e Técnicas Cirúrgicas. Naquele momento os Estados Unidos tinham quase o dobro da população do Brasil, com apenas metade das Escolas de Medicina Veterinária daqui.”



Matéria jornalística destaca obras no Hospital Veterinário

“A partir desse meu segundo retorno na disciplina eletiva de Medicina de Animais Silvestres, criamos um setor de atendimento para casos atendidos pela Polícia Ambiental em convênio com o Ministério Público, atendendo animais silvestres atropelados ou com ferimentos diversos (macacos, veados, aves, etc.) de toda a região de Campos Novos e Curitiba. Após triagem e reabilitação, os animais eram – são – encaminhados legalmente para soltura. Essa disciplina surgiu por imposição dos próprios alunos, pois já era lecionada em outras Universidades. Os acadêmicos perceberam que esse era um eixo potencial do mercado de trabalho, e hoje temos alguns alunos cursando especialização na área e mesmo atuando profissionalmente, como o caso específico de um ex-aluno que trabalha em clínica na cidade de Curitiba, especializado em animais exóticos. Isso era função do CAV, não apenas ensinar, mas oferecer ao mercado excelentes profissionais de acordo com a demanda da sociedade.”

Continua: “Na Engenharia Florestal, assumi a disciplina de Manejo de Fauna, que está diretamente ligado ao mercado de trabalho e processo de expansão das cidades e suas rodovias. Um hotel-fazenda, por exemplo, é obrigado a ter uma empresa ou profissional responsável por Manejo de Fauna, bem como projetos de viadutos, túneis ou telas em trechos de rodovias para circulação de animais silvestres em segurança, para ele e para o motorista, passam pelo Manejo de Fauna. Projetos como esses que citei já são muito comuns no Canadá para circulação principalmente de ursos e já ganha espaço no Brasil em regiões do Rio de Janeiro e São Paulo, os chamados corredores ecológicos.

No CAV, fui Chefe de Departamento, Diretor do Hospital, Diretor de Pesquisa, criador da Residência Veterinária no Hospital e responsável pela criação da Residência Multifuncional de Saúde, com coordenação em Florianópolis, sendo programa do Ministério da Saúde em parceria com a Prefeitura Municipal, atendendo aos Cursos de Odontologia e Enfermagem com 40 residentes, o qual coordeno desde o ano de 2015. Infelizmente, o Programa não está disponível para a Medicina Veterinária. Eu destaco que muitas conquistas no campo das pesquisas aconteceram no CAV, desde as especializações feitas aqui, por parte de Médicos e Dentistas formados em outras Universidades, até muitos medicamentos humanos, aplicados na Medicina humana, que foram testados nos laboratórios do CAV, que, por sua vez, entregou muita mão de obra e profissionais especializados para a sociedade leiga, nacional e internacional.”

O Professor Cleimon Eduardo do Amaral Dias recorda:

“A história do Ensino Superior no Brasil é cheia de recortes. Ao passo que eu era recebido com carro de luxo no aeroporto para ministrar palestras e cursos na Universidade de Piracicaba, em Santa Catarina viajávamos de carro próprio. No CAV perdemos bons professores por motivo de achatamento salarial e propostas para lecionar em outras cidades. Para deixar registrado, minha bolsa para cursar o Mestrado no Rio de Janeiro era maior do que meu salário na Udesc, o que passa a mudar na década de 2000 com a nova política salarial, em que a Universidade do Estado passa a

pagar mais do que a própria Universidade Federal. Após a nova Constituinte, nós professores deixamos de ser celetistas, contrato pela Consolidação das Leis de Trabalho (CLT), passando a categoria de estatutários. Em Santa Catarina considero que foi a partir de 2005, por intermédio do Governador Luiz Henrique da Silveira, que houve os maiores apoios para investimentos na Universidade.

Saí o para Doutorado em 1997, voltei em 2000, e a lecionar no CAV em 2001; pouco depois assumi a Coordenação da Agronomia. Estávamos nas comemorações do 30º aniversário do Curso de Agronomia, coordenado pelo Professor Paulo Roberto Ernani, agrônomo da cidade de Vacaria, graduado e com Doutorado em Porto Alegre e responsável por implantar a pesquisa nessa área. As festividades se estenderam ao longo de um ano, com almoços festivos, encontros de ex-alunos com depoimentos sobre a trajetória profissional e debates com análise de onde saímos e onde havíamos chegado. Esse debate, chamamos de 'o CAV que eu quero'. Já nas celebrações dos 40 anos do Centro, em 2013, eu estava como Diretor-geral, gestão 2010 a 2014, quando inclusive lançamos um livro alusivo ao aniversário, com resgate da história, coordenado pelo Diretor de Comunicação, Fernando Canella. Nesse intervalo de tempo, assumi duas coordenações de curso e uma direção-geral. Vale ressaltar que, nessa linha cronológica da ESMEVE aos 40 anos do CAV, saltamos de turmas de 40 alunos com 39 homens e uma mulher para turmas no século XXI com 36 mulheres e quatro homens.”

E destaca: “Durante minha gestão me coloquei como um administrador de conflitos, trabalhando as diferentes ideologias e objetivos, tanto de servidores técnicos quanto de professores, o que considero normal num ambiente universitário, levando em conta que a equipe do CAV sempre foi muito unida. Demos atenção especial à estrutura da Engenharia Florestal, reforma do telhado do Hospital, instalação de ar condicionado em vários setores, construímos o edifício da Engenharia Ambiental e Sanitária e ampliamos o prédio da Agronomia para implantarmos o Curso de Pós-graduação, sendo essas melhorias sempre em parceria com a Administração Municipal de Lages, a Reitoria da Udesc e o Governo de Santa Catarina.”

Para Décio Luiz Poli, os serviços oferecidos pelo Centro de Ciências Agroveterinárias vão muito além das suas instalações físicas:

“A abertura e oferta de um novo curso superior é muito complexa e tem uma variável juntamente à política regional. Estudos relacionados à real caracterização da necessidade, questão de oferta e procura, conhecimento técnico e científico, laboratórios, custos por número de alunos na turma e outros estão sempre em pauta. E eu entendo que deva ser assim e deverá continuar sendo para o futuro, em outras análises de cursos que o CAV venha a realizar, afinal, se trata de recursos públicos, e estes devem ser bem geridos. Particularmente, eu entendo que as obras construídas aqui sempre tiveram uma necessidade de imediatismo, pois os cursos precisavam daquele atendimento, daquela estrutura em caráter emergencial. Então, as obras iam se complementando. Ainda assim, considero que as duas Engenharias, bem como os laboratórios, são muito bem atendidos em

termos de infraestrutura. É importante entender que o trabalho desenvolvido no CAV vai além das salas de aula, por exemplo: as análises de paternidade do Estado de Santa Catarina, testes de DNA, são realizadas aqui, em parceria entre a Udesc e o Governo do Estado, com repasses para atender a essa necessidade.”

O Professor João Fert Neto colabora:

“Entrei para o corpo docente do CAV no ano de 1987 por meio de processo seletivo. Sou Engenheiro Florestal graduado na Universidade de Santa Maria e também formado em Letras. Cursei meu Mestrado em Porto Alegre na área de Sociologia Rural e, desde minha chegada, fui professor no Curso de Agronomia, mas, em minha trajetória no Centro de Lages, fui professor dos quatro Cursos e de três Programas de Pós-graduação, chegando a dar aulas para 280 alunos em 14 turmas, antes de assumir o cargo de Diretor. Nunca fui envolvido em atividades administrativas, sempre me dedicando muito à docência e à pesquisa, até o momento em que fui Coordenador do Curso de Engenharia Florestal e, mais tarde, assumi a Direção-geral, quando comecei a ter maior participação no setor de gestão. Recordo que quando cheguei a Lages, encontrei professores do Rio Grande do Sul vindos pouco antes para trabalhar no Curso de Agronomia; era uma nova geração, motivada a fazer pesquisa, o que me motivou logo na chegada também.”



Primeira turma de Engenharia Florestal



Segunda turma de Engenharia Florestal

“Minha área não necessitava de laboratórios, então o comparativo com estrutura física não era pertinente para o meu trabalho. Desde o início o ambiente era acolhedor, com relação saudável entre professores e alunos, proporcionando uma comunicação que não existia em outras Universidades. A separação entre Fesc e Udesc foi fundamental para o crescimento, e o Centro de Lages tinha tanta força na cidade que o diretor local era popularmente chamado de Reitor pela comunidade. Existia uma autonomia de trabalho, a ponto de que minha primeira ida até a Reitoria em Florianópolis aconteceu sete anos após a minha chegada em Lages. Soube de professores que trabalharam a vida toda aqui, aposentaram-se e nunca foram até a Reitoria.

Vivíamos o período da abertura democrática nacional, e, em Santa Catarina, a mudança de regimento da Universidade após a derrota de Espiridião Amin em 1986, promovida antes que o vencedor do então PMDB assumisse, aprovando que o Reitor da Udesc fosse indicado pelo Conselho Universitário e nomeado pelo novo Governador. Como aqui citado, as greves anteriores à nova Constituição Nacional foram importantes para regulamentações há tempos desejadas – e necessárias. É claro que houve muitos desafios, a crise nacional dos anos 1990 fez com que perdêssemos 15 professores em menos de três anos por motivos salariais. Nosso Diretor-geral, Professor Paulo Cassol, era opositor ao então Reitor, Raimundo Zumblick, que tentava se manter no cargo além da legalidade da gestão, forçando o terceiro mandato consecutivo, o que promoveu uma série de perseguições. Em meio a tudo isso, já iniciávamos um movimento em prol da criação dos Programas de Pós-graduação. Muitos professores foram buscar sua própria especialização, retornando com diversos projetos de pesquisa.

Não à toa, todo aquele movimento culminou no Curso de Mestrado em Ciências do Solo, o primeiro de muitos projetos de sucesso. Mais tarde, entre 2004 e 2005, iniciava o Doutorado em Ciências do Solo. Fomos o primeiro curso de Mestrado e de Doutorado da Udesc e o primeiro Mestrado reconhecido pela Capes no interior de Santa Catarina.”

Fert continua: “Talvez, ao longo da década, outro Centro tenha alcançado os números do CAV, mas é fato que quem começou com a estrutura de um Programa de Pós-graduação pela Universidade do Estado fomos nós. No início da década de 2000, havia tendência e mesmo pressão para abertura de novos cursos. O mandato de Raimundo Zumblick encerrou após intervenção do Governador Luiz Henrique da Silveira, pesando na justiça o fato de não ser professor efetivo da Udesc; enfim, foram anos tumultuados, com dois ou três atos de greve, não por salários, mas em função de algumas ilegalidades. Chegou ao ponto em que até os defensores de Zumblick mudaram de opinião e contribuíram para uma mudança de estatuto que previa novas regras para reeleição e, principalmente, maior apoio para cursos de Mestrado e Doutorado, bem como para contratações qualificadas de professores e técnicos. Era a oportunidade para a abertura de novos cursos.”



Cortes de recursos marcaram fases de divergências políticas no Estado

“A Zootecnia havia sido instalada no Oeste por questões políticas, o que de certa forma representava que a Udesc e o Governo do Estado deviam um novo curso para o CAV. Chegou-se a falar sobre Farmácia e Geologia em vista de haver Laboratório de Solos, mas um estudo de vocação regional resultou na percepção da potencialidade da Engenharia Florestal. O projeto foi montado pela própria equipe de professores do CAV, que previa a vinda

de alguns professores da Agronomia para o novo Curso, mas também concurso público que trouxesse professores da área, experientes, prioritariamente da Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde havia iniciado a Engenharia Florestal no Brasil. Trouxemos autores de livros e professores renomados para palestras e bancas. Estávamos montando a estrutura da Engenharia Florestal e já pensando, no futuro, na oferta da Engenharia Ambiental e Sanitária. Logicamente, foi um início complexo, trazer professores para criar uma cultura dentro do Curso era desafio básico como Coordenador; no entanto, ao contrário de Santa Maria, onde não havia reflorestamento, e a indústria madeireira ficava a 380 quilômetros, Lages era uma cidade em potencial para o setor, e acreditávamos, para o Curso também.”

Prossegue: “Efetivado e, com o tempo, consolidado, era o momento de criar o Curso de Engenharia Ambiental e Sanitária, que, em 2008, iniciou como um departamento do Curso já ofertado. Até mesmo as contratações eram unificadas, o que mudaria com o tempo. Surgia a necessidade de um novo prédio, o que incomodava a Agronomia, que considerava que já existia a estrutura da Engenharia Florestal. A Reitoria, então, autoriza a construção desde que unificada, mas cada Coordenação de Curso solicitava pela individualidade. Na época, o Professor Valter Antônio Becegato ficou responsável pelo projeto de construção. O Professor Adil Vaz era o Diretor-geral e apoiador financeiro da obra, eu estava à época como Coordenador de Solos. Para se ter uma ideia da complexidade desse projeto, as discussões por local como se não houvesse espaço no CAV, as sugestões de materiais a serem utilizados e outros pormenores fizeram com que o projeto fosse feito com colagens, por assim dizer. Enquanto uns apontavam o espaço do pomar, foi optado pelo terreno plano integrado com a Agronomia, que havia feito até abaixo-assinado, alegando que o novo prédio fecharia a frente do anterior. Por fim, uma planta que começou a ser discutida em 2006 teve inauguração da obra concluída em 11 de outubro de 2018, questão de 12 anos depois. Eu já havia saído do cargo de Coordenador em 2008, mas prosseguia auxiliando.

Naquela época, havia o pacto do Governo Federal, da Presidenta Dilma Rousseff, com repasse ao Governo Estadual de Raimundo Colombo. O valor nunca chegou até o CAV, que já estava pagando multa por atraso na obra. Trouxe fotos do Aeroporto de Ushuaya, feito em madeira, para construirmos algo inovador, conceitual e mais barato; essa solução deu certo, e, assim, chegamos a sua conclusão. Durante toda essa etapa, a Agronomia já havia aumentado em três mil metros o seu espaço físico, a Engenharia Florestal, inaugurado seu curso de Mestrado em 2012, e já havia o Doutorado na Medicina Veterinária. Mas, enfim, estava pronto e, mais adiante, não tardou a ser justamente a Engenharia Ambiental e Sanitária o curso de Mestrado com mais produção em toda a Udesc, tanto em qualidade quanto em quantidade.”



Publicação destaca ensino de excelência no CAV

Conforme o Professor Luiz Stolf:

“Sem dúvida o grande impulso aconteceu quando os professores começaram a retornar de seus projetos de Mestrado, trazendo novos conceitos e implementando a pesquisa acadêmica. Automaticamente, isso refletiu em nossos laboratórios, até então carentes de instrumentos. O passo seguinte foi a implantação do Programa de Pós-graduação da própria Udesc, do próprio CAV e estava marcado, então, o momento da virada de chave e do crescimento que não teria mais regressão. Eu não fui Diretor-geral; como função administrativa fui Coordenador do Hospital Veterinário por dois anos, mas acompanhei cada projeto, vendo o envolvimento dos acadêmicos, dos técnicos e professores, em uma transferência de conhecimento intensa. Tenho muito orgulho desse pioneirismo. Hoje vejo profissionais de Medicina Veterinária trabalhando em Lages, em Santa Catarina, no Brasil, nas Américas e na Europa. Para se ter um exemplo, a pesquisa realizada sobre o câncer de nariz que atingia um animal silvestre típico da Nova Zelândia foi coordenada por um ex-aluno do CAV.” Continua: *“Outra transformação marcante foi a expansão do mercado pet a partir da década de 1990. Foi o momento da mudança de perfil de público, da entrada das mulheres como acadêmicas e da expansão das clínicas de pequenos animais, tanto em sala de aula quanto no mercado de trabalho. E o CAV fez parte de tudo isso.*

Com muito envolvimento social desde a fase de implantação, o CAV sempre esteve em sintonia com a cidade de Lages. Eram sempre novas turmas em quatro cursos com média de 40 novos alunos, bem como as turmas em andamento, o que proporcionou, com o passar do tempo, investimentos em pensões, repúblicas, lanchonetes, restaurantes, farmácias

e tantos outros setores que atendiam à demanda universitária. A região da cidade outrora um grande campo e no centro um Colégio Agrícola, depois Universidade, tornou-se, então, uma área comercial e de movimento intenso.”

O Professor Paulo César Cassol complementa:

“Em acordo com o aqui já exposto, destaco também que a Universidade passou por diversas crises na virada do século, tendo, até mesmo, processo eleitoral sustado pela justiça. O Reitor Raimundo Zumblick, no final de seu segundo mandato, entendeu que poderia se candidatar ao terceiro mandato, aproveitando-se do estatuto da Udesc, que deixava brechas para interpretações. No entanto as legislações nacionais eram claras em prever a impossibilidade de terceiro mandato. Isso foi motivo de crise política na Instituição. O momento coincidiu com a crise econômica, com percepção de que havia expansão física e educacional, mas os recursos não acompanhavam esse crescimento. Chegou um determinado momento em que consideramos que a Udesc estava crescendo, mas o CAV não. Isso gerou mobilizações.

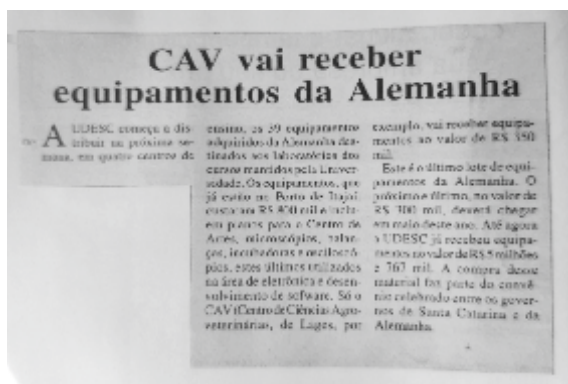
Criamos, então, uma comissão para estudos, audiências públicas e consultas na comunidade em prol da criação de novos cursos que representassem também uma virada de página e o nosso crescimento. Esse trabalho resultou nas indicações de criação primeiramente do Curso de Engenharia Florestal, este durante o meu segundo mandato como Diretor-geral (8/05/2002 a 7/05/2006), e da Engenharia Ambiental e Sanitária, posteriormente. Foram duas conquistas de extrema importância para o CAV. Outro passo significativo, foi a consolidação dos Programas de Pós-graduação: Mestrados e Doutorados, oferecidos. Isso fortaleceu a pesquisa, trouxe professores com experiência nacional e internacional, e fomos convergindo o Centro através de Núcleos de Pesquisa, começando de forma intensa na Agronomia, embora a Medicina Veterinária já tivesse iniciativas importantes no setor de reprodução animal. Destaco o Núcleo de Pesquisa do Professor Paulo Hernani, um dos primeiros professores da Agronomia, com preocupação com a pesquisa desde as primeiras ações.”

Continua: “A independência da Udesc em referência à Fesc, nos anos 1990, foi fundamental, pois, entre o Governo do Estado e as instituições, havia conflitos políticos por nomeação e por linha de pensamento. Foi no Governo do senhor Cassildo Maldaner, o qual trazia uma visão democrática, que a criação da Fundação Udesc e a separação da Fesc impulsionaram o crescimento da Universidade e, diretamente, também do CAV, que garantia seu direito aos recursos. No processo que envolveu greves, gerando uma mobilização universitária completa, merecem citação dois nomes engajados e com iniciativas de apoio ao CAV: o Deputado Federal Paulo Duarte, ex-prefeito de Lages, e também o Deputado Federal Ivan Ranzolin.”

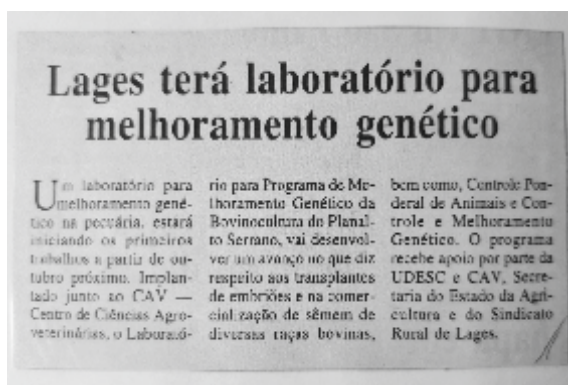
Em contribuição ao conteúdo do período, o Professor Sérgio João Dalagnol acrescenta:

“Havíamos vivido aquele momento entre 1987 e 1988 do convênio do Brasil com a Alemanha Oriental e países do Leste Europeu, popularmente

conhecido como uma 'troca de café por equipamentos'. Era um processo burocrático, mas trouxe benefícios. Em certa oportunidade, da Hungria via Ministério da Educação, recebemos duas remessas de equipamentos, contendo mesa cirúrgica, termostato e microscópio. Com o tempo percebemos que o melhor caminho era fazer projetos que viabilizassem investimentos. Eu pensava comigo mesmo: 'se daqui a 20 anos não tiver nada no laboratório, alguém vai dizer, não tem porque não pediu'."



Parceria Brasil e Alemanha traz equipamentos para o Centro de Lages



Laboratórios do CAV – essenciais para o ensino de qualidade

“Quando a Udesc não tinha recursos, a gente recorria aos financiamentos do Banco do Brasil. Houve um momento em que elaboramos um projeto para pesquisa relacionada à bronquite aviária, uma espécie de coronavírus, e conseguimos financiamento de \$ 180.000,00 (cento e oitenta mil dólares), um grande investimento no setor de cultivo aviário, conseguindo equipamentos que estão disponíveis até hoje. Quando eu

escrevia um projeto, já pensava em ações práticas que trouxessem melhorias para os laboratórios. Por vezes, os microscópios de um laboratório eram usados seis horas por dia e ficavam ociosos no restante do tempo, enquanto outros laboratórios tentavam projetos para aquisição. Percebemos que o uso comum, como em uma Área de Microscopia, seria o ideal. Eram momentos de recursos escassos, mas de muitos projetos visando à expansão.”

Prossegue: “Para quem conhece a estrutura física do CAV, podemos dizer que seu formato atual consolidou do ano 2000 em diante, com o novo Hospital Universitário, a ampliação de todos os laboratórios, os edifícios dos quatro Cursos, ginásio, campo de futebol, academia e tantas outras áreas externas. A participação de porcentagem por arrecadação do Estado, instituída pelo Governador Vilson Kleinubing, foi fundamental para isso. Em São Paulo já havia esse sistema, e era uma referência positiva. Outro ato marcante do CAV foi sua tradição nos Programas de Estágios, desde a primeira turma lá em 1973. Hoje, dos dez semestres de aula, o último é dedicado exclusivamente ao estágio, e temos empresas parceiras sempre abertas para o acadêmico. Costumamos dizer que, nos primeiros 45 dias, o aluno até atrapalha o processo com sua inexperiência prática, mas logo após, aprende, evolui e, por diversas vezes, é contratado antes mesmo do fim das aulas. Digo, sem dúvidas, que o crescimento do CAV está diretamente ligado ao crescimento da Avicultura e da Suinocultura em Santa Catarina e vice-versa. O que desenvolvemos aqui influenciou o mercado, e a demanda do mercado lá fora influenciou nossa pesquisa aqui dentro.”

O Professor Adelmar Tadeu Wolf complementa:

“A qualidade de ensino e o Programa de Pós-graduação tiveram crescimento e reconhecimento tão expressivos que chegou ao ponto de se consolidar a seguinte expressão: 'se estudo no CAV tem mercado de trabalho aberto'. Aos poucos os egressos do CAV ocupavam cargos importantes nas maiores agroindústrias de Santa Catarina e sul do Brasil, e muito disso se deve ao Programa de Estágios, do qual tive a graça de ser o primeiro Coordenador. Entrava em contato com as indústrias, principalmente no Oeste do Estado, e fechávamos parceria. Era uma satisfação enorme quando o acadêmico retornava no final do semestre e comunicava que já havia sido contratado. Mais tarde, já assumindo cargo administrativo, esse mesmo acadêmico era responsável por encaminhar outros alunos do CAV para o mercado de trabalho onde, um dia, ele também havia sido estagiário.

Logicamente, tivemos momentos difíceis com pouquíssimo repasse do Estado para a Universidade. A nova Constituição, no final da década de 1980, foi fator transformador, incluindo aqui que deixamos de ser professores celetistas, passando para o regime estatutário, o que gerava mais garantias e, assim, segurança para desenvolver nosso ofício. Houve manifestações, greves, negociações, mas considero atos importantes, até mesmo para garantir a qualidade de ensino, que sempre foi nosso maior objetivo. Nesse período, o CAV estava longe da época em que era popularmente chamado de Escola Agrícola – em alusão à Escola Caetano Costa citada na origem. Já havia aqui a construção de diversos laboratórios, ruas asfaltadas dentro do Centro, ajardinamento, muro construído em

forma de taipa, respeitando a história dos tropeiros que passavam pela cidade em outros séculos. Eu olhava para nossos alunos, em conagraçamentos extraclasse, e dizia: 'agora, sim, tem cara de Universidade.'

A Professora Viviane Trevisan, Chefe do Departamento de Engenharia Ambiental e Sanitária e Coordenadora do Curso, contribui: *“Após minha graduação em Engenharia Química pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e mestrado em Biotecnologia também pela UCS, cursei meu Doutorado no Instituto de Pesquisas Hidráulicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), concluído no ano de 2010. Em seguida, fiquei sabendo pelos meus professores que havia aberto concurso público na Udesc de Lages, na área de tratamento de água; me informei, prestei meu primeiro concurso público e, em maio de 2011, fui aprovada em segundo lugar, então iniciei minha história no CAV. A vaga era para iniciar as aulas na sétima fase da primeira turma; o primeiro colocado assumiu a disciplina Tratamento de Água, e eu, a parte de Tratamento de Esgoto, Efluentes e Resíduos Sólidos. Quando tive meu primeiro contato com o CAV, me surpreendi bastante. Estive por quatro anos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ciente de que houveram grandes períodos sem recursos para as Universidades. Ao chegar aqui, encontrei tudo muito organizado, mesmo sendo construções das décadas de 1970 e 1980 tudo parecia muito preservado. Quando de minha chegada, dividíamos espaço em um mesmo prédio multidisciplinar com o curso de Engenharia Florestal, o prédio parecia novo em comparação as demais estruturas, tanto visualmente quanto em manutenção. Brinco que 'nem parecia uma estrutura pública'. Naquele momento estava sendo construído o novo prédio da Engenharia Ambiental. Eu não conhecia muito a estrutura da Udesc, não tinha maiores conhecimentos sobre a Universidade de Santa Catarina, então o primeiro contato deixou uma impressão muito positiva.”*

Viviane continua: *“A primeira turma de Engenharia Ambiental iniciou em agosto de 2008. Iniciei com minhas aulas na sétima fase, em agosto de 2011, ainda utilizando equipamentos, laboratórios e salas dos Cursos de Medicina Veterinária e Agronomia, até que, em 2014, nosso próprio prédio estava concluído. Passamos, então, para salas maiores e locais com equipamentos mais adequados para pesquisa e para aulas práticas. Logo após, a Engenharia Florestal concluiu seu prédio próprio, e os quatro Cursos do CAV estavam em seu espaço físico próprio. A Engenharia Ambiental e Sanitária, caçula dos Cursos do CAV, sempre ofereceu um vestibular por semestre e manteve sempre um perfil de público bem característico, formado por acadêmicos, em sua maioria jovens, dos quais 70% a 80% vindos de outras cidades e regiões. Inicialmente estavam focados no mercado de trabalho do setor privado, recentemente houve uma mudança no que diz respeito a trocar o cargo como colaborador do setor privado, pelo cargo público ou pelo empreendedorismo e abertura de empresas de assessoria, consultoria ou serviços em suas cidades ou regiões de origem.*

“Após formado, como citado, é comum que o acadêmico retorne a

sua cidade ou região de origem, levando consigo soluções que aprendeu a desenvolver em suas pesquisas acadêmicas e trabalhos realizados no CAV. Muitos deles, mesmo durante a Graduação, já criam estratégias para abertura de empresas para prestação de serviços. Outros realizam estágios em empresas de Lages e região e, posteriormente, são transferidos para filiais dessas empresas em diferentes locais do Estado ou do País. Assim, temos egressos atuando a nível local, regional, nacional (Bahia, Maranhão, São Paulo, etc.) e internacional, como o exemplo de um profissional formado no CAV que atua na área ambiental em uma empresa na Turquia, fruto do Programa Ciências Sem Fronteiras. Sempre incentivamos o acadêmico a 'fazer contatos', conhecer o mercado e mostrar o seu potencial”.

“Eu destaco que a Engenharia Ambiental e Sanitária é relativamente nova no Brasil, tendo seu início de forma recente na década de 1990. Até os dias de hoje, algumas empresas e municípios não sabem lidar com a questão ambiental, e essa nova visão de mundo, com foco no meio ambiente, faz com que 95% dos acadêmicos do Curso já estejam no mercado de trabalho logo após a sua formatura. Muitos estagiários de empresas são efetivados e, no ano seguinte, passam a ser orientadores de novos estagiários do Curso. Em frente ao portão do CAV há uma empresa de assessoria em Engenharia Ambiental, onde os sócios são egressos do nosso curso e já estão solicitando estagiários do CAV. É um ciclo que só cresce.”

Acrescenta: “E esse crescimento, com certeza, foi fortalecido pelo Programa de Pós-graduação. A nossa primeira Pós graduação iniciou em 2016 com o Mestrado em Ciências Ambientais, que atualmente está com 15 a 20 acadêmicos em fase de dissertação em diferentes áreas, como saneamento, georreferenciamento, meteorologia, toxicologia e outros. Em 2022, foi criado o projeto de Doutorado em Ciências Ambientais, em fase de avaliação pela Capes e com previsão de início das aulas em agosto de 2023. Muitos de nossos acadêmicos saem da Graduação e iniciam imediatamente uma Especialização, pois o mercado de trabalho tanto público quanto privado exige soluções de problemas que podem ser resolvidos por meio da pesquisa acadêmica. Um programa de pós-graduação certamente enriquece o Curso com a chegada de novos professores e também pela chegada de acadêmicos não egressos do CAV, que optam pela nossa Pós-Graduação e acabam atraídos para a docência, como caso recente ocorrido em agosto de 2022, quando quatro ex-acadêmicos de Mestrado prestaram concurso público para tentar se efetivar no CAV. O Curso de Engenharia Ambiental e Sanitária tem um perfil muito prático, desde aulas em Laboratórios de Química e Física até as visitas técnicas promovidas por professores para análises de rios e solos, bem como estudo de impactos ambientais, como o caso ocorrido em Mariana, Minas Gerais”.

“A partir da sétima fase, o foco das aulas é muito profissionalizante. Acompanhamos os acontecimentos nacionais, como por exemplo, a contaminação do Rio Doce, para usar como estudo de caso e fazer com que os acadêmicos estudem soluções aos problemas reais. Durante décadas sem leis ambientais e fiscalização, muitos rios e áreas sofreram impactos da indústria. Muitas cidades até hoje sofrem com o esgoto a céu aberto e nossos

acadêmicos são levados a conhecerem essas realidades e apresentarem estudos e soluções para esses problemas. Fato curioso de nosso Curso, é que, na disciplina que ministro, os acadêmicos trazem seu resíduo sólido doméstico limpo para as aulas, para que sejam feitas análises. Isso causa um estranhamento logo no início, mas depois entendem que no saneamento se trabalha com análise de resíduos no meio ambiente, e esse estudo diz muito sobre os hábitos de cada pessoa e de uma comunidade. Muitos acadêmicos já vêm com uma consciência ambiental formada, outros a desenvolvem em sala de aula”.

“Nossa pesquisa apresenta diversos estudos em diferentes áreas, desde acompanhamento de áreas que não podem ser mais utilizadas para plantio ou construção devido a sua contaminação, projetos de professores que visam à fabricação de tijolos para a construção civil à base de resíduos, propostas de saneamento básico utilizando estruturas simplificadas, que resolvem problemas no setor, sempre com acompanhamento de acadêmicos na operação e instalação. Mantemos, ainda, parceria com a Associação de Municípios da Região Serrana (Amures), com a Secretaria Municipal de Águas e Saneamento de Lages (Semasa), Polícia Ambiental e Defesa Civil onde levamos acadêmicos para participarem de estudos e projetos em comum, a nível local e regional. Assim, os acadêmicos conhecem as realidades da coleta de esgoto, as dificuldades de pequenas cidades que ainda recolhem seus resíduos sólidos com carroças e realizam análises de risco e impacto ambiental. Dizemos para os acadêmicos: ‘No mercado de trabalho, são vocês que terão que encontrar a solução”.

E finaliza: “Um ponto muito positivo do CAV com relação à comunidade local foi a criação do Parque das Profissões, evento que, por exemplo, em 23 de setembro de 2022, trouxe quase 2 mil pessoas para o Campus, para conhecerem o que os nossos Cursos oferecem e fazem na prática. É muito comum recebermos novos acadêmicos, que relatam terem tomado a decisão de se tornarem acadêmicos no CAV após as visitas realizadas quando estavam no Ensino Fundamental e Médio.”



Visita à estação de tratamento de água de Campos Novos, 2013



Construção do prédio da Engenharia Ambiental e Sanitária (Bloco I) em 2012



Laboratório de físico-química do prédio da Engenharia Ambiental e Sanitária (Bloco I) em 2014



Visita à Hidrelétrica de Itaipu em 2014



Medição de vazão de rio em 2014



Visita à ENGIE, Capivari de Baixo, SC



Prédio da Engenharia Ambiental e Sanitária (Bloco I), 2012



Visita técnica ao Porto de Itajaí em 2013

Natural de Candelária e graduado em Zootecnia pela Universidade Federal de Santa Maria, ambas no Rio Grande do Sul, o Professor Clóvis Eliseu Gewehr recorda sua vinda para Lages:

“Após conclusão do Doutorado na UFLA/MG, iniciei em 2004 como professor colaborador no Curso de Zootecnia da Udesc em Chapecó. Um colega contemporâneo da UFSM, que trabalhava no CAV, Professor Henrique Ribeiro Filho, me avisou que estava abrindo concurso público na minha área de atuação. Fui aprovado e passei a fazer parte do corpo docente, isto em 2005. Chequei a Lages (sem conhecer a cidade), especificamente para atuar no Curso de Medicina Veterinária noturna, na disciplina de Nutrição de Monogástrica e Avicultura; no entanto assumi uma carga horária considerável, lecionando também para a Agronomia, quando me destinaram disciplinas de outros professores. Assumi o então Setor de Cunicultura, transformando-o no, hoje, Setor de Avicultura.

O CAV é um local excelente para trabalhar, com liberdade ao professor para poder investir na sua área de conhecimento. Conseguimos, logo na chegada, montar uma estrutura para experimento com aves e para fabricação de ração, podendo trabalhar com pesquisa e proporcionar mais oportunidades de conhecimento aos estudantes. Confesso que meu objetivo inicial era ir para uma Universidade Federal, mas, ao encontrar no CAV um ótimo ambiente de trabalho e pessoas comprometidas com o ensino e a Instituição, resolvi ficar por aqui. Alio também ao fato de a minha esposa ter gostado muito da cidade de Lages. É importante destacar que as pessoas que passam, estudam ou trabalham no CAV desenvolvem aquilo que eu chamo de 'orgulho de ser Caviano'. Quem é Caviano sabe o que é isto e o que isto significa. É algo singular.”

Gewehr continua: “A pesquisa cresceu rapidamente no CAV. Quando da minha chegada não havia ainda a oferta de curso de Doutorado, somente o Mestrado em Ciências do Solo e o Mestrado em Ciências Veterinárias, que mudou o nome posteriormente para Ciência Animal. A Udesc precisava de

um Doutorado, e havia uma grande pressão para ofertar um curso de Doutorado para manter o status de Universidade. Isso se tornou realidade com a criação do Doutorado em Ciências do Solo, o primeiro curso da Udesc. Logo na sequência, tivemos a abertura do Doutorado em Produção Vegetal e em Ciência Animal. A partir de então o CAV teve outra dinâmica, em que a geração de conhecimento passou a ser uma realidade, chegando à atualidade ao número de quatro Doutorados (Ciências do Solo, Produção Vegetal, Ciência Animal, Bioquímica e Biologia Celular) e seis Mestrados (Ciências do Solo, Produção Vegetal, Ciência Animal, Bioquímica e Biologia Celular, Engenharia Florestal e Ciências Ambientais), além da Residência em Medicina Veterinária, com apenas quatro cursos de Graduação.

Em fase de implantação há mais dois Doutorados a caminho: Engenharia Florestal e Ciências Ambientais. Tal situação decorre de termos professores altamente capacitados, sendo que mais de 80% dos professores do Centro fazem parte do corpo docente dos cursos de Pós-graduação. Do ponto de vista administrativo, não é nada fácil administrar essa situação, porque a Direção do Centro tem que dar suporte à grande quantidade de experimentos a serem executados pelos pós-graduandos, além da manutenção dos cursos de Graduação e dos nossos laboratórios.

Hoje, nossos cursos de Pós-graduação têm posição destacada no Brasil. Para chegarmos a esse patamar, é de se destacar que outros diretores que me antecederam foram fundamentais para essa magnitude; cito os Professores João Fert, Paulo Cassol e Adil Vaz, que, na questão dos concursos, sempre procuraram buscar o que havia de melhor para ingressar no CAV. Com o ingresso de professores capacitados, estes fizeram a diferença para termos a qualidade de ensino e o alto conceito atingido pelos nossos Cursos.

Destaco a criação dos dois novos cursos de Graduação que viriam a consolidar o Centro de Ciências Agroveterinárias de fato: a Engenharia Florestal e a Engenharia Ambiental, posteriormente, Ambiental e Sanitária. Em 2005, havia apenas dois cursos já consolidados (Agronomia e Medicina Veterinária), que, de certa forma, rivalizavam entre si. Entendo que era uma rivalidade sadia que se refletia na qualidade de ensino, em que ambos queriam ser 'o melhor curso do CAV'. Os novos cursos (Florestal e Ambiental) inicialmente sofreram um pouco pelo sombreamento dos cursos já consolidados: disputa por espaço físico, recursos financeiros, bolsas de monitoria e contratação de professores foram motivo de muita discussão. Participei de discussões para implantação do prédio da Engenharia Florestal, que, apesar de ter sido criado antes da Ambiental, teve seu prédio construído posteriormente ao da Ambiental.

Detalhe importante na estrutura docente do CAV é que o atual corpo é formado por professores oriundos de diferentes Universidades brasileiras, o que predispõe diferentes correntes de pensamento e conhecimento, permitindo que as ideias qualificadas sejam confrontadas sempre, promovendo o desenvolvimento dos cursos e do Centro. Mesmo havendo divergências, no Consecav (que é o órgão máximo decisório do CAV), sempre se encaminha para discussões voltadas para decisões predominantemente

técnicas, sempre visando ao benefício coletivo do Centro. Acredito que a participação dos Cavianos nos interesses e processos decisórios acaba sendo um grande diferencial do CAV.

Tive a grata oportunidade de assumir as seguintes funções administrativas no CAV: Chefe de Departamento de Produção Animal e Alimentos, Diretor de Extensão (gestão 2014 a 2018), função fundamental para que mais tarde assumisse o cargo de Diretor-geral. Trabalhei alguns anos na iniciativa privada em cargos administrativos, e isto me trouxe facilidade no relacionamento interpessoal, o que fatalmente me trouxe também facilidade para exercer essas funções na Universidade e fazer a gestão de pessoas. Aceitei ser Diretor de Extensão como desafio, isto porque essa área é conhecida como o 'patinho feio' das Universidades, sendo chamada por alguns como 'jabuticaba', ou seja, extensão só existe no Brasil. Na gestão do Professor João Fert (2014 a 2018) formamos um grupo de diretores que pensou o CAV em várias frentes, em infraestrutura, qualidade de ensino, além de traçarmos um projeto para alavancar a extensão, e conseguimos mais que triplicar o número de projetos. Inicialmente eram 28, e passamos a ter mais de 100 ações, isso com 108 professores efetivos no Centro, praticamente um projeto por professor."

Continua: "A participação e organização estudantil eram ainda precárias. Não havia uma estrutura digna que contemplasse atividades complementares no Campus. Então, remodelamos a academia de ginástica com melhores e modernos equipamentos, contratamos educadores físicos qualificados para atendimento aos alunos, reformamos o ginásio de esportes, iluminamos o campo de Rugby para proporcionar atividades noturnas e, aos poucos, fomos trazendo eventos culturais ao Centro. Já na nossa gestão de Diretor-geral (2018-2022), foi um período de muita dedicação nas demandas de ensino, pesquisa, extensão e obras. Foi criada uma série de ações voltadas a melhorar a infraestrutura do CAV, com aquisição de gerador de energia, reformas elétricas, pintura e manutenção de todos os prédios. Entretanto, fomos pegos de surpresa por um inimigo desconhecido e invisível: a Covid-19. Minha gestão como Diretor-geral pegou a Pandemia da Covid-19 do início ao fim.

Quanto à infraestrutura, creio que conseguimos alcançar os objetivos e deixar encaminhados os projetos indicados pelo Planejamento Estratégico do CAV 2018-2022. Tornamos o Campus mais bonito e organizado. Embora ocorressem alguns atrasos devido à discussão dos projetos entre os envolvidos e à própria Covid-19, conseguimos concluir obras importantes, como a reforma do Hospital Veterinário e do sistema elétrico do HCV e a totalidade do prédio da Agronomia. Deixamos encaminhada e iniciada a construção do novo Hospital Veterinário e a reforma completa do prédio da Agronomia, que abriga o Departamento de Agronomia e Departamento de Solos. Uma das nossas prioridades era conseguir o alvará do Corpo de Bombeiros para todas as edificações do CAV, e isto também foi conquistado. Eu havia morado em frente ao prédio da Boate Kiss em Santa Maria e, quando assumi a Direção, tive a preocupação de regularizar nossos prédios, em que o Setor de Obras do CAV, por

intermédio dos Engenheiros Eliana Velho e Paulo Furtado, tiveram papel importante. Com relação a recursos humanos, considero que o maior patrimônio que uma instituição pública possui são seus funcionários. E para estes não medimos esforços, dando-lhes melhores condições, desde a adequação do seu ambiente de trabalho, como aquisição e disponibilização dos melhores equipamentos, além de investir também no processo de qualificação.”

Pandemia da Covid-19

O Professor Clóvis Eliseu Gewehr destaca:

“Com relação à gestão da Covid-19, nossa premissa foi integralmente voltada para proteger a vida dos Cavianos. A Reitoria da Udesc transferiu a responsabilidade da gestão da Covid-19 aos Centros. Assim, coube a nós a difícil missão de coordenar esse processo. Ressalto aqui o empenho e a participação dos nossos Diretores-assistentes, Professor Adelar Mantovani (Pesquisa e Pós-graduação), Professora Viviane Schein (Extensão), Servidor Marcos Rodrigues (Administração) e, principalmente, o hoje Diretor-geral, Professor André Thaler. Mantivemos-nos reunidos permanentemente, em vigília, discutindo ações e soluções. Mantivemos um diálogo aberto com representantes dos estudantes de Graduação e Pós-graduação. Criamos um grupo com coordenadores de curso de Pós-graduação, chefes de departamento, representantes de técnicos e discentes, criamos um plano de contingência, e todas as decisões foram tomadas de forma coletiva, sempre priorizando a defesa da vida das pessoas. Logicamente recebemos algumas críticas, mas creio que todas as decisões foram corretas e exitosas. Destaco que, quando foi tomada a decisão de retorno às atividades presenciais, o CAV foi o primeiro Centro da Udesc a retornar, e, para isto, mobilizamos as pessoas para respeitar as medidas de segurança. Nosso troféu é que não perdemos nenhum caviano nesta Pandemia.

Lutamos contra um inimigo invisível, mas ao voltarmos ao modo presencial, em outubro de 2021, tivemos convicção da certeza das ações tomadas. Durante a Pandemia, tínhamos contato com professores e pesquisadores de diversas partes do mundo. Buscávamos informações, troca de ideias e inspiração na condução das tomadas de decisões. Foi um período penoso, mas me conforto destacando que ainda bem que isso aconteceu na nossa gestão, pois tínhamos nas chefias e coordenações pessoas experientes e responsáveis. Nossa Direção tinha a noção da responsabilidade pela vida de mais de 2 mil pessoas. Em mãos erradas ou sem experiência poderia ter acontecido algo danoso. Quando sou questionado por alguém que não concordou com o que fizemos, respondo: 'você está vivo, e isto que importa.' Considero, então, que nosso plano de contingência (Plancon-CAV) foi eficiente. Não hesitamos em cumprir rigorosamente o que estava estabelecido pelo Plano, o qual foi protocolado na Secretaria Municipal da Educação de Lages, por solicitação do Ministério Público, bem como levou em consideração o que determinava os decretos estaduais.”

Conclui: *“Tivemos paciência. Temos 96 laboratórios que não pararam durante a Pandemia. Animais precisavam ser alimentados. Não fechamos as portas do Centro, mas exigimos cumprimento e responsabilidade para com as normas estabelecidas. Não demitimos nenhum colaborador terceirizado, com intenção de manter o padrão de vida dos colaboradores e não agravar ainda mais a crise econômica ocasionada pela Pandemia.”*

Qualidade de Ensino na Pandemia

Gewehr finaliza: *“Temos que agradecer aos professores por conseguirem se adaptar rapidamente às novas metodologias impostas pelo ensino remoto. Professores com 30 anos de experiência que ministravam suas aulas em um quadro, usando apenas giz, de repente, se viram frente à necessidade de ir ao computador para lecionar de forma remota. Foi desafiador, mas temos ciência que, dentro das proporções e condições vividas, tentamos manter a qualidade de ensino. A qualidade de ensino é uma marca registrada do CAV. Sabemos que a Pandemia atrapalhou o aprendizado dos nossos estudantes. Estamos nos esforçando para recuperar essa situação. E nossos alunos, por serem diferenciados, estão buscando suprir essa lacuna deixada pelo período da Pandemia se inserindo nas rotinas de trabalho dos nossos laboratórios e setores, buscando uma melhor qualificação.”*

CAPÍTULO IV

CAV 50 ANOS: FATOS E RELATOS

Em cinco décadas de uma história escrita com muitas mãos, diversos fatos de cunho social e político, cotidianos e curiosos, fazem parte das memórias de cada agente envolvido. O Capítulo Fatos e Relatos apresenta alguns desses momentos, bem como a visão de futuro do CAV além de seus 50 anos de atividades.

Comunicação

Como Diretor de Comunicação do CAV por três décadas, Fernando Canella relata:

“Sou natural do país vizinho, Uruguai, e estou no Brasil há 50 anos. Ao chegar em Lages comentei que havia vindo morar em uma cidade do Brasil ainda mais fria que a minha, San José no extremo sul. Trabalhava em uma cooperativa uruguaia e era responsável pela exportação de queijo, então tinha muito contato com o sul do Brasil, principalmente com Porto Alegre. Certa vez uma empresa de laticínios me informou sobre um concurso com oferta de salário quatro vezes maior que no Uruguai. Fiz e passei. Vim morar no Rio Grande do Sul e apenas três meses depois, quem me indicou e contratou foi demitido por problemas financeiros internos e assim, o concurso foi cancelado, o que gerou minha demissão. Nesta época meu cunhado e minha irmã já eram professores na Paraíba e me convidaram para ir até lá distribuir currículos em indústrias e fazendas.

Na Paraíba, em uma festa, fui abordado por um desconhecido que me perguntou meu ofício. Expliquei que era Agrônomo por formação e especialista em assuntos voltados ao leite. Já estava amanhecendo quando ele me fez um convite inusitado; se eu poderia fazer uma palestra como substituto, sobre aquele assunto na mesma manhã. Jovem, buscando mercado, aceitei. Pensei: 'vou falar em espanhol, ninguém vai entender nada mesmo'. Após a palestra, um senhor me procurou, o qual soube na hora que era o Pró-Reitor da Universidade local e me convidou para ser professor. Assim, tudo muito rápido. Eu aceitei e, desse dia em diante, permaneci dez anos lecionando na Universidade. Passada uma década, fui convidado para uma palestra em Lages e... cá estou. Só voltei à Paraíba para me desligar da Universidade.”

Continua: “Quando cheguei em Lages entre 1983 e 1984, eu tinha esposa e filho, era época do Governo de José Sarney, muito desemprego e inflação. Fui convidado a trabalhar no CAV, que estava completando 10 anos de atividades, e aceitei de imediato. No entanto, aqui era tudo diferente de onde eu vinha no nordeste do Brasil. O Curso de Agronomia estava formando a primeira turma, e eu entrei como professor, porém, após análises, meu curso superior no Uruguai não foi aceito aqui em Santa Catarina e meu salário caiu para metade do que ganhava antes no Paraíba. A professora e jornalista Andreia Machado, criou o Jornalzinho do CAV, voltado às fofocas internas do campus e passei a auxiliar na produção do

material, pois não poderia mais lecionar. Quando ela precisou ir embora, o Professor Sérgio Dalagnol me convidou para ser Diretor de Comunicação. Passei, então, a trabalhar simultaneamente na granja de leite e na comunicação do CAV, ficando posteriormente somente com a função da comunicação. Assumi, assim, o evento de recepção dos calouros e fui Chefe de Gabinete. Desde então, foram 30 anos nessa atividade. Brinco que 'como Agrônomo, nunca plantei nenhuma batata.'

Nossa revista era quinzenal, e começamos no tempo do mimeógrafo de álcool; mas nossa revistinha tinha muita aceitação, era aguardado o dia de sua circulação. Eu era um gênio incompreendido (risos). Levei para a reitoria o projeto da Rádio Universitária pouco antes dos anos 2000 e tinha ainda o projeto da TV Universitária, mas não vingou por motivos políticos já existentes naquele momento, como uma esquerda e direita de hoje em dia. A revista durou 10 anos; depois, com a chegada da internet, transformamos o material em uma página no site do CAV. Mas esse progresso não foi positivo, o conteúdo acabou saindo das mãos do Centro e quando vimos não havia mais espaço para falar dos aniversários, festas e fofocas. Creio que ainda hoje, tudo esteja somente em torno da internet também, das redes sociais. Permaneci no CAV até 2007, já haviam inaugurado os novos cursos.

A Rádio CAV existiu, mas considero que deu muito problema; eu a via como um meio de união, mas acabou sendo centralizada pela reitoria após a saída do jornalista e assessor Severo Antunes, passando a ser usada para propaganda institucional e não cumprindo mais a sua função inicial. Durante minha administração, a Rádio veiculava música gaúcha de manhã cedinho e música clássica ao meio-dia. Havia apresentação de projetos de pesquisa, entrevistas com presidentes de Centro Acadêmico, notícias locais para um raio de 25 quilômetros. Quando recebíamos visitas, a Rádio anunciava e, por vezes, entrevistava o visitante, enfim, tudo que era de interesse do meio acadêmico para servidores, técnicos, professores e alunos estava no conteúdo da Rádio, que unia o CAV com a comunidade local."



A Rádio sempre manteve a Universidade próxima da comunidade

“Um trabalho importante de aproximação do CAV com a sociedade de Lages eram as visitas de turmas de crianças de sete a doze anos para conhecer coelhinhos, vacas leiteiras e demais estruturas atrativas para a idade. Eu encontro até hoje profissionais aqui da cidade que me relatam que aquelas visitas influenciaram na formação profissional. Os cursos do CAV sempre foram muito bons, se você visita a bacia leiteira do Oeste catarinense, vê que a maioria dos profissionais em posição de destaque foi aluno do CAV. Outro ponto importante é sobre as pessoas que fizeram parte dessa história. Flávio Krebs Ramos se não foi perfeito, foi perto disto e trouxe muitas pessoas de gabarito para o CAV, como o Professor Lauro Antônio do Canto Petrucci, um dos fundadores do Curso de Medicina Veterinária de Santa Maria. Para se ter noção de quem foi o Professor Lauro, ele atendia o cavalo de corridas do empresário Roberto Marinho, diretor da Rede Globo. Em uma prova em Porto Alegre, onde o animal teve problemas, chamaram o Professor para atendimento, e ele foi campeão sul-americano. Esse profissional era docente do CAV. Professor Aury Nunes realizava cirurgia em animais do Parque Beto Carrero. Com a equipe da Agronomia realizamos palestras para a bacia leiteira de Chapecó e região, e a I Exposição de Gado Leiteiro de Lages na época do prefeito Décio da Fonseca Ribeiro foi realizada em parceria com o CAV. Tudo isto faz parte da Comunicação, afinal, o nome do Centro estava sempre em evidência.

Trago lembranças dos eventos de recepção dos calouros, nos quais primeiro falavam os diretores e coordenadores, digamos assim, a parte séria do protocolo, depois era a minha vez, e eu tinha uma conversa aberta com eles, que estavam saindo da adolescência para a vida adulta. Orientava sobre drogas, sexo, de forma aberta, e eles adoravam meus comentários. Cheguei a hospedar alunos em minha casa até que se instalassem na cidade e tenho muito orgulho de falar até hoje nas redes sociais com os acadêmicos que viveram essa fase. E, sem dúvida, como Diretor de Comunicação, uma recordação que trago comigo até hoje, foi a produção do Livro CAV 40 Anos, em 2013, sob minha coordenação, uma obra que ficou para a história do Centro e muito me orgulha em ter contribuído.”

O Professor Ademir José Mondadori colabora:

“Foi um período de muito destaque nos meios de comunicação. Quando um reitor visitava o Centro, visitava também nossos veículos de comunicação e toda a comunidade sabia de sua presença em Lages. Não passava uma semana sequer em que o CAV não estivesse nos jornais locais. Vejo que o fim da mídia impressa e entrada em definitivo apenas dos blogs, sites e redes sociais não gera tanto conteúdo e presença como naqueles períodos.”

Hoeschl destaca: *“Os meios de comunicação da década de 1970, 1980, em que se assemelham aos que existem hoje? Como funcionava as trocas de informações? As novidades? Como chegavam as notícias? Com relação ao meio acadêmico, as informações vinham por meio de professores atuantes ou em especialização nas capitais Curitiba, Porto Alegre e São Paulo e, claro, do exterior quando estavam em Mestrado ou Doutorado. Realizávamos a Semana da Medicina Veterinária, com presença de*

professores e técnicos de fora, e as novidades chegavam até aqui, no interior do Estado. Fora isso, contávamos com a força do jornal impresso e da rádio, veículos onde o CAV sempre esteve presente.”

Encontro de Médicos Veterinários em Lages

Realizar-se-á em nossa Cidade nos dias 3, 4 e 5 de maio do corrente ano o “VII Ciclo de Atualização em Medicina Veterinária — VII CAMEV”, tendo como local o Centro de Ciências Agropecuárias — CAV. A programação é do Curso de Medicina Veterinária da Universidade do Estado de Santa Catarina — UDESC, com a participação do Conselho Regional de Medicina Veterinária — CRMV, Sociedade de Cientistas de Medicina Veterinária, Sindicato dos Médicos Veterinários de Santa Catarina, Federação Nacional dos Médicos Veterinários e Núcleo dos Médicos Veterinários do Piauí do Estado.

Este evento visa principalmente reciclar os profissionais ativos em Santa Catarina, inclusive dos Estados vizinhos, bem como discutir a atual situação da atuação em seus respectivos países, com ênfase nas diversas áreas de atividades relacionadas com o exercício de Veterinária.

A abertura do encontro deste encontro deve-se à diversidade das propostas nos temas de interesse, mas principalmente a presença de renomados palestrantes, de alto gabarito e elevado saber, que abordarão temas como: Perspectivas da Medicina Veterinária, Alternativas de Alimentação de Bovinos, Controle Integrado de Moscas em Instalações Rurais, Medicina Veterinária Alternativa — Utilidade da Homeopatia em Medicina Veterinária, Infecções em Medicina Veterinária, Coccídios e Coccidioses em Animais Domésticos, Fatores que Interferem na Produtividade de um Rebanho Suíno, Diagnóstico por Imagem em Medicina Veterinária, Principais Diagnósticos realizados no CAV e Aspectos Modernos de Imunização em Medicina Veterinária.

Este amplo e bem selecionado programa de palestras por certo atrairá muitos entre os colegas, permitindo que se faça a previsão de que estarão presentes um grande número de Médicos Veterinários, o que, sem dúvida alguma, representará o êxito de seus objetivos.

Lages, 2 e 3 de maio de 1988
CAV
ANUNCIANDO A VOSSEUS



CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA VETERINÁRIA
DO ESTADO DE SANTA CATARINA
CRMV - SC

Lages como um Centro Universitário

Inicia hoje VI Encontro Estadual de Ovinocultura

O programa a ser observado no flud da convivência é o seguinte:

Eventos promovidos pelo CAV movimentaram economia local

CAV promoverá II Ciclo de Cursos de Laticínios

O Centro de Ciências Agropecuárias, através do Núcleo de Tecnologia em Alimentos, vai promover a primeira etapa do II Ciclo de Cursos de Laticínios, que será como tema principal “Tecnologia e Qualidade em Laticínios”, com o objetivo de reciclar os profissionais ativos em Lages, bem como discutir a atual situação da atuação em seus respectivos países, com ênfase nas diversas áreas de atividades relacionadas com o exercício de Veterinária.

Este evento visa principalmente reciclar os profissionais ativos em Santa Catarina, inclusive dos Estados vizinhos, bem como discutir a atual situação da atuação em seus respectivos países, com ênfase nas diversas áreas de atividades relacionadas com o exercício de Veterinária.

A abertura do encontro deste encontro deve-se à diversidade das propostas nos temas de interesse, mas principalmente a presença de renomados palestrantes, de alto gabarito e elevado saber, que abordarão temas como: Perspectivas da Medicina Veterinária, Alternativas de Alimentação de Bovinos, Controle Integrado de Moscas em Instalações Rurais, Medicina Veterinária Alternativa — Utilidade da Homeopatia em Medicina Veterinária, Infecções em Medicina Veterinária, Coccídios e Coccidioses em Animais Domésticos, Fatores que Interferem na Produtividade de um Rebanho Suíno, Diagnóstico por Imagem em Medicina Veterinária, Principais Diagnósticos realizados no CAV e Aspectos Modernos de Imunização em Medicina Veterinária.

Este amplo e bem selecionado programa de palestras por certo atrairá muitos entre os colegas, permitindo que se faça a previsão de que estarão presentes um grande número de Médicos Veterinários, o que, sem dúvida alguma, representará o êxito de seus objetivos.

Eventos no CAV trouxeram especialistas de várias regiões do Brasil para Lages

Núcleo de Tecnologia de Alimentos (Nuta)

O Professor Nelson Sell Duarte relata:

“No ano de 1983, período da grande enchente que atingiu o Estado de Santa Catarina, o saudoso Reitor, Professor Lauro Zimmer, entrou em contato com o também saudoso Professor Rheno, na época Diretor-geral do CAV, solicitando a sua presença, junto a minha pessoa, para estarmos em Florianópolis com a Direção do CNPQ, na época oriundos da Paraíba. No jantar com eles, nos comunicaram que pretendiam compensar nosso Estado devido ao grande prejuízo causado pelas cheias em todas as regiões e, naquele momento, em um guardanapo sobre a mesa, apresentaram os valores que seriam alocados ao CAV, para viabilizar uma estrutura que contemplasse a área de Tecnologia de Alimentos. O recurso previa ainda minha ida e do Professor Nestor da Udesc de Florianópolis à Paraíba para conhecimento 'in loco' do Centro de Tecnologia e Alimentos lá instalado.

Após nosso retorno, já de posse dos recursos, iniciamos a remodelação das instalações onde hoje está instalado o Núcleo de Tecnologia de Alimentos (Nuta), adaptando o local para a sua nova finalidade. Como os recursos não eram tão expressivos e havia muita tarefa a ser feita em termos de adaptação física e equipamentos, usamos de muita criatividade, contando com a ajuda imprescindível do Professor Daltro na produção da assim chamada 'vaca mecânica', criada a partir de uma máquina de lavar roupas utilizada na produção de fluído de soja. Assim como, contávamos com as orientações em tudo que precisávamos, utilizando uma empresa local, a Imesul, que trabalhava com equipamentos em aço inoxidável. O início dos trabalhos deu-se com a produção do fluído de soja e seus resíduos. O primeiro aromatizado com produtos da indústria local, a Fruticasa é distribuído às famílias de baixa renda dos bairros vizinhos ao CAV sempre com boa aceitação.

Com esses resíduos, fazíamos pães e bolachas, e o fluído de soja, além do aromatizado e distribuído, era utilizado isoladamente, ou em mistura, com o leite do tambo leiteiro do CAV, na fabricação de queijos com adições diversas do primeiro, para análises sensoriais, entre outras. Todas essas ações eram realizadas por meio de aulas práticas, pesquisa e extensão. O Nuta trabalhou, ainda, com outros derivados do leite, como o doce de leite, queijos, iogurtes e queijos de ovinos. Também com análises físico-químicas e microbiológicas para matérias-primas, produtos elaborados e água para a comunidade.”

Continua: “Para que não se cometa injustiça, é preciso citar o excelente trabalho da Professora Leila Ramos Vieira, oriunda da primeira turma de Medicina Veterinária e que assumiu a área de laticínios na disciplina, além de vibrante atuação com o Nuta. Também o trabalho realizado pelo Técnico em Laticínios, Fernando Canella, vindo da Paraíba onde atuava nessa mesma área e que, por indicação da equipe do CNPQ, veio somar esforços junto ao Nuta do CAV. Igualmente com a chegada da

disciplina de Tecnologia de Alimentos, no Curso de Engenharia Agrônoma, o Núcleo recebeu esforços valiosos com a chegada do Professor Gilberto, altamente capacitado e com muita experiência profissional trazido da iniciativa privada, e, igualmente, da Professora Cristiane, também de grande capacidade profissional.

Além das áreas já trabalhadas, os novos professores agregados ao Nuta incrementaram na área animal, a vegetal, que não era trabalhada até então, com foco em conservas, vinhos, destilados, especialmente de pinhão com vários trabalhos de pesquisa, conservação de produtos e outros. Muita coisa ainda tínhamos a falar sobre o Nuta, mas não poderíamos deixar de registrar uma curiosidade; quando da nossa volta do Estado do Paraíba, ao discutirmos com o Professor Rheno sobre que nome daríamos às nossas instalações de Tecnologia de Alimentos, que naquele Estado chamava-se Centro de Tecnologia de Alimentos (CTA), surgiu então o nome escolhido: Núcleo de Tecnologia de Alimentos (Nuta), que, com grande alegria do Professor Rheno, fechou a questão, no sentido de homenagear o trabalho admirável em prol da criação da ESMEVE por parte do Prefeito Municipal de Lages, na época, senhor Áureo Vidal Ramos, popularmente conhecido por 'Nuta'."

O Professor Nelson Sell Duarte acrescenta:

"É importante ressaltar que o primeiro Curso de Especialização do CAV foi o de Tecnologia de Alimentos, em convênio com a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), onde mesmo professores do próprio CAV fizeram sua especialização, juntamente com colegas profissionais de outros Centros Universitários. Após, tivemos o Curso de Especialização em Sanidade Animal, nas áreas de suinocultura, avicultura e bovinocultura, realizado em sete edições. Além de colegas não vinculados às agroindústrias, tivemos uma disputa para indicação de professores que neles trabalhavam, devido ao número restrito de vagas oferecidas e por ser estritamente profissionalizante. Também com alta qualidade como já indicado nos relatos aqui presentes, fora as edições do Curso de Especialização em Morfofisiologia, área multiprofissional que atendia profissionais de várias formações acadêmicas, tanto do CAV quanto da comunidade. Algumas edições aconteceram simultaneamente aos Cursos de Sanidade Animal, que também tive a honra de coordenar, e igualmente receberam elogios por parte da comunidade.

Destaco também os Cursos de Especialização em Clínica Médica, com várias edições, igualmente de alta qualidade e merecedores de elogios frequentes dos participantes. Ainda sobre atividades de extensão, além dos indicados no Nuta e os já citados neste registro histórico, podemos citar o do Hospital Veterinário, Laboratório de Patologia, Laboratório de Parasitologia, Laboratório de Doenças Infectocontagiosas, Laboratório de Reprodução Animal, Laboratório de Microbiologia, entre outros, todos exercendo, além das atividades de ensino, de pesquisa e extensão. Como projetos individualizados, além do Projeto Amigo do Carroceiro, merece ser

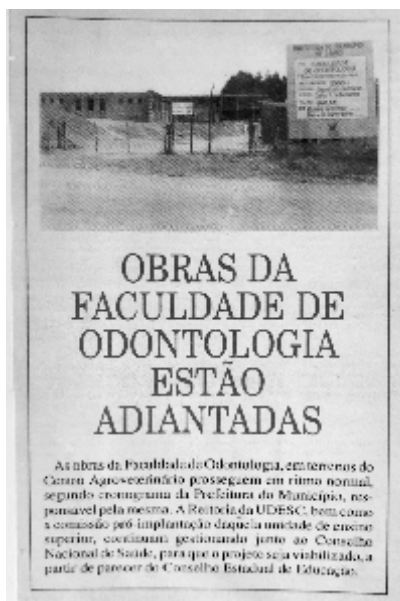
citado o Projeto de Educação Sanitária, realizado nas escolas dos bairros próximos ao CAV, coordenado pela Professora Márcia. Enfim, muitos outros projetos tiveram grande importância na difusão de conhecimentos.”

E finaliza: “Minhas escusas se involuntariamente deixei de citar nobres colegas e projetos que tanto enalteciram o CAV e, naturalmente, me detive às ações da Medicina Veterinária, pois pude as acompanhar e foram de meu conhecimento quando estive em atividade. Também este relato não tem finalidade de crítica, mas lembrar e enaltecer ao máximo possível as atividades do nosso CAV.”

Medicina Veterinária Noturna, Odontologia e Zootecnia no CAV

O Professor Ademir José Mondari relata sobre um momento especialmente importante para a história do CAV, quando, no período dos estudos para abertura de novos cursos, houve a inauguração da Medicina Veterinária com aulas noturnas:

“Foi um projeto que nasceu nos anos de 1998, 1999, com a grande procura pelo Curso de Medicina Veterinária e nossa já grande estrutura física e humana, que surgiu o questionamento interno: 'por que não abrir o Curso com aulas noturnas?' Ressaltando, aqui, que as aulas aconteciam sempre nos períodos matutino e vespertino. Este pensamento foi motivado por termos uma média de 500 inscritos para novas turmas de 40 alunos. Quantos destes ficavam de fora do Curso que gostariam de prestar? A ideia baseava-se em aulas práticas vespertinas e teóricas noturnas. Contratamos, então, mais dois ou três Doutores, utilizamos laboratórios já existentes e realizamos a abertura da oferta. A procura foi ainda maior. Chegamos a administrar aulas para 10 turmas noturnas, e até hoje eu não consigo entender o real motivo de seu fechamento. Havia uma condição de situação e oposição na Universidade; sempre houve e esse conflito interno de ideias, matou o Curso, mantendo desde então, e até hoje, apenas o formato tradicional há muito consolidado no CAV.”



Curso de Odontologia intensamente debatido nos meios de comunicação

O Professor Adil Knackfuss Vaz contribui:

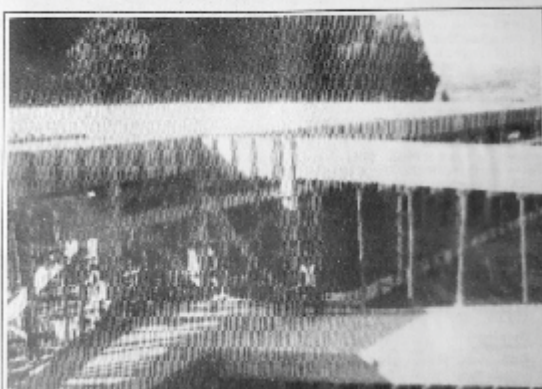
“A história do Curso de Odontologia foi a partir de uma parceria da prefeitura de Lages com o CAV, em que, por convênio, o poder público construiria o edifício para as aulas, e, por sua vez, o Centro entraria com o corpo técnico. Porém, houve uma desistência por parte da Reitoria nessa parceria, quando o prédio já estava parcialmente concluído. Isto foi um problema para a época, pois abalou a confiança mútua entre as partes. Durante meu mandato como Diretor-geral, houve um estudo para a abertura do Curso de Biologia, mas que acabou migrando para outra cidade. Já o Curso de Zootecnia, entendíamos que naturalmente seria instalado no CAV, até mesmo por questão de estrutura, mas por questão política sua abertura aconteceu no Oeste de Santa Catarina, e, por sua vez, se tornou um Curso muito conceituado em todo o Brasil. Quanto ao Curso de Medicina Veterinária noturna, ele aconteceu, formou turmas, mas, por diversos motivos, incluindo aqui visitas técnicas em propriedades em horários alternativos, foi tomada a decisão de sua descontinuidade.”



Odontologia no CAV e questões políticas em debate

30 operários constroem prédio da Odontologia

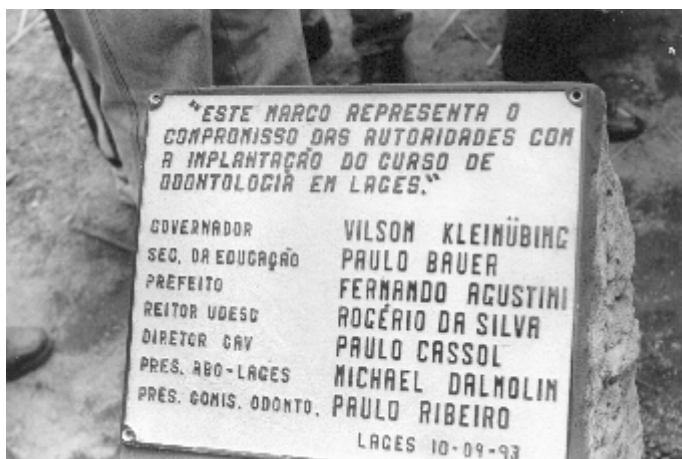
As obras do prédio da Odontologia, em terreno anexado ao Centro Agropecuario de Lagoa — CAV-UNDESC, conta com os serviços de uma equipe de 30 operários da Secretaria Municipal de Obras e Serviços Públicos. A parte estrutural do 1º andar já encontra-se praticamente pronta. O prédio da Odontologia com-



Parceria com Prefeitura Municipal previa construção do Bloco da Odontologia



Curso chegou a ter inauguração da pedra fundamental do Bloco



Pedra fundamental do curso que não aconteceu

O Professor Aury Nunes de Moraes complementa:

“A prefeitura de Lages, o poder público em si, desejava aquele Curso de Odontologia na cidade a ponto de construir o prédio para sediar toda a estrutura; mas o projeto não aconteceu, nem houve vestibular. A Udesc precisou indenizar a construção e ficou com o edifício para o CAV. Mas foram muitos estudos para analisar quais cursos deveriam ser implantados no Centro de Lages. Houve clero para a discussão, que apontou Medicina, Direito, Enfermagem, Engenharia de Alimentos, a luta pela Zootecnia, que acabou por ser instalada em Chapecó. Nenhum destes vieram para o CAV, mas é fato que muitos alunos iniciam na Zootecnia no Oeste e, posteriormente, pedem transferência para a Medicina Veterinária ou Agronomia do CAV.”

O Professor Paulo César Cassol colabora:

“A partir da gestão anterior a minha como Diretor-geral, do Professor Sérgio Dalagnol, havia uma política de expansão da Udesc, com previsão de abertura de novos cursos em seus três polos: Florianópolis, Joinville e Lages. Assim, a capital ganhou o Curso de Fisioterapia junto ao Centro de Educação Física, assim como o Curso de Moda no Centro de Artes. Para Joinville, foi criado o curso de Computação junto ao Centro de Engenharia e para Lages, em parceria com a prefeitura municipal, estava previsto o Curso de Odontologia. Houve início das obras do edifício, e na troca de diretoria quando assumi como Diretor-geral, continuamos o processo. No entanto o projeto não teve andamento por parte da Universidade. Quando prédios ainda estavam mal acabados, optou-se pela não abertura da Odontologia em Lages, e a Udesc precisou indenizar a obra para a prefeitura.”

Cassol continua: “No processo de estudos para abertura de novos cursos, a Zootecnia sempre esteve em pauta, no entanto, em paralelo, a Udesc também desejava sua implantação no Oeste do Estado, o que, por fim, foi o que aconteceu. Surgiu, então, o projeto da Medicina Veterinária com aulas noturnas, que tinha apoio de um grupo interno minoritário, mas respaldo com a Reitoria. A oferta desse Curso noturno vem quase como uma imposição de cima para baixo, deixando de lado os demais cursos que estavam sendo estudados para possível implantação. A Medicina Veterinária noturna aconteceu no CAV entre 2003 – se bem me recorde – e 2007 e formou várias turmas com excelentes profissionais; tinha um grupo engajado, mas, por uma decisão judicial devido a dificuldades com estrutura, componentes, equipamentos e falta de suporte para aulas práticas, foi descontinuada. Ainda assim foi importante pela experiência, e não deixa de fazer parte da nossa história.”



Debate político aquecido sobre Odontologia no CAV



Após mobilizações, projeto da Odontologia no CAV é descontinuado

Esporte e Cultura

O Professor Adil Knackfuss Vaz recorda:

“O CAV mantinha uma equipe de Rugby na cidade de Lages, um dos poucos times de Santa Catarina, e recebia equipes de outros estados para partidas amistosas ou campeonatos. Quando fui Diretor-geral apoiei de todas as formas, inclusive cedendo uma Kombi para as viagens de competição. Quanto a nossa estrutura física, o time de futebol profissional de Lages, por diversas vezes, realizou seus treinos no campo do CAV. Outro destaque é a parceria do CAV com a cidade da Lages para a realização da Festa do Pinhão, na qual cedíamos espaço para o estacionamento dos artistas em nossa estrutura interna. Organizamos questões legais do uso do terreno, firmamos essa parceria, e, hoje, o lucro desse uso do estacionamento é destinado à comissão de alunos e chega a custear quase a totalidade do evento de formatura.”



Os Caveiros – equipe de Rugby do CAV em disputas nacionais



Parceria CAV e Administração Pública na organização da Festa do Pinhão

O Professor Cleimon Eduardo do Amaral Dias destaca:

“A Coordenação de Curso era muito ligada às questões pedagógicas, inclusive participamos da discussão nacional sobre a formação de Agrônomos entre quatro e seis anos, que adaptou currículos e definiu o mesmo tempo da Medicina Veterinária: dez fases em cinco anos. Mas em termos de grandes eventos, destaco o período do 40º aniversário do CAV, com a produção do Livro CAV 40 Anos, coordenado por Fernando Canella, relembrando que houve sessão na câmara de vereadores, várias solenidades, congresso de ex-alunos e festa organizada por alunos e técnicos. Foi um momento histórico e devidamente comemorado frente a tantos desafios superados.”

Cassol relembra: *“Havia uma tradicional partida de futebol entre veteranos e calouros, porém com uma regra inusitada: os calouros não podiam vencer. Embora ilegal, é claro, não era raro os calouros terminarem o jogo sem roupas, com estas jogadas sobre o telhado do CAV. Na hora da sindicância: ‘ninguém sabia, ninguém viu’.”*



O campo de futebol do CAV sempre esteve aberto à comunidade

Fert contribui: *“Em minha gestão, a partir de 2014, fui um pouco além das duas ou três obras grandes que cada diretor fazia em sua gestão, cuidando também de pequenas obras, mas importantes, como projetos elétricos, novos cabeamentos, licenças do Corpo de Bombeiros, melhorias no Centro Cirúrgico do Hospital, além de aumento de espaços físicos como, por exemplo, no prédio da Engenharia Florestal de 2.400 m² para 5.500 m². Mas em todo o meu período até 2018, demos muita ênfase para a cultura e o esporte. Fizemos cinco edições da Tarde Musical, na qual a atração eram as bandas de alunos do CAV, sempre no mês de novembro. No último ano, criamos o evento Novembro Cultural, com concerto da Orquestra de Lages ao ar livre, com um belíssimo pôr do sol ao fundo. Fechei parceria com a*

Atlética, que não tinha sede, e investimos em uma nova academia de ginástica e musculação. Descobrimos um piano parado há 18 anos e fizemos sua reforma por apenas R\$ 2.000,00; ouvi críticas por fazer esse investimento, mas era um valor infinitamente menor do que fazer uma aquisição de um novo, por exemplo, e o instrumento ficou pronto e à disposição para apresentações. O campo de futebol e o ginásio estavam abertos para a comunidade, gerando integração do CAV com a cidade. Sobre o campo, concluímos a reforma da parte elétrica e colocamos nova iluminação com LED. Entendemos que a Universidade é mais que prédios e calçadas. Ela é uma instituição viva.”

Conforme o Professor Clóvis Eliseu Gewehr:

“Sempre apreciei a questão cultural e entendi que a Universidade é uma diversidade de ideias. Como Diretor de Extensão, conversei com os centros acadêmicos para trabalharmos ações conjuntas no CAV. Em certa oportunidade, os alunos encontraram embaixo do nosso auditório, chamado de Caverna, um piano alemão que havia sido doado há tempos, sem uso e em necessidade de manutenção. Por meio de um abaixo-assinado dos acadêmicos, buscamos auxílio para sua reforma e conseguimos com o Centro de Artes da Udesc uma manutenção completa pelo valor de apenas 3 mil reais. Em troca do piano pronto para uso, solicitei aos alunos que organizassem um concerto, o que veio a acontecer com uma apresentação de talentos do próprio CAV, com instrumentos diversos, a 'Caverna' lotada e matérias do Evento veiculadas gratuitamente nas redes Band e SBT para toda a Santa Catarina. Foram quase 400 presentes, sendo que o auditório tem capacidade para 262 lugares, e uma ligação do Pró-Reitor de Extensão da Udesc dizendo que estávamos na TV. Foi uma visibilidade fenomenal que me emociona até hoje. O Evento aconteceu entre 2014 e 2015, se bem me recordo. Fui criticado por 'ter gasto 30 mil reais em um piano', mas verdade é que os críticos aumentaram o valor em um zero a mais, e o investimento se pagou somente naquela noite.”

Continua: *“Também criamos a sede própria para a Atlética do CAV, em que os próprios estudantes passaram a organizar eventos esportivos extracurriculares. Os alunos eram apaixonados pelo Centro, isto fazia com que todo bom projeto fluísse de forma satisfatória. Ainda, um momento especial de grande destaque para mim foi a apresentação da Orquestra Sinfônica de Lages, no campo de Rugby do CAV, aberta à comunidade, em um evento ao ar livre, sob o pôr do sol. Conseguimos mais de mil cadeiras emprestadas do Centro Serra, apoio da Udesc para estrutura de som e luzes, um verdadeiro espetáculo, lindo, emocionante, que uniu a comunidade acadêmica com a sociedade lageana. Sempre lutamos para derrubar qualquer muro que separasse o CAV da cidade de Lages, e esse Evento foi simbólico pela sua beleza e sucesso.”*



Realização do Novembro Cultural



Reformas no Ginásio de Esportes



Eventos abertos à comunidade local



Campo de futebol e ampla estrutura ao ar livre



Primeira Tarde Musical (27 de novembro de 2014)



Segunda Edição da Tarde Musical



Inauguração da Academia do CAV e Sede da Atlética

Concerto da Orquestra Sinfônica e Coral de Lages nas dependências do CAV (25 de novembro de 2016)





Festa da Nona Fase

Para o Professor Adil Knackfuss Vaz:

“A Festa da Nona Fase é uma tradição desde a origem do Centro. Como a décima fase é toda voltada aos estágios, a nona fase seria o último período em que a turma estaria reunida. A data de sua realização é um segredo, combinada somente entre os acadêmicos, e os próprios professores são surpreendidos naquele dia com o aviso de que não haverá aula. Todos já sabem do que se trata. Então, homens se vestem de mulher e mulheres vestem as mais diversas fantasias. Os alunos passam batom e beijam os professores. Eu sempre brincava: 'podem me beijar, mas eu escolho quem beija'. Com o tempo esse Evento cresceu tanto que a bebida alcóolica se tornou um problema a ser resolvido, inclusive coincidindo com período do Decreto do Estado de Santa Catarina que proibia o álcool em departamentos públicos. A partir dessa data, estimulamos que a festa acontecesse em sítios afastados da cidade, com transporte coletivo para evitar acidentes. Sempre tivemos um Diretório Central de Estudantes (DCE) muito ativo; então, sempre foi possível organizar eventos da melhor maneira, sendo um sucesso e muito seguros.”

Conforme o Professor Luiz Stolf:

“A Festa da Nona Fase é uma tradição exclusiva. Ela começou lá atrás na segunda ou terceira turma e se mantém forte até hoje. Acredito que somente a nossa turma, a primeira, que não a realizou. Quando os calouros chegam ao CAV eles já sabem da tradição e que um dia chegará a vez deles de realizarem.”

Para o Professor Paulo César Cassol:

“Todas as Universidades já ouviram falar da Festa da Nona Fase, quando os alunos vestem fantasias femininas, de heroínas ou de personagens típicos. Os alunos transformaram a Festa em um feriado que não consta no calendário, sem data oficial, sendo geralmente em março ou agosto, quando inicia a nona fase das turmas. Mesmo todo o mundo sabendo que vai acontecer a qualquer momento, quando chega o dia é uma surpresa para todos. São cornetas, cantorias, carros cheios e salas vazias, churrasco, atividades variadas, e os professores também são convidados a participar. Esse Evento tem um cunho social, com solicitação de doação de alimentos não perecíveis para entrar na festa, o que se torna doação a famílias carentes da cidade, posteriormente.”

O Professor João Fert Neto contribui:

“Nos finais de semana havia a festa denominada Gato com Batata, em alusão à Medicina Veterinária (gato) e Agronomia (batata), realizada em um Centro de Tradições Gaúchas (CTG), servindo para arrecadar fundos para os alunos, uma tradição que começou simples, mas se consolidou, sendo interrompida apenas no período da Pandemia, a partir de 2020. Mas o grande destaque sempre foi a Festa da Nona Fase, uma espécie de despedida antes de saírem para o estágio. Cresceu tanto a ponto de ser levada para fora das dependências do CAV por motivo de espaço e segurança. A Festa da Nona Fase já contou até com atrações nacionais.” E continua: “Não posso deixar de ressaltar as festividades alusivas ao 30º aniversário do Curso de Engenharia Agrônoma, com um ano inteiro de atividades envolvendo encontros, debates e análises de mercado. Toda a ação foi coordenada pelo Professor Paulo Roberto Hernani.”

Personalidades

Adair Walter Antunes destaca:

“A localidade onde está situado o CAV é histórica para Lages. Com a parada dos tropeiros em viagem do Rio Grande do Sul ou do Uruguai até São Paulo, aqui era a parada para troca do gado por valores, o que ficou conhecido como Conta Dinheiro, sendo que o Parque leva esse nome até o dia de hoje. Não seria diferente com personagens históricos também, e não me refiro a professores, diretores ou reitores, que foram do casal Sebastião Alves dos Santos, Miltinho, e Dona Hilda. Ele, contratado pelo Ministério da Agricultura para prestar serviços à Escola Agrícola. Ela, responsável pela limpeza e cuidados com a horta. Quando surgiu a ESMEVE, depois CAV, eles não foram embora com a Escola Caetano Costa, mas passaram a morar dentro do Centro e eram queridos por toda a equipe do CAV.

E não podemos esquecer o senhor Sebastião Paim, responsável pelo setor de Almoxarifado, sendo protagonista de histórias muito engraçadas devido ao seu controle absoluto sobre os materiais. Tudo que era solicitado por servidores ou professores, fossem resmas de papel, grampos, lâmpadas, equipamentos de escritório, sua resposta era: 'você não precisa disso tudo. Vai levar só a metade'.”

Mondadori recorda: “Certa vez o retroprojektor em uso em sala de aula, teve a luz queimada, e o Professor foi até o Almoxarifado buscar uma lâmpada. Ao expor a situação para o Paim, ele foi até as prateleiras, trouxe a lâmpada, entregou em mãos e alertou: 'vou lhe entregar, mas cuide, porque esta aqui é a reserva'. Por certo que seria a reserva, afinal ela estava no Almoxarifado para substituir alguma que queimasse, mas o Paim jamais entregaria sem um comentário que fizesse menção à economia.”

O Professor Antônio Pereira de Souza comenta:

“Quando eu lecionava Semiologia, em certa oportunidade, apliquei prova que era apenas com questões de assinalar. Havia um aluno que colava muito e, em paralelo, uma aluna que tinha muita dificuldade com a disciplina. Naquele dia coloquei os dois juntos num canto da sala. Ao entregar a prova, ele disse: 'professor, coleí do mesmo jeito'. Perguntei: 'então você colou dela?' e ele: 'sim, mas marquei tudo ao contrário'.”

O Professor Luiz Stolf relembra:

“Fato curioso, ocorrido lá atrás, é que o Professor Aury foi meu aluno e um dos primeiros residentes no Hospital Veterinário, vindo a me substituir na função. Certa vez recebemos um gato chucro, justamente de um amigo pessoal dele, e o gato fugiu de nosso gatil, entrou campo a dentro no CAV e nunca mais tivemos notícias do gato. Essa história ficou famosa, todo o mundo comentava do gato que desapareceu dentro do CAV; o bichano virou uma lenda, sendo chamado de 'o gato perdido do Aury'. Fato é que o Aury se tornou um dos melhores profissionais da história do CAV.”



Professor Aury Nunes de Moraes, residente no Hospital Veterinário em regime de internato

Cassol destaca: “Um nome muito importante para o CAV, especialmente para o Curso de Agronomia, é de Flávio Krebs Ramos, que trabalhou intensamente para a abertura e o fortalecimento do Curso. Foi ele quem organizou o primeiro quadro docente, e, com muito mérito, o auditório do CAV, quando reestruturado, receberá seu nome como forma justa de homenagem.”

Para o Professor Walter Hoeschl Neto: “Não posso deixar de destacar aqui os nomes de Flávio Krebs Ramos, de extrema importância para a existência da Agronomia no CAV e também de Nilson Hack, da Medicina Veterinária, que mantinham próximas as suas salas, exercendo em sintonia as suas funções.”



Flávio Krebs Ramos – in memoriam

O Professor Adelmar Tadeu Wolf recorda:

“Preciso destacar, aqui, professores que eram do ofício no campo, mas foram docentes que transmitiram toda a sua experiência no início das atividades da ESMEVE, depois CAV. Professores: Ernani Borges, Aloísio Marcondes César, Nelson Duarte e Leopoldo Medeiros. Obviamente, não me esqueço do Professor Celso Santos, do qual fui aluno na primeira turma de Medicina Veterinária.”

Continua: “Fato curioso que recorde com carinho foi no período das visitas dos alunos do Ensino Fundamental e Médio para conhecer os laboratórios e a estrutura do CAV. Em certa oportunidade, recebemos os alunos do Colégio Industrial de Lages, e no Laboratório de Biologia fizemos análises no abdômen de uma rã em que era possível ver as hemácias passando por dentro dos capilares, uma visão interessante, levando em conta o tamanho microscópico desses sistemas. Um dos alunos visitantes, filho de uma professora, mais tarde se formou em Medicina, com especialização em Urologia, sendo médico conceituado em Lages, Doutor João Rossato. Certo dia, em conversa, me confessou que tomou a decisão pela profissão no dia que visitou o CAV e acompanhou aquele estudo no microscópio.”

Lages e o CAV

Conforme o Professor Adil Knackfuss Vaz:

“O CAV teve importante papel no crescimento de Lages, pois somente o CAV distribui uma massa salarial de professores e funcionários que consomem e aquecem o mercado local. Isto, claro, somado a todos os acadêmicos que se instalam na cidade, investindo em alimentação, hospedagens, farmácias, festas e tantas outras atividades comerciais. Nossos cursos, sendo pioneiros, trouxeram centenas, se não milhares de alunos, dos quais muitos optaram por ficar em Lages, tornando-se profissionais locais de muito respeito, influenciando na movimentação econômica regional.”

Para Décio Luiz Poli: *“Não tenho nenhuma dúvida quanto à contribuição do CAV para o desenvolvimento de toda a nossa região. São alunos formados trabalhando tanto localmente quanto em todo o Brasil e no exterior. O CAV tem uma contribuição significativa, eu diria, para o desenvolvimento de todo o sul do Brasil.”*

Segundo Stolf: *“O mercado de trabalho em Lages teve uma influência muito grande do CAV sem nenhuma dúvida. Muitos alunos, após graduados, permaneceram trabalhando aqui e investiram na cidade. Também é fato que muitos alunos de fora casaram com lageanos ou lageanas e foram embora; por isso graças ao CAV existem lageanos em todas as partes do Brasil. O CAV é uma fábrica de conhecimento que começou pequena, mas cresceu em grandes proporções. Seja pelo jantar dançante organizado pelas turmas envolvendo a comunidade, seja pela quantidade de profissionais que atuam no mercado, a relação do Centro com a cidade de Lages é algo marcante e fundamental para o crescimento de ambos.”*

Para o Professor João Fert Neto: *“Se por um longo período houve conflitos entre a comunidade acadêmica e a comunidade lageana nas proximidades do CAV, relacionados a festas e movimentação dos alunos, na fase da Pandemia e aulas remotas, percebeu-se a falta que os alunos fazem para o aquecimento da economia local. Mas verdade é que sempre nos preocupamos em integrar o CAV à Lages; um exemplo é a parceria firmada com o Grupo de Escoteiros para atuarem dentro das dependências do Centro, bem como a Defesa Civil do Governo de Santa Catarina, que, em Lages, está sediada no CAV. Sempre trabalhamos atentos a essa integração com órgãos da sociedade.”*

Para o Professor Ademar Tadeu Wolf:

“A influência do CAV no desenvolvimento econômico de Lages é muito grande. Quando me aposentei, em 2009, já éramos 100 professores, mais de 100 servidores, uma grande soma de salários no final do mês impactando o comércio da cidade. Voltando no tempo, na área de instalação da então ESMEVE, não havia nada na vizinhança além de campo, hoje para atender aos quatro cursos de Graduação e à Especialização, mais de um mil alunos, há comércios, alimentação, postos de combustível... Vejo que a

história de ambos, Lages e o CAV, se cruzam e se somam.” E destaca: “Esse contato com a comunidade lageana não se resume ao impacto comercial. Eu destaco que, além do ensino de qualidade, a pesquisa transformadora para o agronegócio e meio ambiente, a Professora Vera Maria Vilamil Martins criou o Projeto Amigo do Carroceiro, uma ação social que previa atendimento gratuito aos animais que puxavam carroça nas vias urbanas e serviam de ferramenta de sustento de famílias com transporte de recicláveis e outros. Os animais, muitas vezes, doentes transportavam, além das cargas, famílias inteiras. Nos finais de semana, o CAV recebia os cavalos para tratamentos de saúde, aplicação de vermífugos, e, ainda, reuníamos cestas básicas para os familiares do carroceiro. Um projeto social do qual me orgulho muito.”

Para o Professor Clóvis Tadeu Gewehr: *“Toda vez que colocamos o CAV em números, acontece um equívoco, pois a cada três meses ocorrem mudanças de números, quase sempre para cima, de forma muito dinâmica. Mas, neste momento, ato do 50º aniversário, o Centro da Udesc em Lages mantém: 96 laboratórios, 74 técnicos e 103 professores. Aproximadamente, 1.300 alunos de Graduação e 400 alunos no Programa de Pós-graduação. A cada atualização temos de 20 a 30 novas teses de dissertação de Mestrado e Doutorado apresentadas, fazendo com que o número apresentado esteja obsoleto na próxima publicação. Em certa oportunidade, apresentei ao atual Prefeito Municipal números impactantes, levando em conta que 70% dos acadêmicos são de outras cidades e vem residir em Lages para o estudo. Somados aos professores ativos, aposentados, servidores e outros, as contas finais dizem que o CAV sozinho responde entre 16% e 17% do orçamento do Município, que é de aproximadamente 500 milhões de reais, ou seja, pouco menos de 100 milhões de reais são oriundos do CAV. Não é à toa que todo deputado estadual quer levar uma Unidade da Udesc para sua cidade ou região.”*

50 Anos e o Futuro

O Professor Adil Knackfuss Vaz finaliza:

“A universidade pública tem sido muito questionada politicamente, e não faltam aqueles que dizem que ela desaparecerá do Brasil. Mas fato é que o CAV tem grande futuro, porque está ligado à pesquisa e à ciência, e eu cito os estudos referentes à carne sintética, carne de laboratório, importância do uso correto da madeira e questão sanitária e ambiental cada vez mais presente no nosso dia a dia. Vejo que a agropecuária, a Medicina Veterinária, as questões florestais e ambientais acompanharão essas tendências mundiais. Talvez a pecuária, como a conhecemos, não exista mais daqui a 20 anos, sofrendo modernização de processos, transformação, inovação, e é responsabilidade do CAV se adaptar a essas mudanças. A Universidade não é estática, ela não é um prédio, uma burocracia, mas, sim, uma ferramenta de transformação social, e, por isso, o CAV será relevante para os próximos 50 e 100 anos.”

Para o Professor Antônio Pereira Souza: *“Eu prevejo uma escalada de novos cursos acompanhando tendências, como o próprio Ensino a Distância. É sempre uma tarefa difícil avaliar o futuro, avaliar a importância do crescimento dos cursos tecnológicos, mas, ao mesmo tempo que vejo um excesso de cursos no Brasil, por outro lado, vejo que a oferta de profissionais é maior e fortalece o mercado de trabalho. E o CAV sempre foi um motivador do mercado de trabalho em todo o Brasil.”*

Conforme o Professor Aury Nunes de Moraes: *“Desde quando foi montada a estrutura do CAV até hoje, houve muitas transformações, muitas ampliações, e vejo que daqui a 20 anos vai ser maior ainda. Há espaço físico e potencial para crescimento.”*

Para Décio Luiz Poli: *“Eu não vejo retorno, é só daqui para frente. Minha percepção é de que essa Instituição será sempre bem vista pela sociedade, com crescimento, desenvolvimento, contribuição para a comunidade local e regional, sendo sólida, com bases fortes, com estatuto consolidado a ponto de que todo governante tem que ter consciência de que tudo que ele fizer de bom para a Instituição retornará politicamente para si. Embora alguns momentos não tenham sido fáceis, o CAV superou, até mesmo nos momentos de falta de recursos, a pesquisa e a qualidade do ensino continuavam. Eu penso que, nós passamos, mas a Universidade segue em frente, é permanente, histórica e vai formar muitas pessoas ainda para benefício de toda a comunidade. Eu bato palmas para o CAV, desejando que ele continue seguindo por esse caminho.”*

Para Cassol: *“A Medicina Veterinária está extremamente consolidada, com uma trajetória histórica, e é destaque pela demanda que existe da profissão. A Agronomia também está consolidada, até mesmo pela atual realidade brasileira com a força do agronegócio, tendo o CAV egressos em atividade em todo o Brasil e exterior. A Engenharia Ambiental foi reforçada com a questão Sanitária ampliando o campo de trabalho do profissional. A Engenharia Florestal tem apelo regional, além de ser uma*

realidade em pauta em todo o País, ela tem vocação regional. E, finalmente, a oferta dos cursos no Programa de Pós-graduação, colocando no mercado de trabalho profissionais extremamente gabaritados. Tenho comigo a impressão de que o CAV tem uma das maiores proporções de bolsas de estudo em toda a área acadêmica, o que proporciona pesquisas de importância e apresentações de grandes projetos, fato que ajuda a consolidar ainda mais os cursos oferecidos.”

Continua: “Vejo, então, que o CAV é uma Instituição de futuro, com referência, com ênfase na formação teórica e prática nos laboratórios de pesquisa, desenvolvendo não apenas profissionais para o mercado de trabalho, mas para a carreira acadêmica. Hoje, muito mais bem-estruturado, vejo possibilidade para abertura de cursos noturnos, como foi testado em outras épocas, obviamente com análises de demandas e recursos. Santa Catarina tem vagas no Ensino Superior acima do número de egressos do Ensino Médio, algo até duas ou três vezes maior, o que aumenta a concorrência entre as Universidades, mas a Udesc está consolidada, e o CAV pronto para o crescimento.”



Dalagnol destaca: *“Tenho muito orgulho de fazer parte dessa história, mas uma preocupação quanto ao termo 'vestir a camisa' como fizemos no passado. O CAV deve continuar olhando para aquele 'molequinho' e enxergar nele um futuro profissional. É preciso sempre manter o foco na qualidade de ensino, preparar o acadêmico para o mercado de trabalho, mas também para a docência, para formar grandes pesquisadores. É importante manter a compreensão que 'não é de graça', alguém está pagando, então é necessário um respeito mútuo de equipe interna e acadêmicos, avaliando que o objetivo final de ambos é um só: qualificar pessoas. Sempre tivemos no CAV o maestro e o pianista, mas também temos o carregador do piano, e todos são importantes no processo. Eu acredito na longa continuidade e me honro muito por ter participado de quase todas as fases vividas até aqui.”*

Para o Professor Walter Hoeschl Neto: *“É um orgulho enorme! O CAV é, sem dúvida, uma das mais importantes instituições de Santa Catarina. Faz 22 anos que saí da docência e até hoje recebo mensagens de ex-alunos, com muita amizade e admiração. Há pouco recebi uma que dizia: 'não concordava com as notas que o senhor me dava, mas quando eu precisava de um amigo, eu o tinha no Professor'. Receber isto é muito especial, ainda mais para mim que era conhecido como General Waltinho, e os alunos diziam: 'General Waltinho é bom a 50 metros da sala de aula, mas, em sala, é muito exigente'. Nós formamos grandes profissionais em cargos importantes na agroindústria catarinense e demais setores em todos os continentes. É o que vai continuar acontecendo para o futuro.”*

Conforme o Professor João Fert Neto: *“Nossa missão não é apenas criar graduados; por melhor que você forme, não fará tanta diferença no mercado de trabalho. Nosso objetivo é formar Mestres e Doutores, especialistas em pesquisas e projetos que gerem soluções. Será a mudança no mercado brasileiro. Com mais recursos, pode-se distribuir mais bolsas de estudo, fundos de pesquisa e alcançar esses objetivos. O CAV sempre se posicionou. Tendo dinheiro a gente investia mesmo; sempre tivemos um setor de compras muito competente e uma excelente equipe de engenheiros para nossas obras. Então, o CAV continuará qualificando e inserindo mais e mais profissionais na sociedade. Temos relação com a Epagri, participação efetiva no Parque Tecnológico de Lages e aumentamos nossa parceria com o Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). O CAV está pronto para o futuro.”*

O Professor Adelmair Tadeu Wolf declara: *“Para mim é uma satisfação muito grande, um orgulho, a cada momento que encontro um ex-aluno e sou lembrado por eles como um 'paizão'. Eu sempre desejei ser aquele professor que ajudou a crescer e não aquele que colocou pedras no caminho. Por isso tenho este orgulho de participar de toda essa trajetória que agora completa 50 anos. Entendo que o CAV tem alguns dos cursos mais procurados da Udesc. A Medicina Veterinária abre um leque muito grande para o mercado de grandes e pequenos animais, a Agronomia, a Engenharia Florestal e Ambiental estão diretamente ligadas à realidade e ao futuro de nosso País – e do mundo. O campo de pesquisa será ampliado*

ainda mais, sempre vai haver essa necessidade e, em consequência, essa procura. Nós sempre buscamos desenvolver todo o potencial do aluno – no meu caso, nos dois Cursos que lecionei, a Veterinária e a Agronomia. Ouço dos profissionais que passaram por nossas salas de aula, a importância que foram aquelas disciplinas e como se tornaram grandes profissionais por meio delas. E isto deverá seguir em frente, cada vez maior e melhor.”

Para o Professor Clóvis Eliseu Gewehr: *“Por brincadeira eu digo que o professor que assume o cargo de Diretor-geral tem que ter curso no Corpo de Bombeiros, para apagar os incêndios que chegam até ele. Mas isso se deve a uma grandiosidade do CAV. São 96 laboratórios, com 96 coordenadores, buscando sempre o crescimento, as novidades. São 400 alunos de Pós-graduação, buscando equipamentos, telas, instrumentos, investimentos diversos. Brinco que, em algumas situações, os pesquisadores comprem um Boeing 747 para depois construir a pista. Mas tudo isso é porque crescemos muito. Expandimos, buscamos sempre o melhor e a consolidação de todos os projetos que são iniciados. É um orgulho imenso fazer parte de tudo isso! Se tem uma palavra que resume o que eu gostaria de ter passado aos colegas é ‘respeitabilidade’. Respeitar divergências e colocar o CAV acima de qualquer decisão. É claro que, às vezes, é preciso tomar um remédio amargo, dizer ‘não, não pode’, mas sempre colocando a visão técnica acima.*

Na finalização da minha Pós-graduação na Universidade Federal de Lavras, em Minas Gerais, meu orientador disse: ‘se, para cada situação ruim que lhe ocorrer, você colocar uma pedra dentro de um saco e tiver que carregar, você nunca sairá do lugar. Deixe o saco de pedras e leve sempre somente o que aconteceu de bom’. Faço isso, e, se nesse tempo todo tivemos situações negativas, não as trago comigo. Conheci pessoas fantásticas e as recordo com orgulho de tudo que fizemos juntos e de positivo. Tendo o CAV quatro Doutorados e seis Mestrados – em breve mais dois Doutorados nas Engenharias Florestal e Ambiental – já encaminhados e professores alinhados a tudo que acontece no mundo em suas áreas específicas, atentos às pesquisas e ao mercado dos Estados Unidos e da Europa, significa que seguiremos na vanguarda. Não queremos ser reprodutores de conhecimento, mas geradores de conhecimento.”

E finaliza: *“Com a abertura de mais e mais ofertas de cursos, incluindo aqui a EaD, o que nos manterá fortes e conceituados? A qualidade dos professores e do ensino oferecido. Temos alicerce de todos os cursos de Pós-graduação, temos estudantes que buscam o conhecimento e o aperfeiçoamento, não apenas a titularização. Quem se encaixa nesse perfil, sempre preferirá estar no CAV. Foi assim nos primeiros 50 anos e assim será para o futuro.”*

Para a Professora Viviane Trevisan: *“Ao chegarmos nos 50 anos de atividades, temos quatro cursos solidificados na sociedade, são quatro cursos fomentados dentro da Udesc. Somos reconhecidos e chamados pela Reitoria para fazermos projetos e divulgarmos ações que nasceram dentro do CAV e tiveram impacto na comunidade. O incentivo que temos para a pesquisa garante longevidade aos nossos Cursos. Existe formação profissional, aceitação desse profissional na sociedade, no mercado de*

trabalho; então entendo que estamos cada vez mais enraizados, firmes no nosso propósito. O CAV dá sustentação à qualidade de ensino, oportunidade para os professores, mesmo, é claro, quando o recurso é escasso, é sempre possível realizar, avançar nas pesquisas, na capacitação dos professores, nos equipamentos, na extensão e incentivar projeto que traga a comunidade cada vez mais para dentro do CAV para perceberem o quanto o trabalho no Campus visa ajudar as pessoas. Passado esse tempo eu digo que valeu muito a pena ter feito a escolha em ter vindo para Lages, para o CAV.”

O Professor André Thaler Neto, Diretor-geral do CAV no ato de lançamento desta Obra, destaca: “Até o presente momento, no fechamento desta Edição Especial de 50 Anos, o Centro de Ciências Agroveterinárias (CAV) graduou 5.980 profissionais, sendo: 2.892 Médicos-Veterinários, 2.197 Agrônomos, 560 Engenheiros Florestais e 331 Engenheiros Ambientais e Sanitaristas. Ainda, foram 1.501 teses e dissertações defendidas e aprovadas.”



HISTÓRICO

Diretoria no ato de fundação da ESMEVE (1973):

- Celestino Sachet – Reitor da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc)
- Paulo Londero Sperb – Diretor da Escola Superior de Medicina Veterinária (ESMEVE)
- Jorge Malta Neves – Diretor da Escola Agrícola Caetano Costa

Primeira estrutura curricular da ESMEVE (1973):

1º semestre:

- Anatomia I
- Biofísica I
- Bioquímica I
- Estudo de Problemas Brasileiros
- Educação Física

2º semestre:

- Anatomia II
- Biofísica II
- Bioquímica II
- Fisiologia I
- Histologia e Embriologia

3º semestre:

- Microbiologia e Imunologia
- Parasitologia I
- Bioestatística e Genética I
- Fisiologia II

4º semestre:

- Farmacologia I
- Parasitologia II
- Zootecnia I
- Bioestatística e Genética II
- Genética Animal I

5º semestre:

- Farmacologia II
- Zootecnia II
- Patologia Clínica
- Agrostologia e Plantas Tóxicas
- Genética Animal II
- Nutrição Animal

6º semestre:

- Anatomia Patológica
- Zootecnia III
- Clínica Médica dos Animais Domésticos I
- Terapêutica dos Animais Domésticos
- Tecnologia dos Produtos Animais I

7º semestre:

- Economia Rural
- Zootecnia IV
- Clínica Médica dos Animais Domésticos II
- Clínica Cirúrgica dos Animais Domésticos I
- Tecnologia dos Produtos Animais II

8º semestre:

- Fisiopatologia da Reprodução e Obstetrícia
- Higiene e Saúde Pública
- Clínica Cirúrgica dos Animais Domésticos II
- Sociologia e Extensão Rural
- Tecnologia dos Produtos Animais III
- Estágio Técnico Industrial

Primeiro Corpo Docente (1973):

- Educação Física – Professor Osvaldo Silva Usadel
- Biofísica – Professor Braz Francisco de Assis Moreira
- Histologia e Embriologia – Professor Celso José Santos
- Estudo de Problemas Brasileiros – Professora Suria Chedid
- Fisiologia – Professor Ernani Nerbass Borges
- Anatomia – Professores: Narciso Guilherme da Silva, Roberto Assis de Bem e Celso José Santos
- Bioquímica I – Professores: Sebastião Ivone Vieira e Ingelore Schäfer
- Bioquímica II – Professores: Sebastião Ivone Vieira e Adroaldo Servi Furtado

Galeria de Diretores ESMEVE/CAV (1973/2023):

- Paulo Londero Sperb

Primeiro Diretor-geral da ESMEVE (9/02/1973 a 6/01/1978, dia de seu falecimento)

- Rheno Rogério Vieira

Diretor-assistente da ESMEVE (1/07/1977 a 28/02/1978)

Diretor-geral da ESMEVE (1/03/78)

Diretor-geral do CAV (1980 a 1988)

- Sérgio João Dalagnol

Diretor-geral (1/03/88 a 28/02/92)

- Paulo César Cassol
Diretor-geral (1/03/92 a 10/02/94, quando se afastou para concorrer ao cargo de Reitor)
- Diretor-geral (8/05/2002 a 7/05/2006)
- Rogério Adonis Ribeiro Ramos
Diretor de Ensino, assumiu como Diretor-geral *Pro Tempore* de 11/02/94 a 7/05/94
- Ademir José Mondadori
Diretor-geral (8/05/94 a 7/05/2002)
- Adil Knackfuss Vaz
Diretor-geral (8/05/2006 a 7/05/2010)
- Cleimon Eduardo do Amaral Dias
Diretor-geral (8/05/2010 a 7/05/2014)
- João Fert Neto
Diretor-geral (8/05/2014 a 7/05/2018)
- Clóvis Eliseu Gewehr
Diretor-geral (8/05/2018 a 07/05/2022)
- André Thaler Neto
Diretor-geral (8/05/2022 até a presente data, no ato de lançamento desta Obra)

Diretoria no ano do 50º aniversário (2023):

- Diretor-geral – André Thaler Neto
- Diretora de Ensino de Graduação – Josiane Teresinha Cardoso
- Diretor de Pesquisa e Pós-graduação – Álvaro Luiz Mafra
- Diretor de Extensão – Rodrigo Figueiredo Terezo
- Diretor de Administração – Marcos Roberto Rodrigues

Cursos oferecidos no ano do 50º aniversário (2023):

Graduação:

- Agronomia
- Engenharia Ambiental e Sanitária
- Engenharia Florestal
- Medicina Veterinária

Pós-graduação:

- Bioquímica e Biologia Molecular (Mestrado e Doutorado)
- Ciência Animal (Mestrado e Doutorado)
- Ciência do Solo (Mestrado e Doutorado)
- Ciências Ambientais (Mestrado)
- Engenharia Florestal (Mestrado)
- Produção Vegetal (Mestrado e Doutorado)
- Residência em Medicina Veterinária (Pós-graduação *Lato Sensu*)

Programas especiais, setores e laboratórios no ano do 50º aniversário (2023):

Programas especiais/setores/laboratórios	Coordenador/Professor
Almoxarifado de Reagentes	Rogério Laus
Ambiência	Carlos Augusto de Paiva Sampaio
Análise de Água e Resíduos	Gilmar Conte
Análise de Solos e Calcário (Rotina)	Paulo Cezar Cassol
Análise Física do Solo (Rotina)	Álvaro Luiz Mafra
Análises Genéticas – DNA/Udesc	Altamir Frederico Guidolin
Anatomia	Ivaldo dos Santos Júnior
Animais Silvestres	Aury Nunes de Moraes
Avaliação de Impacto Ambiental	Valter Antonio Becegato
Avicultura e Cunicultura	Clóvis Eliseu Gewehr
Biofábrica	Aike Anneliese Kretzschmar
Bioquímica (Didático)	Maria de Lourdes Borba Magalhães
Bioquímica e Biologia Molecular (Pesquisa)	Luiz Cláudio Miletto
Botânica/Biologia	Alexandre Ferreira de Macedo
Casa de Vegetação (Didático)	Álvaro Luiz Mafra
Casa de Vegetação (Pesquisa)	Clovis Arruda de Souza
Dendrologia	Ana Carolina da Silva
Dendrometria	Marcos Felipe Nicoletti
Ecologia do Solo	Osmar Klauber Filho
Ecologia Florestal	Adelar Mantovani
Energia Alternativa	Olívio José Soccol
Entomologia	Cláudio Roberto Franco
Estação Meteorológica	Célio Orli Cardoso
Fábrica de Rações	Clóvis Eliseu Gewehr
Farmacologia	Amanda Leite Bastos Pereira
Física e Instrumentação	Carlos Tasião Leão
Física e Manejo do Solo	Jackson Adriano Albuquerque
Físico-química	Viviane Aparecida Spinelli Schein
Fisiologia	Ademir Cassiano da Rosa
Fisiologia Vegetal	Cristiano André Steffens
Fisiologia Vegetal e Fitopatologia (Didático)	Fábio Nascimento da Silva
Fitopatologia/Fitossanidade	Ricardo Trezzi Casa
Floresta Didática	Geedre Adriano Borsoi
Fruticultura	Leo Rufato
Gado Leiteiro	Henrique Mendonça Nunes Ribeiro Filho
Gênese e Mineralogia	Jaime Antônio de Almeida
Genética (Didático)	Altamir Frederico Guidolin
Genética e Biologia Molecular Vegetal (Pesquisa)	Altamir Frederico Guidolin
Geocomputação	Leonardo José Biffi
Geotecnia e Geologia	Raquel Valério de Sousa
Gestão e Economia Ambiental	Flávio José Simioni
Herbário – LUSC	Roseli Lopes da Costa Bortoluzzi
Hidráulica Ambiental	Eduardo Bello Rodrigues
Hidráulica, Irrigação e Drenagem	Olívio José Soccol
Hidrologia	Sílvio Luís Rafaeli Neto
Histologia	Celso Pilati
Horta Didática	Germano Güttler
Informática	Daiana Petry Leite
Inventário Florestal	Thiago Floriani Stepka
Laboratório CEDIMA – Bacteriologia	Sandra Maria Ferraz
Laboratório CEDIMA – Virologia	Ubirajara Maciel da Costa
Laboratório de Análises Biomoleculares e Genéticas (Anbiogen)	Carla Ivane Ganz Vogel
Laboratório de Anestesiologia	Nilson Oleskovicz

Laboratório de Climatologia e Estudos Ambientais (Labclimea)	Cláudia Guimarães Camargo Campos
Laboratório de Ecotoxicologia Terrestre	Osmar Klauberg Filho
Laboratório de Propriedades dos Materiais (LabMat)	Carlos Tasior Leão
Laboratório de Sustentabilidade e Estudos Ambientais (LASEA)	Juliana Ferreira Soares
Laboratório Didático I	Jaime Antônio de Almeida
Laboratório Didático II	Rogério Laus
Levantamento e Análise Ambiental	Mari Lucia Campos
Manejo e Crescimento Florestal	André Felipe Hess
Materiais e Construções	Rodrigo Figueiredo Terezo
Mecanização Agrícola	André Anibal Brandt
Melhoramento de Feijão	Jefferson Luís Meirelles Coimbra
Melhoramento Genético Vegetal (Pesquisa)	Jefferson Luís Meirelles Coimbra
Micropropagação Vegetal	Aike Anneliese Kretzschmar
Modelagem e Simulação Numérica	Daiana Petry Rufato
Museu de Entomologia	Mari Inês Carissimi Boff
Museu de Solos de Santa Catarina	Leticia Sequinatto
Nutrição Animal e Bromatologia	Henrique Mendonça Nunes Ribeiro Filho
Operações e Estradas Florestais	Jean Alberto Sampietro
Ovinocultura	Dimas Estrasulas de Oliveira
Parasitologia e Doenças Parasitárias	Anderson Barbosa de Moura
Patologia Animal	Renata Assis Casagrande
Piscicultura e Apicultura	Thiago El Hadi Perez Fabregat
Plantas Daninhas e Herbicidas	Antônio Mendes de Oliveira Neto
Plantas de Lavoura I	Luís Sangoi
Plantas de Lavoura II	Clovis Arruda de Souza
Pomar Didático	Aike Anneliese Kretzschmar
Preparo de Amostras de Solo e Tecido Vegetal	Osmar Klauberg Filho
Produção e Sanidade Animal	Sandra Davi Traverso
Química	Marcelo Alves Moreira
Química e Fertilidade do Solo	Paulo Roberto Ernani
Reprodução Animal	Amanda Leite Bastos Pereira
Sala de Equipamentos	Rogério Laus
Saneamento	Viviane Trevisan
Sementes	Cileide Maria Medeiros Coelho
Sementes Florestais	Luciana Magda de Oliveira
Setor de Armazenamento Temporário de Resíduos Perigosos (Satrep)	Juliana Ferreira Soares
Silvicultura e Restauração Florestal	Marcos Felipe Nicoletti
Suinocultura	José Cristani
Técnica Cirúrgica – Suporte Animal	Fabiano Zanini Salbego
Tecnologia da Madeira I	Polliana D'Angelo Rios
Tecnologia da Madeira II	Alexsandro Bayestorff da Cunha
Tecnologia da Madeira III	Martha Andreia Brand
Tecnologia de Alimentos	Cristiane Velho Pellizzaro
Tecnologias Limpas	Jeane de Almeida do Rosário
Toxicologia Ambiental	Indianara Fernanda Barcaroli
Tratamento de Água e Resíduos	Everton Skoronski
Uso e Conservação do Solo	Álvaro Luiz Mafra
Vitivinicultura – Cantina	Leo Rufato
Viveiro Florestal	Márcio Carlos Navroski

In Memoriam

Aldo Lucidorio Paes Martins
Antônio Enio dos Santos
Aristorides Machado de Melo
Assis Roberto de Bem
Blevio Tadeu Kauling
Clarinda Moreira Raitz
Claudete Schrage Nuernberg
Cláudio Semmelmann
Clito Zapelini
Flavio Krebs Ramos
Henry Antônio Carlesso
Huldo Cabral Cony
Imirene Pilar da Rosa
Iracema Rosa Rodrigues
Ivani Zechini Bueno
João Maria Padilha de Liz
João Maria Vieira de Souza
João Pedro Silva de Paula
Joaquim Lopes de Liz
José Maria dos Santos
Lauro Antônio Canto Petrucci
Leila Ramos Vieira
Lenita da Silva Barros
Loris Luiz Daros
Luís Heitor da Silva
Manoel Antônio Mariano
Marcio Camargo Costa
Marcio Henrique David
Maria Iolita de Liz Castro
Maria Theresinha Vieira
Mario de Souza
Maurilio dos Santos Junior
Nilsa Marilha Bastos
Nilson Hack
Paulo Eduardo Rocha Faria
Paulo Londero Sperb
Rhenno Rogerio Vieira
Sebastião Paim
Sebastião Alves dos Santos
Suria Chedid
Valdemar José de Lima
Valdemar Pelens
Vercidino Raitz
Yukio Otaki

REFERÊNCIAS

Udesc 40 Anos em Lages (1973/2013)

Recompilação: Fernando Canella

Diretor-geral: Cleimon Eduardo do Amaral Dias

Udesc, 2013

A Udesc e o Ensino Superior em Santa Catarina

Editora Udesc, 1973

Boletim Informativo CAV – Edição Histórica 15 Anos

Ano 2, n. 3, Distribuição Gratuita

Setembro de 1988

Acervo pessoal de fotos dos Professores:

Celso José Santos

João Fert Neto

Walter Hoeschl Neto

Ademir José Mondadori

Depoimentos dos Professores:

Adair Walter Antunes

Adelmar Tadeu Wolf

Ademir José Mondadori

Adil Knackfuss Vaz

Antônio Souza

Aury Nunes de Moraes

Celso José Santos

Cleimon Eduardo do Amaral Dias

Clóvis Eliseu Gewehr

Décio Luiz Poli

Ederson Padilha

Fernando Canella

João Fert Neto

Luiz Stolf

Nelson Sell Duarte

Paulo César Cassol

Pedro Higuchi

Sérgio João Dalagnol

Viviane Trevisan

Walter Hoeschl Neto

Portal Udesc/Centro de Ciências Agroveterinárias
www.Udesc.br/cav

Portal SciELO do Brasil
<https://www.scielo.br/j/acb/a/8jQH56v8cDtWGZ8yZdYjHHQ/?lang=pt>

Portal Wikipédia
https://pt.wikipedia.org/wiki/Ensino_superior_no_Brasil

Portal Web Artigos
<https://www.webartigos.com/artigos/historia-da-agronomia-no-brasil/135676>

Portal Ambiental Mente
<https://ambientalmente.eco.br/a-engenharia-ambiental-em-um-contexto-historico/>

Portal Central Florestal
<http://www.centralflorestal.com.br/2016/08/vicosa-ou-curitiba-as-verdades-sobre-o.html>

ORGANIZADOR:



Alex Moraes

Alex Rodrigues de Moraes é graduado em Comunicação Social com habilitação para Radialismo e Televisão. Pós-graduado em Criação e Produção para Comunicação. Cofundador e Diretor de Marketing da empresa Nativa Comunicação Integrada Ltda desde 2008. Consultor de empresas em Comunicação e Marketing, Produtor Audiovisual e Roteirista de Vídeos Comerciais e Institucionais. É Consultor de Marketing e Mercado pelo SEBRAE/SC de 2012 até presente data.

Foi roteirista dos documentários; “Para Sempre na Memória. Para Sempre Peritiba” e “Legados Ipirenses” que relatam a imigração

europeia a partir de 1917 para o Auto Vale do Uruguai em Santa Catarina; do documentário “Caminho das Pedras” sobre os achados arqueológicos nos municípios de Herval d’ Oeste e Joaçaba (SC); do documentário “Feriado na Vila” sobre a qualidade de vida degradante de uma comunidade em uma das cidades com maior índice de qualidade de vida do Brasil e; do documentário “Memorial à Paz”, sobre a história de Kazumi Ogawa, sobrevivente da Bomba Atômica de Nagazaki em 1945 e mais tarde, residente no Brasil (premiado nacionalmente no Festival Nacional de Cinema de Minas Gerais, exibido no Brasil e Japão e que provocou uma mudança turística/cultural na comunidade registrada em documentário).

No Campo Literário, foi vencedor do Prêmio Adjori/SC como Melhor Crônica de Jornal Impresso de Santa Catarina na época pelo veículo Pauta da Semana.

Autor do Romance/Ficção: “A Menina de Belluno” (2021) pela Editora Amazon.

Organizador do Livro Institucional: “Sociedade Catarinense de Medicina Veterinária – SOMEVESC 60 Anos” (2021), publicado pela Editora UDESC.

CAV 50 ANOS

CENTRO DE CIÊNCIAS
AGROVETERINÁRIAS
UNIVERSIDADE DO ESTADO
DE SANTA CATARINA (UDESC)



 **UDESC**
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA


Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

ISBN. 978-85-98565-70-1

